

MARIA CECÍLIA BARRETO AMORIM PILLA

**ESCOLA DE VIRTUDES
SOCIABILIDADES NO COLÉGIO CAJURU - 1907-1942**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre ao Curso de Pós-
Graduação de História, Departamento de História
da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:
Prof.^ª Dr.^ª Maria Luiza Andreazza

CURITIBA

1999

AGRADECIMENTOS

Ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes, sem o qual este trabalho não poderia ter se concretizado. Aos professores Maria Luiza Andreazza e Ana Maria Burmester, pela orientação e apoio. A CAPES pelo auxílio financeiro. Às alunas do Colégio Cajuru que tão gentilmente concederam as entrevistas. Pela paciência e amizade de Antônia e pelo apoio técnico de Ivonete. Aos amigos Wilson e Daniele, pelo incentivo. À minha madrinha Maria Helena, pelo desprendimento em emprestar documentos pessoais guardados há tanto tempo e com tanto cuidado. Aos meus pais, Antonio e Maria Theresa; meus irmãos, esposas e filhos: José Antonio, Maria Helena, Ana Maria, Carlos Manuel, Maria Clara, Amadeu, Gisele e minha tia Maria Eugênia. De forma muito especial à memória de minha avó Aida, que tanto influenciou na escolha do tema deste estudo. E, com amor, ao meu marido Valfredo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 CURITIBA: A CAPITAL REFINA SUA ELITE.....	4
1.1 O DESATAR DO PROGRESSO NA PRINCESA DO SUL.....	5
1.2 DESENHANDO A CAPITAL.....	11
1.3 “OSTENTANDO BULICIO; EXIBINDO SUSSURRO; FRACTURANDO PERNAS E COSTELLAS”.....	27
CAPÍTULO 2 A EDUCAÇÃO FEMININA CAJURUENSE COMO MISSÃO.....	38
2.1 A ORDEM É EDUCAR.....	38
2.1.1 As irmãs chegam ao Brasil.....	38
2.1.2 O contexto da fundação do Colégio Cajuru.....	48
2.2 O LIVRO DAS VIRTUDES CRISTÃS.....	59
2.2.1 Construindo um símbolo.....	75
CAPÍTULO 3 POR DETRÁS DOS MUROS.....	80
3.1 AS IRMÃS ACOLHEM TODAS COM CARINHO.....	80
3.1.1 A entrada no colégio.....	82
3.2 O COTIDIANO NO INTERNATO.....	
3.3 O ENSINO.....	97
3.4 HONRARIAS E CASTIGOS: FESTAS E ILUSTRES VISITANTES.....	105
3.5 PROTEGENDO-SE DOS MALES DO MUNDO.....	113
CONCLUSÃO.....	119
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124
1 FONTES.....	124
1.1 FONTES IMPRESSAS.....	124
1.2 FONTES MANUSCRITAS.....	124
1.3 FONTES ORAIS.....	125
1.4 FONTES DE IMPRENSA.....	126
1.5 PUBLICAÇÕES DO PERÍODO.....	126
2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
2.1 LIVROS E TESES.....	127
2.2 ARTIGOS E OUTRAS PUBLICAÇÕES.....	129

RESUMO

O presente estudo tem como base conceitos referentes à sociabilidade e em especial à aprendizagem da polidez. De forma específica, o trabalho está centrado na análise do ensino veiculado pelo Colégio Cajuru, que foi fundado em Curitiba com o objetivo principal de educar condignamente as meninas da elite local. A análise de fontes como o *Livre de Piété de la Jeune Fille*, entrevistas e documentos diversos, serviram para responder à questão que orientou o trabalho: a intenção da elite paranaense em escolher o Colégio Cajuru para receber e educar de forma diferenciada e diferenciadora suas filhas. O estudo abrange o período que vai de 1907, data da fundação da escola, a 1942, ano que passa a vigorar a Lei Gustavo Capanema. Apresenta, inicialmente, um cenário da Curitiba que, em meio a idéias de progresso, recebe um colégio com características especiais. Na sequência, a ênfase recai sobre a chegada das irmãs da Congregação de São José de Chamberry, que se instalam no Brasil a partir de 1859, e no final do século XIX no Paraná, com o duplo intuito, fornecer educação acurada às meninas da classe dominante, bem como garantir a difusão da religião católica. Ao lado disso, é feita uma sucinta análise da legislação da educação formal, principalmente da educação feminina. Por último, o estudo trata da estrutura e do funcionamento do Colégio Cajuru, analisando a das alunas internas e a introjeção de preceitos cristãos, acompanhados por regras de *savoir faire*, que as tornariam preparadas para assumir seus papéis na sociedade conservadora da época.

ABSTRACT

The present study is based on concepts concerning sociability and in especially the learning of politeness. Specifically, this work is focused on the analysis of the learning process at Cajuru School, which was founded in Curitiba with the main objective of provide suitable education to the local upper-class. The analysis of references such as *Livre de Piété de la Jeune Fille*, interviews and several documents, were useful to answer the question which directed this work the intention of the elite of Paraná in choosing Cajuru School to accept and educate more accurate their daughters in a different and distinguished way. The study involves the period from 1907, school foundation date, to 1942, the year when was put in effect the Gustavo Capanema's Law. In the beginning, it presents a scenario of Curitiba, who, in the middle of progress ideas, receipts a school with specials, characters. In the sequence, the emphasis remain on the arrive of the Sisters of Congregation of *São José de Chamberry* who have established in the Brazil since 1859 and in Paraná at the end of XIX century, with a double purpose, supply accurate education to the girls of dominant class as well as assure the catholic religion diffusion. Further more, a concise analysis about the formal education law is done, mainly female education. At last, the study approaches the structure and routine at Cajuru School, analyzing the routine of intern students and the introjection of Christians precepts together with *savoir faire* rules, that will prepare them to play their role in the conservative society at that age.

INTRODUÇÃO

A produção historiográfica contemporânea tem mostrado especial atenção a temas ligados à sociabilidade. Notadamente vêm ganhando importância os espaços de sociabilidade que a mulher foi conquistando na virada do século XX, tais como: o clube, a rua, os cafés, o cinema, o teatro, além da escola que a preparava para frequentar esses espaços. A motivação para trabalhar esse tema surgiu durante os anos de graduação em História, quando conheci a produção de Norbert Elias. Chamou-me atenção a maneira como o autor analisou em o “Processo Civilizador” a evolução dos costumes na sociedade ocidental, tendo como fontes manuais de civilidade. Mais tarde, e sob essa inspiração, utilizei manuais de boas maneiras e de economia doméstica da primeira metade do século XX, disponíveis nas bibliotecas dos colégios Nossa Senhora de Lourdes, o Cajuru, e Nossa Senhora do Sion, em Curitiba, como base para a elaboração da monografia de bacharelado em História.

Assim, num certo sentido, este trabalho busca dar continuidade a essas pesquisas. Pretende tratar de forma mais aprofundada as noções conceituais referentes à sociabilidade e em especial à aprendizagem da polidez pela elite paranaense. Especificamente, o estudo está centrado na análise da história do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o Cajuru, que se mostrou mais que simples colégio católico exclusivo para moças, uma escola de refinamento para as filhas da elite local.

Constituem fontes deste trabalho documentos de diferentes natureza encontrados na biblioteca do próprio colégio. Pastas com documentos avulsos sobre a história do Cajuru, ora contada pela própria instituição, ora escrita por aqueles que de alguma forma estiveram ligados a ele e registraram a evolução da instituição em jornais, termos de visita, artigos publicados em livros, listagens de alunas, boletins

informativos, e dados sobre o funcionamento da escola.¹ Acrescentei a esses documentos os livros de piedade usados no colégio: o *Goffiné*² (missal) e o particularíssimo *Livre de Piété de la Jeune Fille*.³ Este último possibilitou a análise dos temas relativos à sociabilidade sob outros enfoques.

As entrevistas com as alunas permitiram o resgate das memórias sob outro prisma, pois de acordo com Paul Thompson: “A história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como eles são vivenciados e lembrados na imaginação”.⁴ Complementam essa análise os objetos pessoais das alunas, tais como: cartas, fotografias, boletins, ícones de santos, entre outros.

Desde os primeiros manuseios dessas fontes impôs-se a questão da escolha do Colégio Cajuru para a educação da elite paranaense. Mais precisamente: o que essa elite buscava ao escolher um colégio católico francês que, apesar de se estabelecer em Curitiba em 1907, época de tantas agitações intelectuais e reformas estruturais da cidade, não pretendia empreender nenhuma inovação quanto ao ensino feminino.

Na tentativa de compreender essa e outras questões, o estudo está delimitado no período que abrange desde a fundação do Colégio Cajuru, em 1907, até a Reforma Federal do Ensino, Gustavo Capanema, em 1942.

O capítulo 1 descortina a Curitiba que recebeu esse colégio. Suas expectativas e as condições socioeconômicas que possibilitaram que o trabalho das irmãs combinassem seus projetos educacionais, enquanto instituição católica, com um universo cidadão que buscava o progresso tendo como baliza a civilização dos costumes nos moldes franceses.

¹ Todas essas séries documentais se mostraram mais completas a partir dos anos de 1930. Parecendo revelar que quando o colégio passou a ser oficialmente ginásio, passou a seguir formalmente as disposições legais, tudo precisou ser bem discriminado pela documentação.

² GOFFINÉ, Leonardo. *Goffiné*. O manual do Christão. 10ª-ed. em português. 1922.

³ FRÈRES, Aubanel. *Le Livre de Piété de la Jeune Fille au Pensionnat et dans sa Famille*. Avignon, s.d.

⁴ THOMPSON, Paul. *A voz do passado : história oral*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992. p. 184.

O capítulo 2 resgata o processo de instalação das irmãs de São José de Chamberry, que chegaram ao Brasil ainda durante o Segundo Reinado, para, além de implantar a missão católica ultramontana, fornecer educação refinada para as filhas da elite cafeeira que se consolidava no interior de São Paulo.⁵ Com a mesma missão, e aproveitando-se da intenção do Estado republicano em permanecer como fornecedor subsidiário do ensino no país, a Congregação chegou ao Paraná, onde também tiveram a garantia de veicular um ensino feminino voltado para a introjeção das virtudes cristãs sob o invólucro da *politesse française*, e capaz de velar pelas almas puras femininas protegendo-as do modernismo cientificista e liberal do ensino laico.

Tratando da construção física e da estrutura e funcionamento do colégio, o capítulo 3 analisa depoimentos que desvelam a rotina diária do internato, constantemente vigiada, sob os auspícios do “bom-tom”, e do *curriculum* que garantiria o preparo das moças para qualquer ocasião, desde a corriqueira vida doméstica, no trato com os empregados, até o fino convívio dos salões da alta sociedade, pois é nesses espaços que essas meninas demonstrariam na prática as aulas de polidez, as exigências da ordem, do recato, da dignidade, do pudor, da caridade. Ao longo de suas vidas, ostentariam, assim, os traços distintivos da comunidade cajuruense.

⁵ MANOEL, Ivan. *Igreja e Educação Feminina (1859-1919) : Uma face do conservadorismo*. São Paulo : Unesp, 1996. p. 49-50.

CAPÍTULO 1

CURITIBA: A CAPITAL REFINA SUA ELITE

“O local é excelente. O Clima é dos melhores. No alto de uma colina, a colina Cajuru, reina o silêncio, a calma, longe do barulho de Curitiba que cresce. Lugar maravilhoso para um internato. Famílias influentes da Capital insistem para que se abra uma Escola onde seriam levadas as suas filhas, a fim de que recebessem uma educação esmerada. Famílias do interior procuram meios para mandar as jovens estudarem em Curitiba, mas surge o grande problema, a grande dificuldade: “a quem confiá-las?”. (Sem grifo no original)¹

Em 1905, as Irmãs de São José, Congregação pertencente ao braço feminino dos jesuítas, provenientes da Savóia, França, que já estavam em Curitiba desde o final do século XIX, encontraram oportuno montar um “Pensionato- Escola”.² O local seria a bela propriedade na Vila Morgenau, conhecido como Cajuru, onde já havia um prédio construído, pelas próprias irmãs, com o intuito de abrigar uma escola. Pretendiam que o Colégio fosse inaugurado em 11 de fevereiro de 1907.

Curitiba, nesse período tinha cerca de 50 mil habitantes e vivia em compasso de modernização.³ Melhorias urbanas eram implantadas no centro e nos arredores. Tudo e todos tentavam se ajustar ao novo século. E é assim que a cidade recebe o Colégio Cajuru, durante um certo período, a escola preferida da elite paranaense.

¹ NOSSA HISTÓRIA. Colégio Cajuru. Pasta com documentos avulsos. Biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Curitiba.

² As Irmãs da Congregação de São José chegaram em Curitiba em 1896. Em 1899 haviam comprado um terreno de 15 hectares, situado a dois quilômetros da Capital. Desde 1901 as irmãs da Congregação viviam num pequeno sobrado. Começaram então a receber órfãs neste mesmo “chalezinho”. Em 1906 foi construído um pavilhão, separado do orfanato para ser o prédio do colégio. Assim começou o então Pensionato Nossa Senhora de Lourdes já em 1907, recebendo “as meninas de famílias mais abastadas que desejavam internar suas filhas”. Estatuto do Colégio Nossa Senhora de Lourdes de Curitiba. Ibid, idem.

³ DE BONNI, Maria Inês. *O Espetáculo visto do alto : vigilância e punição em Curitiba 1890-1920*. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998. p. 11. Sebastião Paraná calculava, em 1900, que Curitiba tinha 3.100 prédios, só no centro, fora os arredores, e 35.000 habitantes em todo o município (Revista Gran-Fina, 1940, p. 73).

1.1 O DESATAR DO PROGRESSO NA PRINCESA DO SUL

As idéias de “transformações percebidas no final do século XIX e no início do XX, em Curitiba resultam concretamente na “[...] constituição e/ou ampliação de um conjunto de práticas sociais que levadas a cabo pelos governos estaduais, com o objetivo de promover uma intervenção direta sobre o social, [...] visando adequar a administração pública às novas exigências de uma sociedade em formação, instruídos por concepções racionais de ‘progresso’, ‘ciência’ e ‘civildade’ ”.⁴

Tais concepções, guardadas as especificidades, tentavam acompanhar o pensamento reformista que inspirava as grandes metrópoles ao longo do século XIX. A ideologia do mundo ocidental nesse período estava impregnada de uma crença sincera no progresso – um mito baseado no significado de aperfeiçoamento, principalmente para os elementos das elites que se beneficiavam diretamente dos efeitos da modernização. Segundo Gay, a crença nesse mito atingiu, nessa época, todos sem exceção. Mesmo políticos radicais, utópicos ou científicos, estavam convencidos de que o progresso seria capaz de acabar com a escassez de alimentos e derrotar o grande fantasma que sempre assolou a humanidade, a fome; pois “[...] se havia o bastante para todos, o futuro não podia deixar de sorrir, e todas as expectativas estavam implícitas no presente. Para muita gente, as mudanças não constituíam uma ameaça, e sim uma promessa”.⁵

Essas novas formas de pensar que permeiam o mundo do século XIX, têm suas bases no movimento iluminista da segunda metade do século XVIII, que trouxe a idéia de progresso ligada ao desenvolvimento das ciências. Segundo tal corrente filosófica, os

⁴ FURTADO, Cláudia; NADAF, Mário Antonio M. E SANTA CRUZ, Teddy Ariel M. Da razão burguesa às pretensões totalizantes da vontade de verdade: o discurso governamental da segurança pública (1901-1903). In: Série monografias. Projeto: “ Viver em uma sociedade urbana- Curitiba 1890-1920”. **Boletim do DEHIS**. Curitiba : UFPR, 1989. p. 30-48.

⁵ GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud : A Educação dos Sentidos**. São Paulo : Companhia Das Letras, 1989. p. 43.

avanços científicos se dariam cumprindo etapas sucessivas, e é dessa forma que o progresso se relacionaria à idéia de processo civilizatório. Daí se extrai um conceito de civilização ligado à tecnologia, ao crescimento do conjunto de informações científicas em geral, à evolução dos costumes, e por que não dizer, das “boas maneiras”.⁶

Essa visão também é compartilhada por Nisbet quando enfoca os vários significados de progresso ao longo da história ocidental. Para esse autor o conceito de progresso a partir da Idade Média passou a obedecer essencialmente três critérios: “o respeito pela razão, conhecimento e ciência”. Da mesma forma, J.B.Burry também prioriza o significado de progresso cumprindo fases de um processo rumo à civilização, pois para ele: “[...] a idéia de progresso acredita que a humanidade avançou do passado – a partir de alguma condição original de primitivismo, barbárie, ou até nulidade – continua agora avançando e deverá ainda avançar através do futuro que possa ser previsto”.⁷

Nisbet prossegue nessa linha ressaltando o inegável otimismo em relação às melhorias dos conhecimentos nos campos das artes, das ciências, dos avanços tecnológicos que os novos tempos trazem, inclusive no que diz respeito ao controle do homem sobre os fenômenos da natureza.

Nesse aspecto Freud prevê o reconhecimento de um país como altamente civilizado se “ [...] descobrimos que nele tudo o que pode ajudar na exploração da Terra pelo homem e na sua proteção contra as forças da natureza – tudo, em suma, que é útil para ele – está disponível e é passível de ser conseguido”. Pois, segundo esse autor, nenhum aspecto é mais relevante para caracterizar o adiantado de uma civilização do que “[...] sua estima e seu incentivo em relação às mais elevadas atividades mentais do homem – suas realizações intelectuais, científicas e artísticas – e o papel que atribui às idéias na vida humana”.⁸

⁶ Para uma melhor compreensão da idéias de progresso ligada ao processo civilizatório e à evolução da sociedade ocidental, ver a primeira parte do livro “O Processo Civilizador. A Formação do Estado e Civilização” de (ELIAS, 1993, p. 23-63).

⁷ NISBET, Robert. *História da Idéia do Progresso*. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1985. p. 16-18.

⁸ FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro : Imago, 1969. p. 112-114.

Para que os conhecimentos não se tornassem prejudiciais à civilização, ainda segundo Freud, seria preciso estabelecer critérios para os avanços, tais como a garantia da limpeza, da ordem e da valorização do belo. A percepção da beleza estaria relacionada à capacidade humana em apreciar em primeira instância a natureza, e numa segunda instância tudo o que o homem cria, como a arte em geral. Outro sinal característico de civilidade seria a repugnância ao sujo, pois : “a sujeira de qualquer espécie nos parece incompatível com a civilização”. Relacionada à percepção da sujeira estaria então a busca do asseio e da ordem.⁹

A ordem para Freud estaria ligada não somente à idéia de regulamento, mas também à capacidade humana de utilização do espaço e do tempo. Em decorrência, o ordenamento das coisas era considerado peça fundamental na sociedade do século XIX. Ilustra esta premissa a construção das cidades, que conforme Mumford, segue “um rigoroso conceito de ordem matemática”, pois era preciso lutar contra as conseqüências de um universo citadino que crescia em meio à desordem e à destruição. Tornou-se imprescindível, além de construir as infra-estruturas baseadas numa ordem, respeitar a ciência que garantiria a salubridade e a higiene, que nessa época eram raras, não só nos espaços pobres, mas também nas habitações da elite. Sendo assim, era preciso armar um contra-ataque aos resultados do “progresso”, começando pela “arte do saneamento ou da higiene pública”.¹⁰

Da mesma forma que em Nova York e em outras cidades da época sentia-se a necessidade dessas reformulações urbanas, todo o Ocidente foi levado a uma revisão dos conceitos dos planos da reorganização da *urbs*. Revisão impulsionada, principalmente, pelas novas necessidades da elite de mais espaço para os jardins de suas residências, ar puro, fornecimento de água, enfim uma cidade ligada aos compromissos do luxo e da busca de conforto tão em voga na época.

⁹ Ibid, p. 113.

¹⁰ MUMFORD, Lewi. *A cidade na História : suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo : Martins Fontes, 1998. p. 487-513.

E Curitiba, assim como outras cidades do Brasil, também passou por uma série de reformas urbanas. Acompanhando as transformações espaciais da cidade, os valores elitistas no campo sociocultural também estavam impregnados de idéias civilizadoras; buscava-se um reordenamento dos valores do bem viver em sociedade, norteado por normas de civilidade fundamentadas nos moldes europeus. Os habitantes da cidade, que a cada dia tinha seu número aumentado, precisavam se urbanizar, precisavam aprender a viver nesse ambiente citadino regras de educação, regras de urbanidade. Então, junto à racionalização dos espaços, há também uma modelação dos comportamentos.

Dessa forma, outro aspecto do progresso, ligado irremediavelmente à civilização, seria o cuidado com as condições morais e espirituais do homem. Sendo uma das metas do progresso a perfeição da natureza humana, seria preciso priorizar os relacionamentos ensinando a humanidade a conviver em sociedade. E isso se faria num primeiro momento mediante a aprendizagem do controle dos instintos, como diria Elias, das “boas maneiras”, e, num segundo momento, num âmbito maior, por meio da organização e da intervenção do Estado e suas exigências legais.¹¹

Essas medidas civilizadoras e controladoras das pulsões eram norteadas por questões políticas, pois a sociedade paranaense ao longo do século XIX se formou sob a influência de dois grupos: os ervateiros e os homens dos Campos Gerais. Após a emancipação política da Província, os ervateiros vão tomar a incumbência do reordenamento dos seus espaços econômicos. Diante das atividades da erva-mate, viu-se encaminhar novas relações de trabalho e de mercado, ou seja, a introdução do trabalho livre e do livre mercado. Já a antiga aristocracia rural campeira ficou ligada aos tradicionais setores da economia brasileira, tais como o trabalho escravo e o mercado de abastecimento, cabendo-lhe, porém, o domínio da política paranaense e o incentivo à imigração européia. Mas, mesmo havendo diferenças entre a burguesia ervateira e a sociedade campeira, ambos os grupos de elite trabalharam em conjunto para o progresso do Paraná. Todos estavam “[...] impregnados de valores cosmopolitas

¹¹ FREUD, op. cit., p. 115-128. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador : A Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro : Zahar, 1993. v. 2. p. 195.

que os levaram, em bloco, a rejeitar os costumes populares, tentando instituir em seu lugar novas regras de urbanidade que consideravam mais civilizadas”.¹²

Dessa forma, essa sociedade paranaense passou a apresentar, a partir da segunda metade do século XIX, uma complexidade funcional suficiente para permitir a emergência de outros grupos em busca do poder. E isto se faria principalmente pela diferenciação social e pela distinção. Assim é que o imigrante vai se tornar importante na composição da sociedade paranaense na virada do século XX. Os imigrantes vão funcionar como contribuidores exógenos da modernização de Curitiba.¹³ Pois muitos deles, abandonando aos poucos as atividades agrárias, ou de mão-de-obra nas construções públicas, já haviam tomado o rumo da cidade, nela exercendo seus ofícios tipicamente urbanos. Inclusive nesse período muitos deles já tinham feito fortuna e adquirido a condição necessária para sua inserção nessa cadeia social.¹⁴

Assim, para viver nessa sociedade urbana e socialmente complexa, num tecido social formado por interdependências entre seus componentes, sentiu-se a necessidade da reorganização das maneiras. Nesse sentido é importante resgatar o pensamento de Elias, quando coloca que: “Toda essa reorganização dos relacionamentos humanos se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos ‘civilizados’”.¹⁵

¹² PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba : UFPR, 1996. p. 12-13. Para melhor compreender a formação das elites paranaenses na direção da economia e da política ao longo do século XIX; indica-se além dessa obra a de WESTPHÁLEN, Cecília; BALHANA, Altiva P. & MACHADO, Brasil P. **História do Paraná**. Curitiba : Grafipar, 1969. v. 1. p. 88.

¹³ NADALIN, Sérgio Odilon. **Processo de modernização do Brasil**. Curitiba : UFPR, 1972. Mimeo. p. 1-9.

¹⁴ Segundo os estudos de Cacilda Machado, e de outros autores por ela mencionados, muitos imigrantes embora entrassem no Paraná para exercer atividades agrárias, acabavam exercendo outras atividades. Mesmo porque muitos dos imigrantes, principalmente alemães, eram profissionais liberais, artesãos, comerciantes, intelectuais que vieram de núcleos urbanos. Mesmo a família por ela estudada emigram da Saxônia junto a um grupo de pessoas que possuíam profissão, são eles: dois sapateiros, um tipógrafo, um advogado e sua esposa, um médico e sua família, e até mesmo a um industrial e sua família, que apesar de terem viajado de primeira classe também estavam emigrando. (MACHADO, 1998, p. 13-15)

¹⁵ ELIAS, *op. cit.*, 1993, p 195.

Desse modo, implementa-se todo um aparato de regras de “boa educação”, um código que deve ser seguido pelas classes que desempenham as funções sociais mais importantes. Esses preceitos de conduta social podem ser em determinadas fases do processo civilizador, além de elementos diferenciadores, instrumentos de poder.¹⁶

Uma das primeiras medidas nesse sentido seria, na sociedade curitibana da época, rejeitar os costumes populares regionais de tal forma que qualquer pessoa de “bem” não gostaria de ser flagrada em situações consideradas como “não-civilizadas”. Era sinal de, nas palavras de Pereira, “não morigeração”. Segundo este autor, morigeração seria uma espécie de conjunto de atitudes que qualificava as pessoas como “civilizadas” ou não.

“Morigerados eram aqueles que compartilhavam do ideário de determinadas regras do trabalho e da acumulação. Também eram morigerados aqueles que sabiam comportar-se dentro de determinadas regras de etiqueta consideradas civilizadas. Não morigerados eram aqueles que contrariavam esse ideário de regras [...]”.¹⁷

E Pereira coloca ainda que essa mesma burguesia “urbanizadora”, principalmente aquela ligada à produção do mate, preocupada com o convívio cidadão, resolve seguir regras contidas em manuais de civilidade. Essas regras deveriam interferir e dirigir a convivência urbana, pois era preciso refinar os hábitos daqueles que queriam morar num mesmo espaço, inclusive, no que diz respeito às regras oficiais de urbanidade.

Em Curitiba, na virada do século, a ordem era afastar-se de tudo que remetesse a um tempo “primitivo” e “incivil”. Era preciso ligar-se ao polimento das atitudes sociais em busca de uma diferenciação das pessoas das categorias mais baixas, não somente “[...] nos sinais externos de *status*, mas também na fala, nos gestos, nas distrações e maneiras”.¹⁸

Nessa perspectiva, as concepções de “civilidade” desejadas na Curitiba da virada do século têm relação com idéia de “civilização” de costumes de Norbert Elias,

¹⁶ Ibid., p. 258.

¹⁷ PEREIRA. *op. cit.*, p. 12.

¹⁸ ELIAS. *op. cit.*, 1990, p. 251.

pois nesse sentido ele prevê que um dos significados de civilização “constitui um contraconceito geral a outro estágio da sociedade, a barbárie”.¹⁹ É justamente este estágio que deve ser esquecido.

A esse esforço civilizatório deveria corresponder uma série de mudanças nas estruturas das cidades: “Ordenar o espaço, disciplinar usos, controlar e regular hábitos”.²⁰

1.2 DESENHANDO A CAPITAL

Quando da emancipação política da Província em 1853, Curitiba estava longe de contar com uma infra-estrutura mínima que pudesse identificá-la como capital. Por isso mesmo, Zacarias de Góes e Vasconcelos programou algumas intervenções no espaço urbano e, para tanto contratou, o engenheiro Pierre Taulois. Este propôs melhoramentos nos traçados das ruas, e para o embelezamento da cidade, “arborizar e fazer passeios” em sua região central.²¹

Ao longo da segunda metade do século XIX, Curitiba vai continuar enfrentando problemas quanto ao fornecimento de serviços urbanos, principalmente de pavimentação, de iluminação, rede de água e saneamento básico.

Também a falta de abastecimento assolava os moradores da cidade. Ao contrário das regiões brasileiras que necessitavam de mão-de-obra para a lavoura de exportação, o Paraná nessa época carecia de mão-de-obra para a construção das obras públicas de infra-estrutura e para a agricultura voltada para o mercado interno. Com o intuito de suprir tais carências o fluxo imigratório aumenta significativamente depois de 1858. Esse período coincide com um movimento espontâneo de reimplantação de colonos alemães oriundos de Santa Catarina e que vêm se estabelecer em pequenas

¹⁹ *Ibid.*, p. 62.

²⁰ DE BONNI, *op.cit.*, p. 25.

²¹ RELACTÓRIO apresentado ao senhor Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná, por Caetano Alberto Munhoz, Secretário de Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública. Curitiba, 1894.

chácaras nos arredores de Curitiba.²² Esses alemães não vão se dedicar somente à agricultura; alguns deles vão preferir desenvolver atividades artesanais, prestar serviços ou procurar emprego em setores tipicamente urbanos.²³

Na década de 1870, nos arredores da cidade foi criado, na gestão do presidente da Estado Lamenha Lins, o “cinturão verde” como lugar destinado ao estabelecimento de colônias de imigrantes Assim instalaram-se na periferia de Curitiba poloneses, alemães, italianos, ucranianos e outros.²⁴

O imigrante vai acabar colaborando muito com o progresso curitibano, pois traz consigo inovações em muitas áreas, tais como: construções, comércio, serviços, alimentação e outros. Ermelino de Leão, diz que: “[...] o grande fator de notável desenvolvimento de Curityba, consistiu no movimento immigrantista que tingiu Curityba de ridentes e prósperos núcleos coloniais”.²⁵ Com efeito, os imigrantes vão ser considerados, ao longo do século XIX, agentes “civilizadores” inclusive auxiliando no processo de industrialização do Estado. Sua figura começava a representar a própria imagem da prosperidade paranaense.²⁶

O imigrante Miguel Müller, ou Miguel Alemão como era conhecido, morava com sua família desde 1833, em Curitiba, em sua chácara no Ahu. Foi o primeiro na

²² Desde 1829 os imigrantes estavam se estabelecendo no Paraná. Essas primeiras elevas deveriam satisfazer o desejo do governo federal de povoar os grandes vazios demográficos, bem como a necessidade de braços para a lavoura, de uma agricultura de abastecimento. Com o sucesso imigratório em 1879, somente no rocio de Curitiba já havia mais de vinte colônias. (BALHANA, A. P.; MACHADO, B.P.; WESTPHALEN, C. M., 1969, p. 156-168). Segundo Rocha Pombo, em 1900, Curitiba continuava pólo de atração de imigrantes, recebendo 60 famílias por mês. (POMBO, 1980, p. 141.).

²³ POMBO. *op. cit.*, p. 168.

²⁴ TRINDADE et al. **Cidade, homem e natureza** : uma história das políticas ambientais de Curitiba. Curitiba : Unilivre, 1997. p. 23.

²⁵ LEÃO, Ermelino. Curityba. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, Curitiba, v. XLVIII, 1993, p. 27.

²⁶ É bom lembrar que a maioria dos imigrantes que ingressaram no Paraná não era simplesmente agricultor. Muitos tinham profissão ou um ofício, na região de onde saíam. Por isso muitos vieram para Curitiba onde abriram seus estabelecimentos oferecendo seus préstimos, desde farmacêuticos, sapateiros, ferreiros, e outros. Alguns conseguiram depois um pouco de tempo um certo sucesso financeiro.

plantação de batatas inglesas e cultivava árvores frutíferas e hortaliças européias que introduziu nos hábitos alimentares dos curitibanos. Devido a essas contribuições, “inovou a vida curibana”. Miguel Alemão e sua esposa Ana Krantz conseguiram juntar capital e fundar uma ferraria tornando-se prósperos e “[...] deixaram uma descendência de elementos que participaram ativamente da vida social e econômica [...]” de Curitiba. Como homem bem-sucedido que se tornou, foi visitado pelo Imperador D. Pedro II, quando de sua visita a Curitiba, em 1880.²⁷

Quanto às construções, a influência desses estrangeiros parece ter contribuído também para a transformação física do quadro urbano. Gradativamente as construções do tipo colonial português foram substituídas ou pelo estilo germânico, com sótão, telhas chatas e paredes entremeadas de tijolos, ou pelo estilo italiano de linhas mais modernas e menos austeras.²⁸

Na alimentação, os alemães trouxeram a broa de centeio, a cerveja, entre outros. Os italianos aos poucos passam a dominar a fabricação de vinhos. Os poloneses, mais ligados à agricultura, acabam introduzindo novos hábitos alimentares ou reforçando antigos, ligados ao consumo de determinadas verduras e legumes, tais como o uso do repolho e do pepino.

Os alemães alteraram igualmente hábitos e costumes, como as comemorações natalinas. O presépio simples, representação da cena do nascimento de Jesus, foi incrementado com lindas árvores de Natal, o pinheirinho, que pesado de enfeites e cheio de presentes deixava o Natal (de quem podia!) muito mais bonito. “O pinheirinho, tornou-se em Curitiba um hábito definitivo, que se não pode eliminar sem que se arranque um pedaço da alma popular”.²⁹

²⁷ NADALIN, Sérgio Odilon. **Clube Concórdia**. Curitiba, 1972. Mimeo. p. 2.

²⁸ VÍCTOR, Nestor. **A terra do futuro** : impressões sobre o Paraná. Curitiba : Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. (Coleção Farol do Saber). p. 171. Nestor Víctor era um cronista paranaense que residia no Rio de Janeiro há alguns anos, quando esteve em Curitiba no final do século XIX. Mais tarde voltou a Curitiba em 1912, quando deixou mais algumas impressões sobre a “terrinha”.

²⁹ D’ASSUMPÇÃO, Pamphilio. Os pinheirinhos. In: **Revista Ilustração Paranaense**. Curitiba, 1930.

O imigrante também contribuiu para uma maior diversificação das atividades urbanas de Curitiba, notando-se o número elevado de casas comerciais que foram estabelecidas no centro da cidade naquela época, cujos proprietários eram estrangeiros. Os luso-brasileiros dominaram, até meados do século XIX, o comércio central curitibano, no ramo das livrarias, roupas-feitas, armarinhos e secos e molhados, principalmente na Rua XV de Novembro. Os italianos adentram o século XX com um número razoável de casas de ferragens e de secos e molhados. E os sírio-libaneses vão se especializando no comércio de armarinhos localizados no centro da cidade, nos arredores da Praça Generoso Marques, que mais tarde vai ficar conhecida como “Turquia Curitibana”.³⁰

Empenhados em fazer parte dessa grande cadeia de funções sociais, na virada do século XX, os alemães e os italianos procuram na divisão dos ramos das profissões de ourives, relojoeiros, alfaiates e barbeiros, mesmo que em alguns momentos se assemelhem mais a prestadores de serviços que a comerciantes. Havia ainda alguns imigrantes que, tendo formação especializada, trabalhavam como dentistas, a exemplo do Sr. Samuel Coblenz, fotógrafo, Sr. Adolpho Volk, ou como farmacêutico, Sr. Augusto Sttelfeld.³¹

Portanto, ao longo do século XIX parte dos imigrantes vão constituir uma “elite”, outros, compor as classe médias, podendo mostrar o desejo da diferenciação social, principalmente percebido num dos objetivos imigratórios para fugir da proletarização. Uma vez estabelecidos, muitos queriam se livrar agora da imagem do colono. Para tanto, era preciso civilizar-se, refinar hábitos, demonstrar bom gosto ou fazer questão de construir belos prédios para abrigar seus estabelecimentos, buscar a

³⁰ BOSCHILIA, Roseli. Cores da Cidade. Riachuelo e Generoso Marques. *Boletim da Casa Romário Martins*. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n. 110, mar. 1996, p. 20.

³¹ BERBERI, Elizabete; SUTIL, Marcelo Saldanha. Tiradentes. A praça verde da Igreja. *Boletim da Casa Romário Martins*. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, v. 24, n. 120, jul. 1997.

melhor educação para os filhos. E quem sabe, pertencer aos altos escalões da vida social e política de Curitiba e do Paraná na época.³²

Por outro lado, para o cronista paranaense Nestor Vítor,³³ no final do século XIX, alguns imigrantes, apesar de terem aumentado muito em número nessa época, ainda mostravam pouco entrosamento com a sociedade local. Isso estaria marcado pela conservação de sua língua, de seus hábitos e pelo trajar “exótico”. Para ele, na época, o casamento entre um brasileiro e um imigrante ainda não era visto com bons olhos.³⁴ As observações do cronista não se mostram alheias à realidade, ao serem analisadas pesquisas que comprovam essa resistência à exogamia de alguns grupos de imigrantes. Há estudos que revelam altos índices de endogamia para a população de origem italiana de Santa Felicidade, nos arredores de Curitiba, nos primeiros decênios do século XX, indicando que a essa comunidade manteve-se bastante coesa e fechada por todo o período. O mesmo foi comprovado para a colônia de origem polonesa do Abranches, bem como para comunidade luterana alemã de Curitiba.³⁵

Quanto às melhorias na infra-estrutura curitibana, as regiões consideradas “menos nobres” sofriam descasos das autoridades públicas. Desde o final do século XIX, as famílias ervateiras já preferiam construir seus palacetes no Alto da Glória e no Batel.³⁶ Seguiam o exemplo de Paris que, entre 1853 e 1870, sofreu intensas reformas orientadas pelo barão de Haussmann, “[...] procurando remover a população do antigo

³² Verifica-se ao analisarmos as listagens de alunas desde os primeiros anos da fundação do Colégio Cajuru que, ao lado de sobrenomes luso-brasileiros, destaca-se um número razoável de alunas com sobrenome de ascendência imigrante, principalmente italiana.

³³ VÍCTOR. *op. cit.*, p. 77.

³⁴ Os alemães, ainda que inseridos na vida urbana devido às atividades comerciais a que se dedicavam, ainda mantinham algumas características que os diferenciavam dos demais elementos da terra, tais como a manutenção da língua natal. Isso é marcado pelo fato de as crianças germânicas só frequentarem escolas alemãs, onde não existia o ensino da língua portuguesa.

³⁵ MACHADO, Cacilda da Silva. **De uma família imigrante**; sociabilidade e laços de parentesco. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998. p.40.

³⁶ BAHLS. *op. cit.*, p. 85.

centro, empurrando as classes populares para os bairros periféricos, onde se instalam as empresas fabris”.³⁷

A elite curitibana preferia afastar-se do burburinho da cidade e compartilhar o “verde” de suas residências com jardins bem planejados, abandonando os sobrados no centro das cidades, onde não havia lugar para “cercar suas casas de jardins, hortas e pomares”:

“Embora anteriormente já existissem algumas construções ‘modernas’ isoladas nos arrabaldes da cidade, as duas últimas décadas do século XIX seriam para Curitiba as décadas da consolidação do projeto *fin-de-siècle* de arquitetura e urbanismo. A cidade, até então conformada ao modelo da arquitetura colonial, começou a assistir à introdução em massa de novos elementos decorativos. A prioridade do enfoque espacial, que antes estava voltada para a rua, passou a recair sobre os objetos arquitetônicos. São características da época as fachadas ecléticas edificadas no alinhamento predial das ruas mais centrais da cidade.

Entre as residências construídas no período, a do Barão do Serro Azul (1850), [...] Bernardo da Veiga (1896), Manuel Miró, Francisco Fontana, Ascânio Miró, Zacarias de Paula Xavier, Manoel Macedo (1902) e Agostinho Ermelino de Leão (1906)”.³⁸

Outro motivo, dos mais relevantes, seria porque o afastamento físico representava o necessário distanciamento propiciado pela condição social e econômica que a elite havia adquirido ao longo do século XIX e que queria ver destacada aos olhos de todos. Ou seja, residir “refugiado” em determinados locais da cidade, principalmente nos bairros do Batel e do Alto da Glória, revestia-se, mais do que somente poder usufruir melhor dos “verdes pomares”, e da ostentação arquitetônica dos palacetes, da possibilidade de estar afastado da agitação do centro urbano e de tudo que de “primitivo” poderia estar impregnado nele: sujeira, pobreza, boêmios, vagabundos, prostitutas, além de outros hábitos “incivis”. “Esse asco do vulgar, essa crescente sensibilidade a tudo o que correspondesse ao menor refinamento das classes mais baixas saturava todas as esferas da conduta social [...]”.³⁹

Na esteira dessas novas idéias da organização do espaço de Curitiba e da necessidade do saneamento básico, foi inaugurado o Passeio Público em 1886. Em *O Dezenove de Dezembro*, o articulista exalta a iniciativa da construção do Passeio e aliviado desabafa:

³⁷ ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. São Paulo : Brasiliense, 1991.p. 21.

³⁸ PEREIRA, *op. cit.*, p. 128-129.

³⁹ ELIAS, *op. cit.*, 1990, p. 249.

“O nojento refúgio de répteis e insetos venenosos, o manancial perene de águas sujas em constante decomposição, o perigoso viveiro, onde brotavam e se desenvolviam as febres malignas e perigosas, o foco produtor, finalmente, de toda espécie de micróbios inimigos da saúde e da vida desapareceram, sendo substituído por um pitoresco e esplêndido jardim público, que constitui atualmente um timbre de glória para nossa capital”.⁴⁰

O então Presidente da Província, Alfredo d’Escragnolle Taunay, deu ênfase aos benefícios sanitários que tal iniciativa traria para Curitiba, e contemplava “[...] também valores estéticos e a criação de um local de recreio e contato com a natureza para os habitantes da cidade”.⁴¹ Mesmo porque a região onde se construiu tal Passeio satisfazia a elite ervateria local, que havia começado a construir palacetes localizados a poucos metros do empreendimento, porque, além do embelezamento do bairro (Alto da Glória), trouxe benefícios tais como serviços de transporte público e maior facilidade no fornecimento de luz elétrica, valorizando a propriedade. Segundo Pereira, esta era a nova forma de a burguesia urbana morar, em meio a *boulevares*.

“No Boulevard 2 de Julho morariam, rodeadas de árvores, algumas importantes famílias da burguesia ervateria. Elas buscavam um lugar afastado do centro comercial da cidade, onde ganhava forma outro boulevard paradigmático, o do comércio e dos prédios públicos (...). Nesta zona residencial, o burguês bem-sucedido apresentava a sua face tranquila. Longe do mundo dos negócios, ele e sua família poderiam ir ao Passeio Público”.⁴²

De acordo com o renomado professor Sebastião Paraná, em seu artigo denominado “Curitiba de outrora e de hoje”, apesar de ter escrito em 1930, a cidade de outrora pouco tinha para ser louvado:

“Vi Curityba enfesada, rachitica, pequenina, descalça, atolada na lama, iluminada por tenue e bruxuleante luz de espaçados lampeões a kerozene. Nesse tempo, eu e meus parceiros de diabruras, sentíamos regalo apedrejando os sapos que saltitavam às centenas, sobretudo nos dias chuvosos. Carros de bois chiavam pelas ruas sujas, cobertas de héras, de estrume de animaes que pastavam á vontade nas praças e no capinzal das sargetas.

[...] Gallinhas poedeiras, magras e gordas; perús de roda, gallos catadores ciscavam pelas valletas á cata de minhocas.

Não havia diversões, nem diurnas, nem nocturnas.

Desconhecidos os attentados ao pudor.

[...] Mas, com o decorrer do tempo as cousas se modificam. Os anos passavam como a areia na ampulheta; veio a Estrada da Graciosa; (...).

⁴⁰ O DEZENOVE DE DEZEMBRO, Passeio Público. Curitiba : 14 de agosto de 1886. p. 1.

⁴¹ TRINDADE et al. op. cit., p. 21.

⁴² PEREIRA. op. cit., p. 109.

[...] A linha ferrea – producto assombroso do engenho humano – galgou a serra do Mar, mergulhando em tunneis, transpondo viaductos suspensos sobre pilastras de granito; rodando, rilhando, silvando á beira de apavorantes precipios ! – vieram os bondinhos do Snr. Boaventura Clapp, arrastados por burricos magricelas, de ossos a espetarem a pelle e que só troteavam a golpes de rebenque ! Deu um passo á frente o systema de esgoto, sendo as dejeccões conduzidas por tres maquinas de sucção que tinham escarneo, as denominações de Opopanax, Violeta, Resedá! Cresceu o número de escolas, O Lyceu teve regular frequencia’.- Ninguem mais se lembrava das Congadas; das altas fogueiras ateadas nas ruas; do barbaro entrudo feito com seringa de folha de Flandres ou com laranjinhas cheias de agua perfumosa. O progresso desatava-se !”⁴³

Dessa forma vê-se o quanto a inauguração da Estrada de Ferro da Graciosa em 1885 representou a chegada do progresso para Curitiba, pois a partir de então passou a ligar a capital da Província a Paranaguá, porta de ligação com o resto do mundo. Isso incrementou e aumentou o comércio curitibano, enriquecendo os envolvidos neste ramo econômico.

Na década de 1890 “[...] Curitiba já apresentava um traçado bem mais elaborado, prevalecendo o traçado geométrico, entremeado por diversos largos e praças que compunham a área urbana”.⁴⁴ Porém, de acordo com um Relatório do Secretário de Estado do Paraná apresentado ao governador em 1894, Curitiba ainda sofria pela falta de energia elétrica e água potável, o que a tornava bastante insalubre. Além disso, a falta de esgotos e as ruas sem calçamento faziam de algumas regiões da cidade um lamaçal quando chovia.⁴⁵

No final do século XIX o Código de Posturas do Município definia o traçado das ruas, os alinhamentos prediais, técnicas de construção, arborização, normas de higiene e saneamento e regras de comportamento. Desde 1895, tal código permitiu que a Câmara de Vereadores de Curitiba legislasse sobre o espaço urbano.⁴⁶

Sentia-se em Curitiba nessa época uma urgente higienização. Pois muitos já conheciam as teorias da contaminação de Pasteur, ou seja, que as doenças se davam pela transmissão de microrganismos. Nesse sentido, Lewis coloca que:

⁴³ PARANÁ, Sebastião. Curityba de outrora e de hoje. *Revista Ilustração Paranaense*, 1930.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 106.

⁴⁵ RELATÓRIO apresentado ao senhor Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná, por Caetano Alberto Munhoz, Secretário de Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública. Curitiba, 1894.

⁴⁶ TRINDADE et al. *op. cit.*, p. 32.

“[...] Pasteur alterou a concepção do ambiente externo tanto quanto do interno dos organismos: virulentos organismos microscópicos vicejavam na imundície e no esterco, e em grande parte desapareciam, frente à água-e-sabão e expostos ao sol. (...) Os novos padrões de luz, arejamento e limpeza, que Florence Nightingale estabeleceu para os hospitais eram por ela levados até mesmo à sala de paredes brancas de sua própria casa [...]”⁴⁷

Porém, a antiga teoria dos miasmas ainda não havia sido esquecida e alguns higienistas continuavam a argumentar que, além da higiene, era preciso “desodorizar”, drenar pântanos, canalizar rios, calçar ruas para que o lamaçal fosse prevenido.⁴⁸

Médicos higienistas alertavam para o perigo das doenças que ainda pairavam sobre a capital do Estado. Assim, De Boni, coloca que:

“Higienizar implicava em drenar pântanos, alinhar e calçar ruas, retificar cursos de rios, instalar água encanada e rede de esgotos, arborizar praças prevenir focos potenciais de enfermidades onde estivesse (prédios, fábricas, cemitérios), adotar medidas preventivas, como vacinas e, principalmente, combater hábitos anti-higiênicos. Em suma, ordenar o espaço, disciplinar usos, controlar e regular hábitos”.⁴⁹

Por outro lado, algumas doenças acabaram sendo relacionadas a determinadas condutas reprováveis de indivíduos que viviam promiscuamente e “amontoados” nos sobrados no centro da cidade. Para além do asseio do meio físico citadino estava a idéia da higienização moral da cidade.⁵⁰ Por isso era preciso “limpar” todos os lugares habitados pelas “pessoas de bem”.

A pobreza deveria ser jogada longe dos olhos sensíveis da elite. Esse desejo também estava previsto nos projetos reurbanizadores da Comissão de Melhoramentos da Capital, que queria, além de alargar ruas e fomentar a construção de edifícios decentes, “expulsar para fora da cidade toda uma forma de existência malcheirosa e miserável metida nos velhos casarões de madeira”.⁵¹ Uma das formas encontradas teria sido o

⁴⁷ MUMFORD. *op. cit.*, p. 514.

⁴⁸ DE BONI, *op. cit.*, p. 32.

⁴⁹ *Ibid.*, p.24-25.

⁵⁰ RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A prevenção da decadência : discurso médico e medicalização da sociedade*. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998. p. 5.

⁵¹ RIBEIRO, Luís Carlos. *Memória, Trabalho e Resistência em Curitiba (1890-1920)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo : USP, 1985. p. 52.

expressivo aumento dos aluguéis dos imóveis das regiões que se queriam “limpas”, tais como algumas zonas consideradas nobres.⁵² Nesse sentido, Nestor Vítor coloca que “os pobres e os sapos vão indo cada vez mais para longe”,⁵³ referindo-se a essa transformação de Curitiba que em busca da civilização joga para a periferia os pobres e os problemas que poderiam influir negativamente comprometendo a beleza e a tranquilidade dos habitantes “de bem” da cidade. Garantia-se assim o afastamento daqueles que não sabiam conviver de acordo com as regras de “civildade” e que faziam lembrar um passado considerado não muito progressista e descomprometido com as regras importadas da Europa.

Ao serem retirados do centro de Curitiba, “os hotéis de má fama, os bares ruidosos, as casas de jogo e as ‘pensões de mulheres’, removiam-se a presença perigosa de vagabundos desocupados, desordeiros, meretrizes e ‘criadas polacas’. Esse distanciamento físico é sinal exterior de um repúdio às práticas proibidas pela moral e pela lei”.⁵⁴ Portanto, a Curitiba do final do século XIX não apresentava somente feições “coradas e alegres” que marchavam com otimismo rumo ao progresso, uma vez que essa busca da civilidade tinha um alto custo que recaía sobre a população mais pobre, obrigada a procurar novos lugares para “amontoar-se”.

Outro importante fator civilizador era a garantia da ordem e a organização da cidade e das condutas, nesse momento geradas pela necessidade de preservar a tranquilidade nas ruas e garantir segurança para seus “mais nobres” habitantes. Para tanto, o poder político era acionado usando medidas repressoras com os chamados “inimigos da ordem”. Em busca de um perfeito ordenamento desse espaço urbano era necessária uma organização vigilante de condutas que partisse do Estado. Em consequência, Curitiba ganhou um Código de Posturas que se preocupava

⁵² *Ibid*, p. 44.

⁵³ VÍTOR. *op. cit.*, p. 123.

⁵⁴ TRINDADE. *op. cit.*, 1996, p. 201.

principalmente com a limpeza e a conservação, mas que também continha regras sobre as condutas que previam o enquadramento do bem viver na cidade.⁵⁵

É nessa perspectiva que se encaixa a ampliação espacial da cidade nos últimos anos do século XIX. Observou Sebastião Paraná que Curitiba estava se desenvolvendo mais para o Ocidente do que para o Oriente. Analisando-se o mapa da cidade, o desenvolvimento caminhava para os lados do Batel. De fato, nessa época as chácaras do Batel, onde também reside a elite da cidade, queria receber os beneficiamentos que o Alto da Glória já havia recebido algum tempo antes, água, luz e linha de bondes.⁵⁶

Para alguns na virada do século parecia se confirmar o prognóstico de Avé-Lallemant, Curitiba realmente marchava “[...] com energia para um novo desenvolvimento”.⁵⁷ E começava a angariar qualificativos de seus ilustres moradores. Em 1900, para Rocha Pombo, Curitiba é uma das capitais mais belas, “mais opulentas, e grandiosas do Sul”.⁵⁸ Com essas palavras o autor parece seduzido pela quantidade de obras que o centro da cidade recebia nessa época. Nesse sentido Maria Inês de Boni coloca que diante de Curitiba: “Estariamos frente a uma cidade onde se encontrava concretizado o projeto político da classe dominante, ou seja, a ‘civilização’. Nela encontramos democracia, cultura, virtudes, beleza, bem-estar, confraternização, movimento, trabalho, lazer, enfim, ordem e progresso.” Por outro lado, previne os

⁵⁵ BENKERDORF, Carlos Augusto. Embriaguez, desordem e controle social em Curitiba (1909-1912). In: Série Monografias. Projeto: “Viver em uma sociedade urbana – Curitiba 1890-1920”. Boletim do DEHIS, Curitiba, n.1, 1989, p. 74.

⁵⁶ Revista Gran-Fina. Curitiba, out. de 1940, n. 9. p.73.

⁵⁷ O viajante francês Avé-Lallemant em sua passagem por Curitiba nos anos de sua elevação à capital da Província, havia marcado um cenário bastante desanimador, “[...] aí se vêem ruas não calçadas, casas de madeira e toda espécie de desmazelo, cantos sujos e praças desordenadas, ao lado das quais há muita coisa em ruínas e não se pode deixar de reconhecer evidente regeneração, embora não apareça nenhum grandioso estilo renascença [...] em resumo, a vila enfezada marcha com energia para um novo desenvolvimento”. (AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. São Paulo : Edusp, 1980. p. 274).

⁵⁸ POMBO, José F. Rocha. *O Paraná no Centenário: 1500-1900*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1980. 2 ed. p. 141.

testemunhos “ufanistas” sobre a cidade, principalmente os depoimentos de intelectuais de destaque na sociedade, tais como: Nestor Vitor, Emiliano Pernetta, Rocha Pombo, Romário Martins, Sebastião Paraná, podem induzir não a uma “[...] visão falsa ou mentirosa”, mas “edulcorada”.⁵⁹

Para garantir o avanço rumo aos modelos utópicos de uma cidade perfeita, era necessário um rígido controle das condutas, dos gestos, dos relacionamentos humanos em geral e a intervenção severa do Estado por meio de um corpo policial alerta, pronto para empreender medidas repressoras para proteger o comércio e o lazer em Curitiba.⁶⁰

Em busca da feição reformista das grandes cidades, em 1906 Curitiba foi dividida em zonas concêntricas que continuavam privilegiando as regiões centrais. A isso se seguiram muitas novidades embelezadoras que atravessam as principais praças e ruas da cidade. Logo, em 1907, nasceria a avenida Luís Xavier; um pequeno trecho entre a Praça Osório e a Rua XV de Novembro receberia saneamento, jardins centrais e fileiras de árvores, transformando-se “na menor avenida do mundo”. Nela “Homens de terno escuro, colarinho quebrados nas pontas, chapéu coco, bengala” formavam grupos ou passeavam por botequins e confeitarias.⁶¹

⁵⁹ DE BONI, *op. cit.*, p. 14-15.

⁶⁰ Em fins do século XIX, de acordo com dados obtidos pela pesquisa de Trindade, a organização policial de Curitiba era bastante precária. A cidade contava com 1 posto policial; 1 médico legista; a cadeia e o Regimento de Segurança. Em 1909 observa-se uma certa diversificação nos serviços policiais divididos em distritos e seções de distritos, Curitiba possui então: 2 comissariados de polícia. O corpo policial conta com o Chefe de Polícia dos Comissários e Sub-comissários de Polícia e dos Inspetores Policiais. Nesse ano também foi inaugurada a Penitenciária do Ahú. Em 1912, existem 1 Repartição Central de Polícia, 3 Postos de Polícia (Central, Batel e da Graciosa), 1 penitenciária, e Corpo de Bombeiros, 1 Guarda-Civil, com 92 homens, 1 Serviço Médico-Legal e 1 Gabinete de Identificação e Estatística. São criadas cadeias no Posto Central e no da Graciosa. Em 1916, o policiamento da Capital é feito pela Guarda Civil, pelo Regimento de Segurança e pela Guarda Noturna. Em 1920 as meretrizes são encaminhadas pelo Delegado do primeiro Distrito ao Dispensário Anti-Syphilitico. A partir de 1923, a “infância desvalida e o adulto desprotegido” são encaminhados para instituições beneficentes, das quais figura a Santa Casa de Misericórdia e o Orfanato do Cajuru (das Irmãs de São José). Em 1926 é criada a Delegacia de Polícia de Costumes com a finalidade de resolver problemas sociais como prostituição, vadiagem, vagabundagem, jogos e gastos, ultragem público ao pudor, de floramento, estupro, inspeção às casas de diversões públicas, alcoolismo, exposição e ministração de venenos e entorpecentes, ocultação, abrandamento e delinqüência de menores. (TRINDADE, 1992, p. 338).

⁶¹ SCHWINDEN, Antônia. **Palácio Avenida**. Curitiba : Casa de Idéias Editora de Vídeos, 1991. p. 140.

Na gestão de Cândido de Abreu, por volta de 1912 se intensificam as diversas desapropriações para o embelezamento da cidade, continuando a expulsar para a periferia da cidade os cortiços e casebres de madeira, que possuíam apenas um cômodo para abrigar diversas pessoas, agredindo assim, as mínimas noções de higiene.⁶²

O então prefeito promoveu em Curitiba incontáveis obras. Nesse ano, ele reformou a praça Tiradentes, enfeitando-a com dois repuxos e um coreto, e criou infraestrutura nas ruas que circundavam a praça para que pudessem receber cabos e trilhos para passarem os bondes elétricos. A praça foi revestida de macadame, saibro e seus jardins foram tratados cuidadosamente.⁶³

Nesse mesmo ano de 1912, Nestor Vítor, animado com o “canteiro de obras” que o centro da capital de seu Estado natal havia se transformado, elogia: “[...] Curitiba ganhava outro porte, lembrando uma camponesa antiga conhecida, que encontramos no fim de certo tempo já com donaires e a louçania de uma cidadã”.⁶⁴

“Cidadã” em todos os sentidos: “Aos dezenove dias do mez de Dezembro do anno de mil novecentos e doze, ás sete horas da noite, no recinto do Palacio do Congresso Legislativo do Estado, nesta cidade de Curityba, reunidos todos os lentes da Universidade teve lugar a sessão magna inaugural, de installação da Universidade do Paraná”.⁶⁵ Nascia a mais antiga Universidade do país. Em 1913, já funcionavam os cursos de Direito, Agrimensura, Odontologia e Agronomia.⁶⁶

As transformações urbanas continuaram intensas. Assim como a praça principal da cidade foi reformada segundo um planejamento e uma ordem, outras regiões também o foram. A Praça Generoso Marques, em 1913, deixou de ser o local do Mercado Municipal que foi transferido para a Praça Dezenove de Dezembro porque

⁶² *Ibid.*, p. 41.

⁶³ BERBERI, Elizabete ; SUTIL, Marcelo S. *op. cit.*, p. 22.

⁶⁴ VÍTOR. *op. cit.*, p. 82.

⁶⁵ UFPR. **Rumos da pesquisa** : uma história da pesquisa e pós-graduação na UFPR. Curitiba : Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1998. p. 10

⁶⁶ VÍTOR. *op. cit.*, p. 136-137.

o prefeito Cândido de Abreu tinha planos de construir naquele local a sede do governo municipal. É claro que a vontade do Prefeito nada mais era do que reflexo de uma necessidade de higienização de um centro comercial importantíssimo para a cidade que era a Praça Generoso Marques. Muitas lojas⁶⁷ eram freqüentadas por pessoas, que protestavam em transitar suas ruas e o Largo da Praça em meio a descarregamentos de frutas e legumes, lixo e outras desagradáveis conseqüências que um mercado traz, tais como mau cheiro. Seus planos foram colocados em prática, e em 1914 iniciaram-se as obras de construção do prédio que abrigaria a sede do governo municipal. Suas instalações ficaram prontas em 1916. Estava erguido um moderno edifício seguindo “um modismo eclético da época, com farta utilização de detalhes e desenhos art-nouveau”.⁶⁸ A partir de então, a praça que não se caracterizava pela ordem e higiene, por causa da presença do Mercado Municipal, passou a ser valorizada e preenchida com diversos edifícios construídos com esmero. Mas a área continuou sendo basicamente de intenso comércio.

A construção da Ferrovia da Graciosa não havia incrementado somente o comércio da cidade, a ferrovia significava muito mais, representava um espaço de exercício de sociabilidade. “Houve um tempo, na passagem para o século XX, em que a modernidade chegava a Curitiba de trem. E desembarcava na Estação Ferroviária da cidade”.⁶⁹ Em 1913 a Estação Ferroviária recebeu a energia elétrica. E acabou sendo mais um espaço especial de sociabilidade em Curitiba, especial porque era onde se esperavam com alegria as novidades e os amigos ou parentes queridos que chegavam, ou então viam-se mãos acenando com pesar para aqueles que se afastavam para curtas

⁶⁷ Lojas como a Famácia Strellfeld, Casa Shimidt (especializada em louças, ferragens, e outros produtos que a qualificavam como Secos e Molhados); a tipografia de A. Guimarães e Filho, que aí funcionava desde 1910; outra casa de Secos e Molhados e ferragens, a Casa Antonio Carnaciali, que ali funcionava desde 1880; e casa de fazendas, armarinhos e moda, tais como a Casa Edith. E o edifício Tigre Royal construído em 1916 depois das reformas na Praça Generoso Marques, certamente enlevado pelas melhorias empreendidas na região. (BOSCHILIA, 1996. p. 20--29).

⁶⁸ *Ibid.*, p. 18-20.

⁶⁹ HISTÓRIA DA FERROVIA. Exposição na Estação Ferroviária de Curitiba. Cartazes expostos.. 1999.

ou longas viagens de negócios ou de passeio. “A Estação Ferroviária passou a ser ponto de convergência da sociedade de Curitiba. Na plataforma *voyers* acenavam para a locomotiva que partia, ou aguardavam aquela que estava por vir. Ilustres que vinham pelos trilhos, como Santos Dumont, que saltou na Estação em 1916 [...]”.⁷⁰

Em 1919 as preocupações urbanas ganharam um novo aliado pois foi sancionado um novo Código de Posturas para a capital. Sempre respondendo aos anseios da busca da higienização da cidade, tal código proibia, por exemplo: “Lançar nas vias públicas vidro, lixo, imundícies, águas servidas, objetos imprestáveis, animais doentes ou mortos”.⁷¹

Desde os últimos anos do século XIX, a Rua XV de Novembro havia se transformado essencialmente numa rua que se dedicava ao comércio. Segundo Roseli Boschilia, seus moradores acabaram se sentindo, pouco a pouco, desconfortáveis em habitar a rua, e os andares superiores dos prédios acabaram se transformando em depósitos das casas comerciais que abrigavam no térreo.⁷² Teria sido esse um dos motivos que levaram a Rua XV de Novembro a tornar-se um dos pontos comerciais preferidos para a abertura de bancos, casas de comércio (em geral, mais elegantes do que em outros pontos da cidade), clubes, cafés e confeitarias.

As lojas que ofereciam artigos importados seduziam as mulheres da elite, que em busca da sofisticação da Curitiba que crescia, ao “fazerem avenida”, vislumbravam as lindas vitrines que ostentavam artigos importados. As principais lojas que recebiam artigos importados, principalmente europeus, eram a *Chic de Paris*, *O Louvre* e *A La Ville de Paris*.⁷³ Com a Primeira Grande Guerra, as lojas de produtos importados passaram a vender mais artigos norte-americanos, pois, além das

⁷⁰ *Ibid.*

⁷¹ TRINDADE et al. *op. cit.*, p. 32-33.

⁷² BOSCHILIA, Roseli. Rua XV e o comércio no início do século. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, v.23, nov. 1996, p. 113.

⁷³ *Ibid.*, p. 90.

dificuldades de comunicação com os países europeus, a influência do cinema americano já começava a interferir nos hábitos de trajar, pensar e se portar.

Situadas à Rua XV de Novembro havia muitas lojas finas de roupas feitas e acessórios para cavalheiros, senhoras e senhoritas “de bom gosto”. Tais como a *Pelleria Renard*, que oferecia “autênticas pelles, douradas, por um preço relativamente barato”.⁷⁴ O Grande Empório de Feres Merhy, casa também situada no mesmo endereço da citada pelaria, oferecia artigos “das principais fabricas da Europa, toda sorte de tecidos finos, fitas, rendas e mais enfeites”.⁷⁵ O *Chic de Paris*, funcionava num sobrado na Rua XV; oferecia aos curitibanos roupas feitas e também costurava sob medida para homens, mulheres e crianças. A *La Ville de Paris* era especializada em artigos masculinos e infantis. Havia também a *Chapelaria Modelo*, que situada à mesma rua, no número 33, abastecia de “gravatas, chapéus, bengalas e camisas finas”, os homens, para que certamente pudessem acompanhar os acessórios femininos encontrados nas finas lojas da Rua XV.

Outra loja importante no comércio de artigos de luxo foi *O Louvre*, que desde 1912 oferecia tecidos, perfumes, roupas de cama, artigos de decoração, salão de chá e barbearia. Segundo Roseli Boschília, os preços de suas mercadorias variavam de acordo com a qualidade do produto, o que indica o caráter diferenciador ao adquirir determinados artigos desta loja.⁷⁶ Um anúncio no Jornal Gazeta do Povo, em 1919 prevê: “Sem compromisso de compra, podem visitar e apreciar os nossos grandes sortimentos de artigos de verão. Tudo bom. Tudo moderno. Tudo barato.”⁷⁷ A Revista Gran-Fina, em 1940 garante à loja *O Louvre* o mesmo sucesso das décadas de 1910 e 1920, pois lhe confere o título de:

⁷⁴ Revista Ilustração Paranaense. Curitiba, 1930.

⁷⁵ Revista O Olhos da Rua. Curitiba, 1907.

⁷⁶ BOSCHILIA. *op. cit.*, p. 45.

⁷⁷ JORNAL GAZETA DO POVO. Curitiba, fev. de 1919.

“[...] um dos estabelecimentos de moda de maior importância” da cidade. Garante que a loja “ fez o milagre de tornar a elegância luxuosa – até bem pouco tempo um privilégio de ricos – ao alcance de todos, realizando com a facilidade de um mágico o sonho de vestir do rico ao remediado e do pobre”.⁷⁸ (Sem grifo no original).

1.3 “OSTENTANDO BULICIO; EXIBINDO SUSSURRO; FRACTURANDO PERNAS E COSTELLAS”⁷⁹

Em 1909 o Jornal A República noticiou um grande acontecimento de lazer em Curitiba, a apresentação da aeronauta Maria Aída que havia reunido um grupo de pessoas para ver seu vôo no Balão Granada.

“Como estava anunciada realizou-se ontem a ascensão do balão ‘Granada’, da empresa do conhecido aeronauta capitão Magalhães Costa. As quatro horas da tarde, o Passeio Público estava repleto de assistentes e meia hora depois a ascensão se fazia, nas melhores condições. O ‘Granada’ á voz de – ‘Larga tudo!’ – do maquinista, elevou-se a prumo e imponentemente, levando a sua arrojada passageira, a aeronauta Maria Aída, que dava vivas ao Brasil, acenando a bandeira nacional [...]”.⁸⁰

O curioso do acontecimento é que o balão acabou sendo levado pelo vento e desceu na Praça Tiradentes, onde caiu no telhado da Catedral. Maria Aída teve de ser auxiliada para descer pela clarabóia da igreja, onde foi logo aclamada pelo povo, que se reunia para ver, de longe, o vôo do balão. E a redação do jornal observa ironicamente, que o melhor do show foï visto por uma multidão que nada pagou pelo espetáculo, pois as pessoas que haviam comprado ingresso, desiludidos viram o balão enveredar para outro lugar.

Ir ao teatro consistia uma importante opção de lazer em Curitiba nas últimas décadas do século XIX e início do XX. O Teatro Theodoro foi inaugurado em 1884 e em 1900 foi reinaugurado e passou a ser chamado de Teatro Guaíra. O Teatro Thalia funcionava no Salão Hauer desde 1891, mais tarde ficou conhecido como Teatro

⁷⁸ REVISTA GRAN-FINA. Curitiba, n.9, out. de 1940.

⁷⁹ PARANÁ, Sebastião Paraná. Curitiba de outrora e de hoje. *Revista Ilustração Paranaense*. Curitiba, 1930.

⁸⁰ JORNAL A REPÚBLICA. Curitiba, abril de 1909.

Hauer. Na chácara do Desembargador Ermelino de Leão havia o Teatro Glória que era particularmente freqüentado pela elite. Os outros dois: Hauer e Guaíra, segundo Leandro, tinha um público variado socialmente.⁸¹

Numa notícia do jornal *Diário da Tarde* de 1905, o autor procura ressaltar o quanto o público curitibano havia se tornado exigente quanto aos espetáculos teatrais.

“Anuncia-se a vinda de uma companhia de operetas e revistas e mágicas, mas o nosso público, que é sobremodo exigente em coisas teatraes, indaga e opõe dúvidas se essa companhia será mais feliz que as outras, melhor organizada e capaz de livrar-nos dos desastres que têm perseguido as outras que aqui aportam e que se esfacelam em dois tempos”
[...] O público quer o tenor de voz firme e gestos simpáticos; soprano que vibre nos rondós, artistas, enfim que possam manter as scenas sempre vivas e quentes e a platéia em delírio”.⁸²

Desde os primeiros anos do século XX o cinema constituiu diversão das mais populares em Curitiba. Havia o Éden Cinema, na época Teatro Sidéria, o *Mignon* e o *Smart Cinema*.

O frio curitibano de agosto de 1908 dá uma bela oportunidade para as mocinhas e senhoras elegantes da cidade ostentarem suas “autenticas pelles douradas” compradas na *Pelleria Renard*, pois A *Revista O Olho da Rua* garantia para o Teatro Guaíra:

“Entre todos os varios espectaculos realizados pela companhia Santos, destaca-se o de domingo último pela estréa das atrizes Adelaide Enny e Maria Ines.

As duas noveis artistas que o teatro acaba de conquistar sahiram-se muito bem, demonstrando predicados excellentes para a ribalta, auxiliando-as poderosamente a boa dicção e as linhas expressivas de seu physico insinuante.

A peça levada á scena – A Honra -, era nova para a nossa plateia e agradou bastante.

Hontem realisou-se o festival artistico do sympathico Francisco Santos, director da companhia, com a representação do ‘Castello Historico’, ainda não representado aqui no Paraná”.

Ou para o Éden Cinema:

Este magnifico logradouro publico esteve regorgitante nos diversos dias em que funcionou.

As avenidas do attrahente parque floriram agradavelmente de gentis senhoritas que ostentaram elegantissimas toilettes. A nossa elite acorre em massa para o aprasivel centro de diversões onde encontra sempre momentos de verdadeiro prazer. No theatrinho foram apresentadas novos *films* que muito agradaram, umas pelo chiste e outras pelos diversos e imprevistos lances”.⁸³

⁸¹ LEANDRO, José Augusto. *Palco e Tela na Modernização de Castro*. Dissertação de Mestrado – UFPR. Curitiba, 1995. p.29-30.

⁸² GENÉSIO. *Aos sabbados*. Curitiba, Jornal Diário da Tarde, 10 jun. de 1905.

⁸³ REVISTA O OLHO DA RUA. *Theatros, parques e cynemas*. Curitiba, ago. de 1908.

Em 1920, a *Revista do Povo* garante que o Cine Central “é o *succo* dos cinemas”, localizado na Rua XV, “o mais elegante e preferido dos nossos cinemas, abre as suas portas à freguezia diária”. Com seus ‘*placcards*’ coloridos atraem atenção: um vaqueiro do Far West, de pistola aperrada, visa um ponto qualquer, enquanto uma dama desgrenhada arruma-lha forte murro no braço para que a pontaria se desfaça e o tiro homicida não atinja ... A quem? Ao amante, provavelmente, da dam surpreendida com a bocca na botija...”⁸⁴

De acordo com Nestor Vítor, um dos indicadores do desenvolvimento de Curitiba, em 1912, seria sua grande quantidade de cafés, que estavam localizados, justamente, na Rua XV. Era preciso conferir-lhe um aspecto cosmopolita, pois desde 1910 a rua era a preferida da elite curitibana. Dos cafés se destacam: o Guarany, o Grand Café, o Café Paraná é o que recebia o “escol” da sociedade, o Café Brasil, que foi inaugurado em 1920, ao lado do Teatro Elegante, que reunia intelectuais da época.⁸⁵ Tudo isso havia transformado essa rua em ponto de encontro da elite cultural e política da cidade, que buscava ampliar seus conhecimentos, adquirindo boas leituras nas livrarias, ou mesmo dialogar com amigos nos cafés, teatros, confeitarias, cinemas e outros pontos de encontro.

Todos os dias, à tarde, a Rua XV ficava muito animada. Essa rua oferecia às mulheres e mocinhas da elite da cidade, além de luxuosas vitrines para suas compras, locais para encontro, conversas e degustação de guloseimas. Nas confeitarias mulheres, homens e grupos familiares saboreavam doces da culinária tradicional brasileira como pão-de-ló, baba-de-moça, e deliciosos bolos recheados com doces de ovos; e também atrativos doces e salgados resultado das receitas trazidas pelos imigrante, tais como; *cuques*, *strudels*, *chineques*, *panetones* e outras deliciosas tentações da gula. A Confeitaria Queiroz oferecia doces finos e bombons expostos em

⁸⁴ REVISTA DO POVO – 1920. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, v. XLVIII, 1993, p. 347 – 348.

⁸⁵ BOSCHILIA, Roseli. A rua 15 e o comércio no início do século. In: Boletim informativo da Casa Romário Martins. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, nov. 1996, p. 67 – 68.

bonitas vitrines e prateleiras. Havia também a Confeitaria Universal, aberta desde 1894 por Roberto Bube de origem germânica; oferecia vinhos, licores, pão-de-ló, bombocados. Outras confeitarias chamavam a atenção dos curitibanos, tais como a Confeitaria Cometa e a Romanó. Esta última estava localizada onde até hoje está a também tradicional Confeitaria Shaffer, esta fundada em 1918 sob o nome de Leiteria Shaffer e que se tornou atração pelos seus deliciosos suspiros, sonhos, e empadinhas de camarão e palmito.⁸⁶

Cinco anos após sua inauguração, a avenida Luiz Xavier já se tornara o ponto de encontro preferido da população curitibana. Em 1912, segundo Nestor Vitor, “[...] esse é hoje o logradouro predileto da população curitibana. Todas as tardes e à noite aí dá *rendez-vous* a sociedade elegante, mas principalmente nos dias feriados. Bandas militares fazem retreta de vez em vez, e o povo naturalmente aflui, atraído por tão infalível chamariz”.⁸⁷ Nessa pequena avenida, no número 26 se encontrava *A Agencia Franceza*, que recebia “por todos os vapores as ultimas novidades em figurinos, revistas e outras publicações, européas e norte-americanas.”⁸⁸

Com efeito, desde 1909 essas novidades vestiam as senhoras e senhoritas elegantes da cidade. Para mostrar o quão desenvolvida estava a Curitiba do início do século, a *Revista O Olho da Rua* incumbiu uma repórter renomada de seu *staff* para fazer uma entrevista com uma distinta escritora de um jornal de Paris, que passava por Curitiba naquele ano. A entrevista deveria mostrar aos curitibanos as impressões da ilustre visitante sobre a “nossa terra”. Em especial sobre a moda, *Mlle.* apostou: “Em Curitiba, a moda, tenho notado, que não anda quasi atrasada. Depois do Rio de Janeiro me parece Curitiba, é a segunda cidade do Brazil, onde começam a usar as *nouveantés*

⁸⁶ *Ibid.*, p. 71 e 72.

⁸⁷ VÍTOR. *op. cit.*, p.123.

⁸⁸ REVISTA “NOSSA TERRA”. Curitiba, outubro de 1920.

de Paris”.⁸⁹ Que alegria! segundo a opinião da renomada francesa, Curitiba não ficava atrás de São Paulo nas novidades da moda.

Certamente essas inovações seriam encontradas na Rua XV de Novembro que, além de ser uma rua de intenso comércio, havia se tornado também centro de passeios de homens que iam em busca de conversas e novidades políticas e econômicas. Também já era possível encontrar mulheres que buscavam novidades nas lojas e conversas reservadas nos cafés. Segundo Cynthia Roncaglio, nos primeiros anos da República em Curitiba, em seu “[...] centro urbano, as mulheres cidadinas, elegantemente vestidas, trocavam por algumas horas os afazeres domésticos e os bordados para passear pelas ruas, observando através das vitrines os lançamentos da última moda ou assistindo com as amigas aos filmes do Éden ou Smart [...]”.⁹⁰

As pessoas se encontravam nas ruas, nos cinemas, outras, nas associações, que eram muitas. As associações imigrantes acabaram por influenciar a elite local que também passou a se organizar em clubes e grêmios. O imigrante alemão contribuiu muito para a criação de clubes a partir da década de 1870 em Curitiba. Segundo Nadalin, criaram cerca de 50 entidades, “marcando direta ou indiretamente, a vida social, econômica, cultural e mesmo política da cidade”.⁹¹

A maioria dessas associações acabou por se fundir umas com as outras formando entidades mais fortes, com maior número de sócios e mais rica para sobreviver. Este é o caso do Clube Thalia, que se originou do *Verein Alt Germania* (Associação Antiga Germânia), surgido em 1883 com o *Verein Thalia* fundado em 1882. Outro caso foi o do atual *Graciosa Country Club* que, fundado em 1920 sob o nome de *Graciosa Tennis Club*, teria se originado do *Sportklub Germania*. Este, instituído em 1914, foi extinto durante a Primeira Guerra Mundial, seus antigos sócios

⁸⁹ REVISTA O OLHO DA RUA. Secção feminina. Entrevista elegante. Curitiba, mar. de 1909.

⁹⁰ RONCAGLIO, Cynthia. **Pedidos e recusas** : Mulheres, Espaço Público e cidadania. Curitiba (1890-1934). Curitiba, UFPR, Dissertação de Mestrado, 1994. p. 68.

⁹¹ NADALIN, Sérgio Odilon. **Clube Concórdia**. Curitiba, mimeo, 1972. p.4.

então reuniram-se com elementos da sociedade luso-brasileira e fundaram aquela associação⁹², que já no início da década de 1930 havia se tornado o clube preferido da elite curitibana.⁹³

O atual Clube Concórdia, também associação alemã, começou a existir em 1869 pela “saudade da pátria e a vontade de preservar os costumes”. Foi fundado então o *Gesangreveln Germania*, que representava a ala antiga da associação, e o *Gesangreveln Concórdia*, criado em 1873, a ala jovem da comunidade; ambos se fundiram em 1884, e a associação passou a se chamar *Verein Deutscher Saengerbund*. Seus objetivos eram de “promoção de reuniões sociais, com canto, leitura, e conversações”.⁹⁴ Desde 1887 os sócios do Saengerbund já tinham sede própria. De acordo com Nadalin, essa foi uma data importantíssima,

“[...] não só para a vida da entidade, mas também para a vida da própria cidade, pois, a partir de então, a sociedade participaria cada vez mais da vida política, cultural e social de Curitiba, seja no relacionamento com entidades congêneras alemãs, seja na concessão dos seus salões para festas, concêrtos e reuniões diversas(contanto que não fôssem de caráter político), seja no contato com as autoridades políticas da região; enfim, na participação dos acontecimentos que felicitavam ou enlutavam a cidade e a Nação.”⁹⁵

Havia outras associações ligadas à comunidade alemã que sobreviveram, tais como a Sociedade Beneficente Rio Branco, antiga *Handwerker Unterstutzungsverein* (Associação Beneficente dos Operários Alemães), fundada em 1884, e que a partir de 1938 passou a se chamar Sociedade Beneficente Rio Branco, com sede construída em 1912 na rua Carlos de Carvalho, munida de salão de baile com palco e galeria, bar,

⁹² *Ibid.*, p. 6.

⁹³ Num primeiro momento os estrangeiros se reúnem socialmente pelo caráter étnico. Mais tarde, quando as diferenças econômicas vão acontecendo entre os imigrantes, estes passam a se aproximar de outros grupos sociais, levando-se em conta o caráter econômico. Fazendo com que clubes antes considerados exclusivamente de determinadas etnias passem a se tornar atrativos das classes sociais mais altas, independentes do grupo étnico. Este é o caso do Country Club, que primeiro foi um clube alemão seus sócios se reuniam pelo gosto de jogar tênis. Na década de 1930, o clube congregava todos os grupos da alta sociedade curitibana. Assim, com a urbanização e o enriquecimento de alguns descendentes de imigrantes, diluem-se as diferenças culturais, e agregam-se as sociedades pelas igualdades socioeconômicas, pela diferenciação social.

⁹⁴ NADALIN. *op. cit.*, 1972, p. 12.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 14.

restaurante e outras salas.⁹⁶ Em setembro de 1917 o Diário da Tarde publicou um artigo sobre um evento nessa sociedade sob o título de *Uma festa Chic*:

“Um grupo gentil de senhoritas de nossa alta sociedade, resolveu prestar carinhosa homenagem ao Batalhão de Tiro Rio Branco, que de modo brilhante se apresentou na capital da República, elevando lá o nome de nossa terra e conquistando brilhantemente o 1º lugar na grande parada de 7 de Setembro.

Em festa, que será uma alta nota da aristocrática elegância, realizar-se-á, provavelmente no próximo domingo, na sede do ‘Rio Branco’ e constará de um ‘chá-tango’ ”.⁹⁷

A Sociedade de Cultura Física Duque de Caxias, originada da *Deustch-Brasilianischer Turnverein*, fundada em 1890, por alemães que tinham como objetivo a prática da ginástica esportiva, na Segunda Guerra Mundial passou a chamar-se Sociedade de Cultura Física Jahn e depois Sociedade de Cultura Física Duque de Caxias. Após a Primeira Guerra passou a chamar-se Clube Ginástico Teuto-Brasileiro, até 1982, quando recebeu a denominação de Clube Duque de Caxias.⁹⁸ Em outubro de 1913 foi inaugurada sua sede na rua Dr. Muricy, e o Jornal o Diário de Tarde noticiava a sua festa de inauguração: “Prevenimos que será esse um ruidoso acontecimento, que fará entusiasmo nos allemães de Curitiba”.⁹⁹ Anunciava também um extenso programa para a festa, com números de orquestra, cantos e muitos exercícios físicos. Era nessa sede da Dr. Muricy que, nas décadas de 1940 e 1950, reunia-se seletto grupo de moças e rapazes para os famosos chás de Engenharia que se realizavam aos domingos à tarde.

Entre as associações ligadas à comunidade alemã que sobreviveram estão ainda a *Sociedade Helvetia*, fundada em 1915 por suíços, e a Sociedade Beneficente e Recreativa dos Austríacos, fundada em 1928. Estas últimas, apesar de serem de suíços

⁹⁶ DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba : Livraria do Chain, 1991.p. 471472.

⁹⁷ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 26 de set. de 1917.

⁹⁸ DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO DO ESTADO DO PARANÁ. op. cit., p. 83

⁹⁹ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 11 de out. de 1913.

e austríacos, respectivamente, pertenciam à Junta Alemã, ou seja, eram considerados parte da comunidade germânica.¹⁰⁰

Mas não eram somente os alemães que apreciavam as reuniões; os poloneses também não perdiam uma oportunidade para promoverem festas. Das associações polonesas havia a Sociedade Polono Brasileira *Tadeu Kosciuszko*, a primeira sociedade polonesa do Brasil, fundada em 1890. O Círculo da Mocidade Polonesa, fundado em 1901. O jornal *Diário da Tarde*, em 1905 publicou uma reunião um pouco conturbada, mas bastante animada, de poloneses que se reuniram para angariar fundos para as escolas polonesas da cidade. Na seção *Theatros e Diversões* sob o título *Festa Polaca*, encontram-se detalhes do evento:

“Conforme estava anunciado, realizou-se ontem á noite, no salão Hauer, o grande festival organizado em beneficio das escolas polacas.

O salão encontrava-se devidamente ornamentado com escudos e folhagens.

A concorrência foi enorme, achavam-se repletos de famílias os camarotes e o salão.

Teve lugar o concerto vocal e o instrumental, recebendo os seus executantes calorosos aplausos.

A kermesse correu animadíssima, assim como as dansas.

Infelizmente, porém o festival que corria esplendidamente, teve um desmancha prazer: foi a luz elétrica que se apagou inopinadamente, deixando o salão quasi ás escuras, ‘aluminado’ apenas por alguns pequenos lampiões.

A despeito desse contratempo, a festa continuou animada.

Depois de grande demora, os fogos elétricos funcionaram de novo, e o festival prosseguiu com redobrado entusiasmo”.¹⁰¹

A pretexto político, a *Secção Feminina Poloneza* no Jornal *A República*, em 1914, veicula convite à comunidade polonesa para uma festa em solidariedade ao movimento de libertação da Polônia:

“Temos a honra de convidar as exmas. famílias coritibanas para uma festa que terá logar no Parque Polonia, domingo 6 de Dezembro, á rua Comendador Araújo nº 69, ás 2 horas da tarde, em beneficio do movimento libertador da Polonia e da escola polaca em Coritiba, terminado com um concerto e espetáculo representado pelas crianças da escola”.¹⁰²

Das sociedade italianas destaca-se a *Societá Giuseppe Garibaldi*, fundada por imigrantes italianos, incluindo porém desde o seu início associados brasileiros.

¹⁰⁰ NADALIN, *op. cit.*, 1972, p. 7.

¹⁰¹ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 03 de abr. de 1905.

¹⁰² JORNAL A REPÚBLICA. Curitiba, 05 de dez. de 1912.

Começou com a fundação em 1883 de uma escola, a Escola Garibaldi, em 1887 construíram uma sede. Mais tarde esta escola foi transformada, por dificuldades financeiras para sua manutenção, em Sociedade Beneficente. Sua sede foi construída com projeto do engenheiro italiano Ernesto Guaita, com fachada de João Mio e a sua escada interna foi doada por Santiago Cole. Em 1904 estava concluída e seus muros foram levantados em 1918. Entre seus fundadores figuram curitibanos ilustres, tais como o Barão do Serro Azul e Francisco Fontana, na época ambos ricos ervateiros. Sua sede está até hoje situada no setor histórico de Curitiba.¹⁰³ Outras associações italianas da época estão a Sociedade Beneficente Ítalo Brasileira, fundada em 1916, atualmente Sociedade D. Pedro II, e a Sociedade Beneficente Dante Alighieri, fundada em 1921.¹⁰⁴

Em 25 de setembro de 1881, sob a direção provisória do Comendador Ildephonso Pereira Correia (Barão do Serro Azul), foi fundado o *Club Curitybano*. Cujos objetivos principais eram “promover toda a espécie de passatempo útil, recreativo e instrutivo – jogos lícitos, dança, leitura e conferências”. Para ser seu sócio era preciso ter mais de dezoito anos, “ter ocupação honesta e apresentar bom comportamento, sendo proposto à diretoria por um ou mais associados”.¹⁰⁵ Em 1882 o clube passou a funcionar na esquina da rua São Francisco com a atual Barão do Serro Azul, e no andar superior as famílias de seus sócios divertiam-se dançando em seus bailes.

Na virada do século o clube havia se transformado num lugar de encontro bastante intelectualizado; freqüentavam suas instalações célebres figuras do espaço cultural da cidade na época, tais como: Dario Vellozo, Silveira Neto, Leôncio Correia, Sebastião Paraná, entre outros nomes. Além disso, denotando os “sinais dos novos tempos”, as esposas e filhas dos sócios aproveitavam diversas atividades que o clube oferecia, reuniões culturais, conferências e concertos.¹⁰⁶

¹⁰³ DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO DO ESTADO DO PARANÁ. *op. cit.*, p. 472.

¹⁰⁴ TRINDADE, *op. cit.*, p. 327-336.

¹⁰⁵ ANDREAZZA, Maria Luíza e LEANDRO, José Augusto. *Clube Curitibano. 114 anos de História*. Curitiba, Revista do Clube Curitibano, Edição Especial, 1995. p. 4.

¹⁰⁶ *Ibid.* p. 8-13.

Não é à toa que uma das mais importantes associações femininas da época, o Grêmio das Violetas, estivesse ligado ao clube. A associação surgiu em 1894 por um grupo de moças da alta sociedade curitibana e que se reunia e preparava muitas festas, chás dançantes, além de garantir a animação dos carnavais com seus “graciosos” blocos que almejavam a premiação das melhores fantasias.¹⁰⁷

Ligada ao Clube Curitybano, mas não restrito a realizar festas somente em sua sede, em 1919, O Jornal a Gazeta do Povo avisa na seção de *Notas Galantes*:

“Em 13 do corrente o Gremio das Violetas realizará, nos amplos salões da sociedade Teuto-Brazileiro¹⁰⁸, um grande baile a phantazia.

As gentis senhoritas que compoem o gracioso conjuncto das Violetas comparecerão phantaziadas de “*Pierreti*”, e divididas em varios grupos cada qual com a sua côr. Cada senhorita será acompanhada de um guapo “*Pierrot*”, trazendo as mesmas côres do grupo a que ella pertencer.

Os salões do Teuto serão ornamentados a capricho; os convidados encontrarão alli todo o bem estar possível: amplo salão de dansas, salão de palestra, de jogos e magnífico “buffet”.

Assim, não precisamos ser prophetas para augurar às Violetas esplendido successo.”¹⁰⁹

Outras associações, cada qual conforme sua origem, tais como a Sociedade Beneficente Portuguesa 1º de Dezembro, fundada em 1878; a Sociedade Beneficente 13 de Maio, fundada em 188; a Sociedade Beneficente União Syria, fundada em 1900; a sociedade Beneficente Israelita do Paraná, fundada em 1900; a Sociedade Hespanhola Cervantes, fundada em 1901, entre outras, também promoviam inúmeras festividades para seus associados.¹¹⁰

Havia também clubes ligados diretamente ao gosto e à valorização da prática de determinados esportes. Tais como o *Vela Club de Coritiba*, que aparece noticiado no jornal *Diário da Tarde* em agosto de 1913:

“Hoje haverá uma reunião no novel Vela Club Coritiba para tratar-se da inscripção para o raid a realizar-se no dia 28 de setembro proximo.

A directoria do Club está realizando para o mesmo dia uma prova para senhoritas outra para meninos, resistência, velocidade e uma de ‘perde-ganha’.”¹¹¹

¹⁰⁷ *Ibid.* p. 14-19.

¹⁰⁸ Atual Clube Thalia.

¹⁰⁹ JORNAL GAZETA DO POVO. Curitiba, 3 de fev. de 1919.

¹¹⁰ TRINDADE, Etelvina de Castro. *Clotildes ou Marias*: Mulheres de Curitiba na 1ª República. Tese de Doutorado, USP, 1992. P. 327-336.

¹¹¹ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 30 de ago. de 1913. A fundação oficial do Vela Club de Coritiba data do ano de 1923. (TRINDADE, 1996, p. 333)

Em abril de 1920, na secção esportiva do jornal *Diário da Tarde*, aparece uma notícia sobre um campeonato organizado pelo *Internacional Basket Ball*, uma secção de jogos e brincadeiras e uma partida de futebol feminino:

“O fidalgo gremio sportivo acima referido, formado por gentis senhorinhas do escol curytibano, realizará amanhã à hora 14, no magnífico “ground” do Internacional Foot Ball Club o campeonato suizo de foot ball por senhorinhas.

Os *teams* que vão disputar esse esperado match ficaram assim organizados: Team preto: srtas. Lourdes Marçallo¹¹², Helena Albuquerque, Frida Uhle, Fani Jouve e Irmina Miró. Team azul: srtas. Miroca, Irmina, Luizinha, Rosinha, Aliminia Uhle, Rosinha Meyer e Alcina Rocha. Team rosa: srtas. Irene Bindo, Aracy Balster, Alice Hatsbach, Elséa Scheitz, Hercia Balster.

Além do match de foot-ball, haverá outros jogos esportivos, como ‘corrida de cigarros’ disputado pelas senhorinhas Lourdes, Miroca, Irminia, Luizinha, Rosinha, Alcina, Helena, Frida e Heminia. Finalizará essa belíssima festa ao ar livre com uma ‘Polonaise’ e uma surpresa”.¹¹³

Nesse cenário urbano em constante desenvolvimento também cresceu e se consolidou o Colégio Cajuru. Durante quatro décadas (1907-1942) de auge, o colégio formou as diletas filhas da elite. Certamente as elegantes da cidade, as caridosas senhoras de associações beneficentes, as desveladas mães das “[...] senhoritas da melhor sociedade da nossa Capital [...]”, que se encontravam todo domingo, “[...] munidas de seus chapéus e sombrinhas [...]” na “[...] sahida da Cathedral após a aristocratica missa das 11”.¹¹⁴

¹¹² Aluna do Colégio Cajuru, onde aí ingressou em 1914. (Listas de alunas do Colégio Cajuru).

¹¹³ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 19 de abr. de 1920. O Internacional Basket-Ball, clube feminino, tem sua fundação datada em 1923. (TRINDADE, 1996, p.333).

¹¹⁴ JORNAL DE DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, dez. de 1927.

CAPÍTULO 2

A EDUCAÇÃO FEMININA CAJURUENSE COMO MISSÃO

“Coração de mulher! Forma-lo, attendendo ás multiplas scintilantes facêtas em que elle se apresenta na sociedade moderna é, indiscutivelmente, tarefa difficil, nobre e de summa importancia. Para a Patria é valiosissimo contributo; para a Familia, porque não dizel-o. é a sua propria constituição; e para corôa ao coração feminino, não se pode dispensar á sua integral formação o elemento religioso”.¹

2.1 A ORDEM É EDUCAR

2.1.1 As irmãs Chegam ao Brasil

Colégios da ordem, de São José de Chamberry, haviam sido fundados no Brasil desde meados do século XIX, tais como os de Franca e de Bauru, em São Paulo. Esta Congregação chegou ao Brasil no bojo do projeto missionário que incluía a vinda de outras ordens. Mas as irmãs de São José vinham principalmente para educar as meninas das famílias da elite brasileira. Sua origem francesa e o cuidado especial à educação refinada davam o toque do estudo diferenciador.

Desde o Brasil colonial, os jesuítas ministravam um ensino alheio à realidade da vida daquela época. Assim, da mesma forma, as Irmãs de São José de Chamberry, braço feminino da ordem dos jesuítas, também foram chamadas ao Brasil para oferecer um ensino que compartilhasse dos interesses da elite brasileira: não modificar as estruturas da situação do ensino feminino no século XIX e mesmo durante bom tempo do século XX.

Segundo Jean-Claude Caron, a classe dominante encontra refúgio no ensino privado. No caso dos colégios religiosos os alunos carentes só eram aceitos com vista à preparação para o sacerdócio.

¹ GUERIOS, José Farani Mansur. *Termo de visita ao Colégio Cajuru*. Curitiba, jun. 1934.

“A escola desempenha um papel essencial: indireto no caso da escola primária que, dando os rudimentos necessários ao povo, supostamente o ‘civiliza’ e o faz admitir a supremacia da classe ‘superior’; direto no caso do ensino secundário que, mais ainda que o ensino superior, é a antecâmara de uma posição social como herança familiar em sempre permite”.² (Sem grifo no original).

A escola nas sociedades contemporâneas transformou-se, assim, em um instrumento de obtenção e/ou manutenção da cultura, do poder e do prestígio social. E, em muitos casos, buscava-se a educação com o invólucro dos valores católicos.

Porém, nem toda a sociedade “burguesa” era católica. Os ideais da educação, em geral, andaram paralelos aos do racionalismo. Este, no mais das vezes, foi anti-clerical e adepto do livre-pensamento. Considerando que a educação, em boa parte, era veiculada por religiosos, houve a necessidade de desenvolver um ensino laico, isto desde o século XVIII. No caso específico de Curitiba, o “surto educacional” com bases católicas, das primeiras décadas do século XX, não excluiu a escola laica e/ou pública. Há inclusive, uma grande querela nesse sentido, travada pelos clericais e pelos anti-clericais e livre-pensadores.³

Por isso mesmo, saindo em defesa da manutenção do *status* e em defesa de um ensino católico, em algumas regiões a própria oligarquia ajudou financeiramente o estabelecimento do colégio das Irmãs de São José de Chamberry. Foi o caso do interior paulista; por iniciativa do bispo D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1894), precursor da política ultramontana⁴ no país, as Irmãs de São José fundaram em Itu, seu

² CARON, Jean-Claude. Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do século XVIII – fim do século XIX). In: *História dos Jovens*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996. v. 2, p. 188.

³ TRINDADE. *op. cit.*, 1996, p. 105-113.

⁴ O Ultramontanismo é a reação da Igreja Católica ao mundo moderno, ao capitalismo, ao iluminismo, ao liberalismo e a todo conjunto de novas idéias que começam a aparecer depois da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Segundo os ultramontanos, o mundo moderno é um imenso perigo para a salvação da alma, porque a modernidade se baseava na liberdade de pensamento e de consciência, liberdade social e liberdade política. Ou seja, dessa forma o mundo moderno influenciava na desobediência dos preceitos católicos e fugia do controle da Igreja. Diante disso tudo, o clero se dividiu, no início do século XIX em clero iluminista (clero pombalino) e clero conservador. A política da Igreja Católica nessa época foi a conservadora se opondo à modernidade, assumindo uma forma reacionária desde o papa Pio VII (1800-1823) a Pio XI (1939-1958). Essa facção ficou conhecida como ultramontana. (MANOEL, Ivan. A . *Igreja e educação feminina : uma face do conservadorismo (1859-1919)*. São Paulo : Unesp, 1996, p. 40-45).

primeiro colégio em solo brasileiro. Outros colégios da mesma ordem foram fundados, sob o auspício do bispado de São Paulo, com o incentivo de D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho (1873-1894), como em Sorocaba, Guaratinguetá, Taubaté, São Paulo, Campinas e Franca, todos seguindo os preceitos conservadores do ultramontanismo católico direcionados à educação feminina.⁵

Segundo Ivan Manoel⁶, a instalação dos colégios pertencentes às ordens católicas coincidia com a intenção educacional das famílias da oligarquia, por isso não encontrou resistência perante a sociedade brasileira, seja qual fosse a corrente de pensamento. Aos conservadores ofereceu uma educação baseada nos valores católicos. Com os liberais, “apesar da negação mútua entre eles”, houve entendimento pelo fato de a Igreja Católica ter um conjunto doutrinário que apresentava “uma concepção de sociedade, poder político e relações familiares bastante conveniente à própria forma de vida, vivida e imposta pela oligarquia à sociedade brasileira”.⁷

O ultramontanismo revelou, assim, um conservadorismo bastante alinhado com os anseios da elite.

“Portanto, foi mediante o respaldo financeiro das oligarquias que as instituições e congregações femininas católicas se fixaram e se desenvolveram em diferentes regiões do Brasil. O regime republicano – nova forma de organização política – adotado em vários países durante o século XIX, inclusive no Brasil em 1889, rompia o pacto Estado-Igreja característico do Antigo Regime. O ultramontanismo foi uma ação paralela à nova política dominante, almejando sobrepor-se a ela por meio de outros caminhos, dentre eles conquistando a juventude por intermédio dos colégios católicos”.⁸

É bom ressaltar que, enquanto Estado e Igreja estiveram unidos pelos desígnios das leis e da própria Constituição de 1824, as intenções educacionais de

⁵ MARTINS, Patrícia Carla de Melo. Colégio Nossa Senhora de Lourdes de Franca e o ultramontanismo. In: **Estudos de História**. Franca: Unesp, 1997, v. 4, p. 65-75. O Paraná seguiu o modelo do ultramontanismo católico já aplicado no interior de São Paulo. E isso possibilitou que a elite urbana e rural propiciasse às suas filhas uma educação especial: meninas alfabetizadas, educadas segundo os valores cristãos católicos, complementados com os preceitos da educação polida da etiqueta européia. Assim, estariam melhor preparadas para o convívio nas altas rodas da sociedade da época.

⁶ MANOEL. *op. cit.*, p. 18-19.

⁷ *Ibid.* p. 19.

⁸ *Ibid.* p. 69.

ambos levavam a uma situação tão conservadora quanto a que depois acabou por se revelar a educação republicana. Nesse período, a elite dominante continuou detendo o poder e contribuindo para uma educação restrita à sua classe.

A educação no país evoluiu sempre à sombra da política econômica e social do período em que se inseria. Desde os primeiros anos da descoberta do Brasil, a educação evidencia um objetivo repassador das idéias da elite dominante, no caso, da cultura européia passada pelos primeiros catequistas jesuítas. Esse ensino, segundo Otaíza Romanelli,⁹ “[...] que os padres jesuítas ministravam era completamente alheio à realidade da vida da Colônia. Desinteressado, destinado a dar cultura geral básica, sem a preocupação de qualificar para o trabalho, uniforme e neutro, não podia, por isso mesmo, contribuir para modificações estruturais na vida social e econômica do Brasil na época”.

Nesse sentido, Romanelli, ao abordar o ensino veiculado pelas ordens jesuíticas em geral, entende-o como veículo da educação importada “como uma forma de manter o *status* da classe dominante e contribui para a distância entre esta e as demais camadas sociais”. Para a autora, a educação seria reflexo do meio e agente repassador da cultura como forma de continuidade. Quando uma menina se educa, ela comunica sua educação a outras pessoas (seus familiares principalmente) e assim faz da sua experiência a garantia da continuidade de sua classe.

“E o que se tem em vista, na cultura transplantada, é a imposição e a preservação de modelos culturais importados (...)”. “(...) A necessidade de manter os desníveis sociais, teve, desde então (Brasil colônia), na educação escolar, um instrumento de reforço das desigualdades. Nesse sentido, a função da escola foi a de ajudar a manter privilégios de classes, apresentando-se ela mesma como uma forma de privilégio, quando se utilizou de mecanismos de seleção escolar e de um conteúdo cultural, que não foi capaz de propiciar às diversas camadas sociais sequer uma preparação eficaz para o trabalho”.¹⁰

Com a independência e a instalação do Império, a situação pouco mudou. O Estado continuava se abstendo do compromisso de fornecer educação, passando essa

⁹ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. (1930-1973). Petrópolis : Vozes, 1997. 19 ed, p. 34.

¹⁰ *Ibid.* p 22-24.

responsabilidade aos colégios particulares, portanto, o caráter elitista e elitizante educacional continuava evidente.

Durante o século XIX, com o desenrolar do processo de urbanização brasileiro, iniciado ainda nos finais do século XVIII na região das Minas Gerais, surgiu uma classe preocupada com a escolarização, a pequena burguesia. Desprovida de terras, as camadas médias urbanas viram na educação formal um meio eficaz de ascensão profissional e social.¹¹ No caso do Paraná, no século XIX, mesmo aqueles que muitas vezes possuíam terras, como os fazendeiros da região dos Campos Gerais, pela perda da posição econômica no Estado para os ervateiros, preferiram deixar a direção de suas propriedades para procurar a carreira de bacharel garantindo assim a direção política do Estado.¹²

O primeiro Presidente da Província do Paraná foi também o precursor em valorizar o ensino feminino. Zacarias de Góes e Vasconcelos não concordava com uma lei de 11 de março de 1846, que em seu artigo 8º permitia escolas com frequência mista, onde não houvesse escolas suficientes para oferecer classes distintas para meninos e meninas. Para ele, essa lei demonstrava a falta de interesse no ensino feminino, porque não determinava criação de cadeiras “de primeiras letras para este sexo”. Era preciso garantir pelo menos uma sala de aula para o sexo feminino em cada município.

“Com efeito, a instrução de sexo feminino não só he uma divida sagrada do estado para essa parte tão importante da sociedade, mas, e mui particularmente sobresahe como hum dos meios mais seguros e efficazes de derramar e generalisar pelo povo o ensino primário e o verdadeiro progresso, visto que a experiência mostra que não ha, ou he mui raro, exemplo de mãe que saiba ler e escrever, cujos filhos, embora por circumstancias deixem de frequentar as escolas, não saibão ler e escrever, ensinando-lhes ella nas suas horas vagas, à custa de todo sacrificio aquillo que aprendeo; de sorte que pode-se dizer que instruir as meninas he de algum modo crear uma escola em cada familia”!¹³

De acordo com Elvira Kubo, o ensino no Paraná enquanto comarca de São Paulo, possuía um *curriculum* diferente segundo o sexo. Para as meninas, além da

¹¹ ROMANELLI, *op. cit.*, p. 37.

¹² BALHANA, *op. cit.*, p. 109-111.

¹³ RELATÓRIO do ano de 1854. Zacarias Góes e Vasconcelos. In: *Boletim do Arquivo do Paraná*, Curitiba, ano 6, n.8, 1981.

alfabetização, eram ministradas matérias com finalidades domésticas, como costura e bordado, enquanto a Aritmética restringia-se ao conhecimento das quatro operações. Para os meninos eram ministrados conhecimentos mais complexos, principalmente na área da Aritmética.¹⁴

A justificativa para um ensino diferenciado para meninos e meninas, segundo Léa Archanjo, estaria, até fins do século XIX, baseado em argumentos biológicos da diferença entre os sexos. A mulher não teria “razão” suficiente, nem objetivos claros, para adquirir certos conhecimentos em áreas como: a matemática, a política, dentre outras.¹⁵

A Constituição Republicana de 1891 consagrava o princípio da laicidade do ensino, mas descentralizava a legislação sobre ele, deixando para o Estado uma ação meramente supletiva. De acordo com Saffioti:

“O liberalismo de que se impregnava a legislação sobre o ensino na primeira República deixava larga margem de atuação à Igreja Católica, muito mais apta do que os leigos, pela tradição e pela posse de quadros habituados ao magistério, a desempenhar as tarefas educacionais situadas no terreno da livre concorrência. A Igreja se transformara, assim, como previra, na maior beneficiária da consagração da liberdade de ensino. Faltando à elite governamental republicana orientação pedagógica condizente com o novo ideal político, carecendo de meios para formar um corpo docente capaz de realizar com êxito as tarefas educacionais do Estado leigo [...]”.¹⁶

Dessa forma abrem-se em Curitiba várias escolas particulares. Dentre as ordens religiosas que vieram para o Brasil, desde meados do século XIX, destacam-se as italianas, alemãs e as polonesas, que tinham principalmente o objetivo de educar as mulheres imigrantes, por isso tais escolas se situavam mais perto de seus núcleos, às vezes nos arrabaldes da cidade. Assim, na Curitiba da Primeira República, nas proximidades da “[...] rua Treze de Maio, estavam as escolas alemãs; as polonesas no

¹⁴ KUBO, Elvira M. *A legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª Comarca da Província de São Paulo*. Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986, p. 307.

¹⁵ ARCHANJO, Léa R. *Gênero e Educação*. Relações de Gênero no Colégio Estadual do Paraná. (1950-1960). Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998, p. 14.

¹⁶ SAFFIOTI, *op. cit.*, p. 214.

Abranches, e as italianas em Santa Felicidade e no bairro da Água Verde”.¹⁷ Uma explicação para o aumento do volume de escolas católicas que se dirigiram para Curitiba nessa época seria uma reação ao aumento de escolas laicas ou de outro culto religioso que não o católico. Além do mais, isso acontece no auge da política ultramontana que acredita na educação feminina como veículo da preservação da uma família cristã.

Seguindo esse pensamento, no opúsculo, *Uma página de história paulista*, entende que “pensava acertadamente D. Antônio¹⁸ que, conseguindo abrir uma importante escola para as meninas de classe elevada, essas voltando às suas famílias, levariam o espírito cristão para o recesso dos seus lares. Assim, se formariam, para o futuro, mães cristãs, que ensinariam, por sua vez, a seus filhos os princípios da fé e da piedade”.¹⁹ Sendo a mulher uma peça importante no modelo familiar brasileiro, seria ela agente transmissora da tradição e da cultura, pois era a responsável pela administração do lar e da educação dos filhos.

Na década de 1920, a educação católica é combatida no movimento da Escola Nova. Esse movimento, defendia, entre outros, a **laicidade**, a **gratuidade** e a obrigatoriedade do ensino e a **co-educação dos sexos**. Nesse sentido, vêm bater de frente com os ideais dos católicos conservadores, “que viam na interferência do Estado um perigo de monopólio e na laicidade e na co-educação uma afronta aos princípios da educação católica”.²⁰

Para as mulheres da Primeira República em Curitiba, além do ensino básico, permite-se o acesso às carreiras comerciais através, por exemplo, da *Escola Prática de Commercio de Curitiba*. Além desse campo, há o tradicional exercício do magistério. Mas

¹⁷ TRINDADE, *op. cit.*, p. 24-25.

¹⁸ Bispo de São Paulo, considerado o precursor do ultramontanismo no Brasil e responsável pela vinda das Irmãs de São José da Chamberry para Itu. (MANOEL, 1996, p. 18).

¹⁹ MANOEL, *op. cit.*, p. 49.

²⁰ ARCHANJO. *op. cit.*, p. 28-29.

o ingresso à Universidade ainda era considerado quase um sonho. Fruto do preconceito social a mulher era ainda considerada despreparada para o estudo científico ou abstrato. Segundo Trindade, somente as corajosas seriam capazes de enfrentar a sociedade e escolher o *Gymnasio Paranaense*, caminho para a Universidade.²¹

A partir de 1930 o ensino brasileiro, e que se reflete no ensino paranaense, tem uma grande expansão, por causa do aumento da densidade demográfica e da intensificação do processo de urbanização. Com isso cresce a demanda social da escolarização para ambos os sexos.²² Porém, alguns fatores persistem mantendo o caráter elitista do ensino, entre eles a falta de escolas públicas, o que torna evidente a discriminação social do ensino brasileiro.

Por outro lado, é criado finalmente um Ministério da Educação e Saúde Pública. Não é sua criação mas a atuação de seu primeiro ministro Sr. Francisco Campos que fará esse Ministério ter importância. A reforma Francisco Campos, como ficou conhecida, aconteceu mediante diversos decretos. O primeiro ato importante foi a organização do ensino, “[...] que nunca estivera organizado à base de um sistema nacional”.²³ A reforma trouxe ainda novidades quanto ao ensino superior, com o Decreto nº 19.851, de 1931, instituiu o Estatuto das Universidades brasileiras e adotou para o ensino superior o regime universitário.²⁴

Em nível do ensino secundário essa reforma instituiu mudanças substanciais, pois criou uma situação nova para a escola secundária, que deixou finalmente de ser apenas uma etapa preparatória para o ingresso no nível superior. O ensino secundário

²¹ TRINDADE. *op. cit.*, p. 80-86.

²² ROMANELLI. *op. cit.*, p 14.

²³ *Ibid.* p. 131.

²⁴ No caso do Paraná, a Universidade do Paraná, criada em 1912 em Curitiba, desde 1915 não era mais considerada universidade. O Governo Federal através do Decreto-lei 11.530, de março de 1915, havia determinado a abertura de escolas superiores apenas em cidades com mais de 100.000 habitantes, e como Curitiba, na época, tinha uma população menor do que esse número, a sua universidade deixou de ser reconhecida oficialmente como tal pelo Governo Federal. Só foi reconhecida oficialmente em 1946. (RATACHESKI, 1953, p. 33).

ficou dividido em dois ciclos: um fundamental, de cinco anos, e outro complementar de dois anos.²⁵ Segundo Léa Archanjo:

“A reforma buscava, através da organização do curso fundamental, afirmar o caráter educativo e formativo do ensino secundário. A preparação para o ingresso aos cursos superiores passava a ser finalidade do curso complementar. Este compreendia cursos diversificados, que correspondiam à preparação para os três grupos de cursos superiores: Direito, ciências Médicas e Engenharia.”²⁶

O *curriculum* adotado tinha cunho enciclopedista, fato que o tornava ainda de caráter extremamente elitizante. De acordo com Romanelli:

“De fato, para um contexto social que começava a despertar para os problemas do desenvolvimento e da educação, numa sociedade cuja maioria vivia na zona rural e era analfabeta e numa época em que a população da zona urbana ainda não era totalmente atingida, nem sequer pela educação primária, pode-se imaginar a camada social para a qual havia sido elaborado um currículo assim tão vasto”.²⁷

As disciplinas obrigatórias por determinação do Ministério da Educação e Saúde Pública, conforme o Decreto nº 21.241 de 4 de abril de 1932, para o curso secundário fundamental a ser desenvolvido em cinco anos, ficaram organizadas da seguinte forma:

Ciclo fundamental: disciplinas obrigatórias de Português para a I, II, III, IV e V séries; Francês para I, II, III, e IV séries; Inglês para as II, III e IV séries; latim, para IV e V séries; História, para I, II, III, IV e V séries; Geografia para I, II, III, IV, e V séries; Matemática para I, II, III, IV e V séries; Ciências Físicas e Naturais para as I e II séries; Física para as III, IV e V séries; Química para as III, IV e V séries; História Natural para as III, IV e V séries; Desenho para as I, II, III, IV e V séries e Música (canto orfeônico) para as I, II e III séries. O alemão aparece como disciplina facultativa.²⁸

Também criou-se nessa época o Conselho Nacional de Educação, órgão

²⁵ ROMANELLI. *op. cit.*, p. 135.

²⁶ ARCHANJO. *op. cit.*, p. 26-27.

²⁷ ROMANELLI. *op. cit.*, p. 136. Além de ser um ensino enciclopedista, principal fato que o tornava pouco acessível às classes menos abastadas, havia um número exagerado de provas. Eram ao ano 80 arguições ou provas mensais, 40 provas parciais e 10 provas finais; em média uma prova a cada dois dias de aula. E isso tudo era reforçado por um rígido sistema de inspeção. (ROMANELLI, 1997, p.136). Além disso, era obrigatório prestar o exame de admissão para cursar o ensino secundário, nos quais eram exigidos conhecimentos que não eram fornecidos na escola primária. Em Curitiba, no Ginásio Paranaense foi criado em 1934, um curso pré-ginásial com o objetivo de preparar alunos para os exames de admissão. Mas esse curso era pago, ou seja, mais uma evidência da seletividade do curso ginásial oferecido pelo ginásio. (ARCHANJO, 1998, p.30).

²⁸ ROMANELLI. *op. cit.*, p. 35-136.

máximo de consulta destinado a assessorar do Ministério da Educação e da Saúde Pública, quanto à administração e direção da educação nacional, que foi criado em 1931, pelo Decreto nº 19.580.

O Colégio Cajuru, a partir de então, reconhecido oficialmente como ginásio, vai receber periodicamente as visitas de inspeção. Dentre elas há o relato de uma visita do Inspetor do Ensino Secundário do Paraná ao Inspetor Geral do Ensino Secundário Nacional, no Rio de Janeiro, no ano de 1934; relatório esse que vai deixar transparecer o prestígio que o colégio detinha perante a sociedade paranaense, na época.

[...] Este Gymnasio, com classificação 'BOA' nessa Inspectoria Geral, vem sendo dirigido, há longos annos, pelo pulso firme da grande educadora Irmã Julia. Diplomada pela Academia de Chambéry-França, a actual Directora se consagrou desde logo ao ensino, por especial vocação, formando o Gymnasio Nossa Senhoras de Lourdes 'um monumento pedagogico digno dos mais adiantados centros' (segundo a expressão do Dr. H. Boering, Delegado do Ministerio da Educação) tendo ella, por isso mesmo, o seu nome aureolado entre os mais provecos membros do magisterio desta Capital.

[...] Si o principal objectivo do Governo Central, indo por intermedio do Ministerio da Educação, ao encontro da iniciativa particular, concedendo equiparação aos estabelecimentos orientados por educadores de prestigio proffissional e contando com o corpo docente competente e dedicado, si o principal escôpo do Governo, repetimos, foi o de procurar collaboradores na obra patriotica de melhorar e elevar o nivel do ensino secundario no Brasil, indiscutivelmente é de inteira justiça conceder a regalia da inspecção permanente ora requerida pelo Gymnasio de Nossa Senhora de Lourdes, porque se trata de estabelecimento que preenche, 'in-totum', as exigencias legaes, sendo, ademais, um dos vanguardeiros do ensino secundario no Paraná.²⁹

Com o estabelecimento do Estado Novo em 1937,³⁰ o governo brasileiro deixou novamente de ter a obrigação de fornecer a educação. Ou seja, enquanto na Constituição de 1934 estabelecia-se que a educação era um dever do Estado, na Constituição de 1937, a educação pública passou a ter apenas caráter supletivo. Isso fica evidente no artigo 129 da Carta de 1937:

“À infância e à juventude, a que faltarem os recursos necessários à educação em instituições particulares, é dever da Nação, dos Estados e dos Municípios, assegurar, pela fundação de

²⁹ Relatório do Inspetor do Ensino Secundário do Paraná ao Inspetor Geral do Ensino Secundario. Pasta com folhas avulsas contendo termos de visita e declarações oficiais de inspeção. Biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

³⁰ Em 1939 existiam no Paraná 71 grupos escolares, 34 escolas complementares, 26 jardins da infância, 1.288 escolas isoladas, 254 municipais e 107 particulares. A matrícula foi de 95.898 alunos assim distribuída: 80.574 do ensino público estadual, 5.434 do ensino público municipal e 9.890 do ensino particular. (RATACHESKI, 1953, p. 32).

instituições públicas de ensino em todos os seus graus, a possibilidade de receber uma educação adequada às suas faculdades, aptidões e tendências vocacionais”.³¹

Fica evidente, nesse dispositivo constitucional, a vitória da facção conservadora e preocupada com a conservação elitista do acesso às letras no país. Mais uma vez o Estado vai permitir a liderança do ensino brasileiro aos colégios católicos no fornecimento do “melhor” ensino, tanto feminino quanto masculino.

Em 1942, ainda sob o Estado novo, o então ministro da Educação Gustavo Capanema vai dar início às reformas no ensino brasileiro, às chamadas Leis Orgânicas do Ensino. Elas abrangeram todos os ramos do ensino primário e do médio, e sua implantação ocorreu gradativamente entre os anos de 1942 e 1946.

2.1.2 O contexto da Fundação do Colégio Cajuru

“Procurando, desde logo, á mocidade feminina **aprimoramento educação moldada nos princípios catholicos, ao par de solida instrução**, o collegio se impoz rapidamente e grangeou o merecido prestígio de que hoje gosa, como sendo um estabelecimento que, sobremaneira honra o Paraná”. (sem grifo no original).³²

Na Curitiba moderna as idéias também acompanham o compasso da modernidade. Assim nesse ritmo agitado do final do século XIX, surgem um dos mais importantes elementos do progresso, a multiplicação das escolas.

As escolas confessionais começam a chegar em Curitiba depois de 1880, com a fundação do Colégio São José (de José Cupertino), que permanece aberta até 1889. Há escolas católicas e protestantes. Das protestantes, há as evangélicas, as luteranas e as presbiterianas. Foram fundadas nesse período, em Curitiba, uma escola presbiteriana, uma batista, quatro luteranas e uma adventista.³³

As transformações profundas sofridas nas capitais do Sul do Brasil, a partir

³¹ ROMANELLI, op. cit., p. 153.

³² Relatório de Inspeção do Ensino Secundário do Estado do Paraná. Curitiba, 1934. Pasta com documentos avulsos. Biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Curitiba.

³³ TRINDADE. op. cit., p. 25.

do evento republicano, vão ser as responsáveis por uma série de novas configurações dos espaços físicos e sociais, que já vinham acontecendo desde meados do século XIX- no caso do Paraná, desde a sua emancipação política em 1853. O aumento do volume de imigração no final do século XIX e o enriquecimento e urbanização que algumas famílias imigrantes tiveram, em especial os alemães e italianos, provocaram idéias em torno da criação de uma sociedade mais homogênea. Ao mesmo tempo, pretendia-se preservar e manter a distinção social de algumas classes tradicionalmente abastadas. Um dos mecanismos utilizados foi reforçar modelos femininos, imagens idealizadas da mulher das elites urbanas, que também passam a ser requeridas das mulheres das camadas populares. A diferenciação social das mulheres torna-se extremamente difícil numa região onde há tantos elementos formadores de cultura. A imagem ideal feminina é repleta de contribuições desde as qualidades da mulher imigrante (em especial as alemãs e as italianas), ao polimento elitista que vem da educação com bases francesas. E tal educação vai se tornar veículo da almejada diferenciação social. No Sul do Brasil, segundo Joana Maria Pedro, “ Não bastava ser branco e livre: era preciso ter propriedade e ser distinto”.³⁴

A Proclamação da República e o vislumbrar do perigo dos “modernismos” contribuíram para que a sociedade reforçasse os papéis femininos. Assim, os colégios religiosos, principalmente os femininos, tinham séria missão a cumprir. Deviam veicular:

[...] uma educação de caráter fortemente conservador, centrada na manutenção do modelo familiar cristão tradicional. Supervalorização da figura da Virgem Maria, valorização concomitante da virgindade e da maternidade. Erigindo a virgindade em culto, é o controle da sexualidade feminina e a normatização dos comportamentos sexuais que a Igreja visa.³⁵

Nesse sentido, segundo Saffioti, dentro de um quadro agitado por idéias sociais ligadas ao liberalismo e ao cientificismo, “[...] a Igreja Católica representou o pensamento conservador [...]”, alegando que o homem e a mulher são diferentes com

³⁴ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo : Contexto, 1997. p. 283.

³⁵ NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo : Contexto, 1997. p. 495.

capacidades civis e políticas diversas.³⁶

Da mesma forma, Léa Archanjo coloca que no final do século XIX a sociedade brasileira passava por uma série de transformações sociais, entre outras, a educação feminina por meio do ensino público passou a ser apontada como “um meio de criar condições para regenerar a sociedade”. Mesmo que a visão da sociedade fosse em relação à mulher ainda muito conservadora, suas funções sociais de mãe e esposa passaram a ser mais valorizadas. Inclusive segundo Archanjo: “O discurso médico-higienista, ao defender a importância da mulher na estrutura familiar e sua conseqüente influência nos destinos da sociedade, ressaltava a necessidade de instruir as mulheres para que estas pudessem desempenhar integralmente sua função”.³⁷

Curitiba, em fins do século XIX, no auge de seu desenvolvimento urbano, estava ligada ao “avanço e ao progresso”. Porém, para muitos conservadores, o moderno poderia constituir uma ameaça à família. Era urgente, portanto, a presença de colégios que fossem capazes de preservar a “alma” das filhas das famílias mais ilustres da cidade, com isso protegendo os lares cristãos do mal da “modernidade”. É nesse contexto que chegam a Curitiba as Irmãs de São José de Chamberry.

“O Colégio Nossa Senhora de Lourdes se constituía no centro do aprimoramento educacional das adolescentes das camadas de mais destaque, não só da sociedade local como também das principais cidades do Estado. Isto, sem se mencionar uma bem zelada escola primária e um serviço de assistência e mantidos igualmente pela Congregação das Irmãs de São José. (...) Recolhendo o escol das meninas-moças das famílias de maior evidência, em regime de internato e semi-internato, o Cajuru se afigurava algo muito seletivo e respeitável, porém recluso”.³⁸

Em Curitiba, durante a Primeira República, segundo Etelvina de Castro Trindade: “nem mesmo no espaço aberto à mulher pelo livre-pensamento, pela maçonaria ou pelo neopitagorismo, deixam de ter lugar as concepções tradicionais sobre as virtudes

³⁶ SAFFIOTI, Heleith Iara B. *A Mulher sociedade de classes : Mito e realidade*. Petrópolis : Vozes, 1976. p. 205.

³⁷ ARCHANJO. *op. cit.*, p. 16.

³⁸ PUPPI, Ildelfonso Clementino. Uma grata reminiscência. In: *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, ano IX, dez. 1982, p. 7-10.

desejáveis à ‘boa esposa’.”³⁹. Os representantes das várias correntes de pensamento, maçons, positivistas, católicos, neoptagóricos, lançam nos jornais suas idéias; cada qual com sua forma especial de valorizar os atributos das mulheres. Concordavam em frisar as características definidoras de feminilidade: “esposa, mãe e dona de casa”.

Dessa forma, seja qual fosse a corrente intelectual de pensamento, conservador, liberal, feminista, maçom, monarquista, republicano, socialista, católicos ou cético, quase todos os pais tinham em comum os anseios de verem suas filhas formadas conforme os ditames da velha educação conservadora.⁴⁰ Segundo Manoel, a oligarquia, na verdade, jamais pretendeu uma verdadeira modernização da sociedade, queria sim a modernização política e econômica, mas não “[...] via com bons olhos a liberdade, igualdade e profissionalização feminina”.⁴¹

A Igreja Católica via no “modernismo” um elemento desagregador que deveria ser eliminado da sociedade. A Encíclica Pascendi Regis, de Pio X, de 1907 (coincidentalmente, editada no mesmo ano da fundação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes em Curitiba) faz uma série de críticas às idéias modernas. Recomenda maior dedicação aos estudos religiosos, proibição de leituras que façam menção ao modernismo e também a vigilância de todos, fiéis e religiosos. De acordo com Etelvina Trindade, “[...] incluindo-se nesse arrocho, a Igreja Católica em Curitiba providencia, ainda para que se resguarde a mulher de uma vida social imersa nos ‘vícios’ do modernismo; campanha que toma corpo e se acentua, a partir de 1916, com a publicação da revista Veritas, órgão de propagação das doutrinas católicas”.⁴²

³⁹ TRINDADE, *op. cit.*, p. 131.

⁴⁰ Michelle Perrot marca as mesmas preocupações dos franceses em relação à família e ao papel feminino no século XIX para a sociedade francesa. O pensamento da época refletia a divisão sexual dos papéis de tal forma que tudo levava a crer que o “homem possuía sua vida substancial real no Estado, no trabalho. E a mulher encontrava seu destino substancial na moralidade objetiva da família”. Assim sendo, seja qual fosse a corrente de pensamento que tratasse do tema família, e pode-se fazer uma ligação ao tema mulher-educação, salvo raríssimas exceções, não fugia do padrão social da época: família patriarcal formada sob rígida moral. E dentro desse conservadorismo estava o cuidado de uma educação acurada para a mulher que era o principal agente da moral dentro do lar. (PERROT, 1991, p. 93-103.).

⁴¹ MANOEL. *op. cit.*, p. 15.

⁴² TRINDADE. *op. cit.*, p. 158.

Já os anticlericais e os livre-pensadores evocam seu repúdio aos colégios católicos expondo idéias como a publicada no *Jornal da Tarde* em agosto de 1908, sob o título de *Jesuitismo*.

“Mocidade, a postos!

O jesuitismo, mascarado com as denominações, irmãs de caridade, etc., com todo o seu cortejo de infâmias e de horrores, invade assoladoramente a nossa pobre terra.

[...] Onde quer que surja uma tentativa pela liberdade plena da consciencia, forma-se uma Congregação, obra do jesuitismo para melhor se assenhorar da mulher, abre-se uma escola religiosa, para por meio da creança – o homem de amanhã – mais afirmar o seu domínio nefasto”.⁴³

Esse artigo reflete o pensamento de um segmento que ganhava força política no contexto republicano que critica a ação da Igreja Católica. E data de 1908, um ano depois da abertura do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (Cajuru), mais uma obra da Congregação feminina jesuíta a se estabelecer no Paraná.

A Constituição de 1891, apesar de separar o Estado da Igreja, e indiretamente laicizar o ensino, continuava deixando para a legislação ordinária a incumbência de cuidar do ensino público nacional. E, segundo Alir Ratacheski, esta cuidou muito mal, pois tal determinação já estava prevista no Ato Adicional de 1834.⁴⁴

Nesse quadro, portanto, mesmo separados Estado e Igreja, esta vai continuar se destacando no oferecimento da educação. Principalmente depois de 1895, uma grande quantidade de escolas confessionais católicas vem se estabelecer na cidade. Elas estão nos núcleos imigrantes e também nos lugares de prestígio da Capital. Dentre as congregações masculinas, a primeira a ser criada é a do seminário São José (1896). Depois são fundados o Colégio dos Padres Franciscanos, Bom Jesus, em 1902; e o Colégio dos Irmãos Maristas, Colégio Santa Maria, em 1925. Das congregações femininas, a primeira a chegar em Curitiba é a dos Santos Anjos em 1895. Seguem-se as **Irmãs de São José**, Congregação francesa, (1896); as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, Congregação italiana (1900); as Irmãs da Divina Providência, Congregação

⁴³ FRANÇA, Cícero. *Jesuitismo*. Curitiba, Diário da Tarde, 19 de ago. de 1908.

⁴⁴ RATACHESKI, Alir. Cem anos de ensino no Estado do Paraná. In: *1º Centenário da emancipação política do Paraná (1853-1953)*. Porto Alegre : Livraria Globo S/A, 1953. p. 31.

alemã (1903); as Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, polonesas (1906). Estas congregações fundam cerca de 23 escolas, na cidade e seus arrabaldes.⁴⁵

O Colégio Nossa Senhora de Lourdes abriu suas portas à sociedade curitibana em 1907. Um colégio fundado para receber apenas meninas, com o objetivo primeiro de educá-las para viver em sociedade sob os valores católicos. A isso somavam-se os desejos da Igreja Católica e de uma classe social ávida por uma escola que pudesse educar “condignamente” suas filhas.

As Irmãs da Congregação de São José foram chamadas ao Paraná em 1896, pelo primeiro bispo da Diocese de Curitiba, D. José de Camargo Barros. Inicialmente foram atender à Santa Casa de Misericórdia, onde começaram a prestar auxílio desde que chegaram a Curitiba, e em outras instituições de caridade, como o Hospital dos Alienados, no Ahú. Também prestavam serviço de caridade na Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá, desde 1897 e no Hospital da Estrada de Ferro em Curitiba, desde 1898. Suas obras de promoção social eram o Orfanato São José, aberto em 1901 e o Educandário São Vicente, na Lapa, criado em 1906. Das instituições educacionais dessa Ordem no Estado do Paraná havia o colégio São José em Curitiba, desde 1902; o Colégio São José de Paranaguá (1902); o Colégio São José na Lapa (1906); o Colégio São José em Morretes (1903) e o Colégio São José em Castro (1906).

Com as instituições de caridade, segundo o histórico do colégio, “as Irmãs de São José atendiam crianças de bairros, de cidades do interior e da Capital. Não havia, porém, escolas para todas as crianças espalhadas pelo imenso Paraná.”⁴⁶

O projeto da Congregação consistia em dar educação para as meninas necessitadas ou não e de qualquer origem étnica. Nesse sentido, a Congregação diferencia-se de outras congregações estrangeiras que vinham para atender

⁴⁵ *Ibid.* p. 26.

⁴⁶ NOSSA HISTÓRIA. *op. cit.*

especialmente seus compatriotas.⁴⁷ Já havia um colégio da mesma Congregação em Curitiba, mas não dispunha de um *curriculum* diferente das demais instituições educacionais católicas, nem estava localizado em uma área mais compatível com os preceitos higienistas em voga.⁴⁸

O Colégio São José oferecia, além das matérias exigidas pela lei, uma educação mais utilitária, tendo cursos de corte e costura, de economia doméstica e instrução primária. Do seu *curriculum* também não constava a disciplina de *politesse*, “a arte de bem viver em sociedade”. O Colégio Cajuru viria, assim, para garantir uma educação religiosa refinada às filhas da elite paranaense. Mas também arrecadar fundos, por meio das altas mensalidades, para a missão, entre outras, de sustentar as obras de caridade como as órfãs mantidas e educadas no colégio. Dessa forma, segundo as irmãs, com a abertura do colégio seriam cumpridas as missões:

[...]- levar a educação cristã para o interior;
 - contribuir na educação profana de tanta criança privada de estudo, pela inexistência de escolas e;
 - ajudar, ao mesmo tempo, financeiramente, o sustento da Casa Provincial que mantinha o Noviciado e o Orfanato, além de um grupo de Irmãs responsáveis pelas obras.⁴⁹ (Sem grifo no original).

Em 1899, a Congregação comprou um terreno de 15 hectares, situado na Vila Morgenau, Cajuru, a dois quilômetros da Capital. Em 1901 as irmãs já se encontravam instaladas nessa propriedade, num modesto sobrado. Na época a superiora Provincial era Madre Léonie Blanchet. A casa era simples “[...] caixotes serviriam de mesas, cadeiras e até de cama, se preciso fosse. A pobreza reinava

⁴⁷ Mesmo porque, ao contrário dos outros colégios católicos estrangeiros que vieram na mesma época a Curitiba, alemães, italianos, em especial, o Cajuru, de freiras francesas não tinham a mesma missão, pois no Paraná não houve um número significativo de imigrantes franceses que justificasse a preocupação da Cúria Romana em enviar missões francesas. Dessa forma isso indica a missão social da Congregação no mesmo âmbito que a missão cristã. De acordo com Balhana, Westphalem e Machado, os imigrantes franceses chegaram ao Brasil em pequenas levas desde 1847, mas representaram apenas 2,5% dos contingentes imigrados para o Paraná durante o século XIX. (BALHANA, WESTPHALEM, MACHADO, 1969, p.184.).

⁴⁸ O Colégio São José estava localizado na atual Praça Rui Barbosa, que no início do século XX não apresentava nenhuma infra-estrutura e era construído num terreno extremamente úmido. Já o Colégio Cajuru foi construído no alto de uma colina, num bairro distante, mas bem mais salubre.

⁴⁹ Ibid.

soberana na primeira Comunidade Cajuruense. Retalhos de chita, estendidos sôbre os caixotes, davam aos mesmos, um arzinho de poltronas [...]”.⁵⁰

No local de difícil acesso, era mais fácil chegar de trem. As irmãs viviam ali de maneira improvisada e em meio a um cenário quase rural. Era necessário muito esforço para transformar a propriedade, por isso o trabalho começava cedo: labutavam quase de sol a sol, “para arrancar do terreno inculto, o pão”.⁵¹

Apesar das dificuldades, a propriedade transformou-se, em pouco tempo, num belo prédio. Em 1906, construíram um pavilhão, separado do orfanato⁵², para receber as meninas de famílias mais abastadas que desejassem lá colocar suas filhas.

No entanto, para concretizar esses planos havia a necessidade da escolha de uma Diretora à altura do projeto educacional pretendido pela Congregação e até mesmo do próprio bispo de Curitiba, na época D. Duarte de Leopoldo e Silva (1904-1907), logo substituído pelo bispo D. João Francisco Braga (1908-1935).⁵³

O Padre Maurício Dunand, em 1905, havia ficado encarregado de procurar, na França, uma religiosa adequada, “que fosse inteligente, com tino administrativo e capaz a adaptar-se à missão”.⁵⁴ E logo surgiu a indicação da Irmã Júlia Jarre, prima do Padre Maurício. Por outro lado, na França, as escolas católicas encontravam-se numa

⁵⁰ NOSSA HISTÓRIA. *op. cit.*

⁵¹ É interessante perceber que na narrativa da instalação das mesmas irmãs no interior de São Paulo, tenta-se dar ênfase à mesma idéia de difícil missão e sacrifício. Em especial se refere à Madre Maria Teodora Voiron, primeira Superiora Provincial das Irmãs de São José no Brasil, conta-se que: “Além das dificuldades financeiras, diversidade de clima, de alimentação, etc., que todas as almas missionárias conhecem, seus sofrimentos morais foram muito maiores; a incompreensão e a divergência de opiniões entre seus Superiores no Brasil e sua Superiora Geral fizeram surgir desconfianças e dúvidas na alma da Madre Geral e torturaram o coração e a consciência, tão delicada da filha. Este martírio, Madre Teodora suportou com humildade, caridade e prudência verdadeiramente heróicas”. (Santinho descrevendo a missão de Madre Maria Teodora para angariar fundos para sua beatificação, Itu, s.d.).

⁵² As Irmãs que desde 1896, passaram a prestar auxílio na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, também passaram a cuidar das órfãs que lá se abrigavam até então. Levaram essas órfãs para morar com elas “num cantinho no chalézinho de janelas verdes”. (O CAJURU ONTEM, O CAJURU, HOJE. Pasta com documentos avulsos. Biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Curitiba.).

⁵³ NOSSA HISTÓRIA. *op. cit.*

⁵⁴ O CAJURU ONTEM, O CAJURU, HOJE. Pasta com documentos avulsos. Biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Curitiba.

“triste situação”. Em função disso e para melhor servir à missão, Irmã Júlia responde afirmativamente ao chamado do Brasil, mesmo porque, antes da designação de seu nome pela Superiora Geral, já havia encaminhado um pedido para vir trabalhar no Brasil. Mas, de acordo com a narrativa a história da fundação do colégio, não foi fácil deixar tudo: “[...] a Pátria querida, a comunidade, berço de sua vida religiosa, a família, mãe estremecida [...]”.⁵⁵

Assim, em 24 de outubro de 1905, com 22 anos de idade, deixou a França rumo ao Paraná. Em fevereiro de 1906 tomou, primeiramente, a direção de uma escola, o Externato São José, na colônia do Ahú de Cima, anexo do Hospital dos Alienados, e também dirigido pelas mesmas irmãs. No final de 1906, foi transferida para o Cajuru, onde já funcionavam salas de aula que deram origem ao externato São José⁵⁶, do qual Irmã Júlia Jarre se tornaria diretora por mais de cinquenta anos.

Em 1907, nada mais faltava para a realização do sonho da abertura do colégio. Fundou-se então o Pensionato Nossa Senhora de Lourdes, com apenas sete alunas. Mas logo seriam vinte e duas, e com o passar dos anos, muitas mais. As alunas vinham de todo o Estado Paraná, e também de outros Estados, como Santa Catarina, Mato Grosso, São Paulo, até dos mais distantes, tais como Bahia, Pernambuco e Pará.

Longe do objetivo da profissionalização feminina (como pretendido nos colégios católicos administrados, principalmente, pelas irmãs das congregações italianas, alemãs e polonesas) e da pretensão de servir como veículo de mudanças, as Irmãs de São José de Chamberry, ao abrirem o Colégio Cajuru, vieram com a incumbência maior de educar as meninas da elite. Traziam o modelo europeu francês, carregado de polimentos, sinônimo do *status* almejado pela elite, capaz de diferenciar

⁵⁵ NOSSA HISTÓRIA. *op. cit.*

⁵⁶ Essa escola continuou anexa ao Pensionato de Nossa Senhora de Lourdes até 1965, quando foi fechada por não ter alunos. O decrescente número de alunos é explicado pelas irmãs, pela abertura de grupos escolares, como Cristo Rei, Hildebrando de Araújo e República do Uruguai, pois estas escolas era gratuitas e estavam mais ao alcance das famílias pobres do Bairro. Ela primeiro foi enviada para esse colégio já em funcionamento, para poder melhor se adaptar à língua e aos costumes da “terra”. “Chegando ao Paraná, dispôs de apenas três meses para a aprendizagem do português. [...] foi ouvindo os doentes do Hospital que ela aprendeu a falar a nossa língua”. (NOSSA HISTÓRIA, *op. cit.*).

as meninas que estudavam nesses colégios. “Esta era uma característica da sociedade dominante, que procurava estender publicamente como um grupo distinto dentro da sociedade, assumindo um posicionamento de elaboradora de novos hábitos e etiquetas, impossíveis de serem incorporados pelos demais grupos”.⁵⁷

Nas palavras das irmãs, “O que as famílias muito apreciavam era ver suas filhas, ao deixarem o Cajuru, falarem correntemente o francês. Com orgulho exibiam-se diante dos familiares e amigos. Gostavam de dizer que tinham sido educadas no Colégio Cajuru, cuja fama espalhou-se de norte a sul”.⁵⁸

Ou seja, a escolha do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o Cajuru, envolvia muito mais do que a escolha de uma escola católica para bem “encaminhar” as filhas das famílias curitibanas e paranaenses, nesse caso havia muitas outras que garantiriam uma educação assim. A escolha privilegiava a busca da diferenciação social, a busca da convivência com os iguais. As falas de algumas alunas deixam isso bem evidente:

“A escolha do Colégio Cajuru foi feita pela minha mãe, que já havia estudado lá e achava que não tinha outro colégio à altura em Curitiba. No Cajuru teria melhor educação, ambiente mais fino, mais selecionado. Também era um colégio muito liberal, visto que éramos judias. Na época dos retiros (uma vez por ano), eu tinha o direito de ficar em casa”.⁵⁹

Essa aluna em particular deixa bem evidente que a religião católica nem foi o caso da escolha do colégio, muito pelo contrário, ela era judia e, as irmãs respeitavam sua religião. Segundo um dos professores, a Diretora Irmã Julia, devido à sua:

“[...] caridade cristã não admitia diferenciação de condição social, de situação econômica, raça ou religião. Em particular, era manifesta a solicitude com que acolhia as alunas e ex-alunas de convicção religiosas diversa, pelas quais se fazia estimar, protestantes, judias, ortodoxas e outras que fossem, aliás sempre bem recebidas no Colégio, sem preconceitos ou restrições”.⁶⁰

⁵⁷ NUNES. *op. cit.*, p. 70.

⁵⁸ NOSSA HISTÓRIA. *op. cit.*

⁵⁹ Entrevista 1.

⁶⁰ PUPPI, Ildefonso Clemente. Uma grata reminiscência. In: *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n. 69, dez. 1982, p. 9.

Mas o motivo principal da escolha, além de sua mãe já ter frequentado o colégio, foi o ambiente “refinado” o que lhe garantiria boas amizades. Nesse sentido Hobsbawn, quando fala da educação formal na Inglaterra do final do século XIX e início do XX, coloca que um dos critérios de escolha de um colégio, levados em consideração pela elite e pela burguesia ascendente na Inglaterra, seria a garantia de um espaço de relações sociais homogênicas.⁶¹

Com efeito, uma aluna, que morava em Ponta Grossa, deixa transparecer a importância da tradição familiar na escolha do colégio. Teve o Colégio Cajuru como escolha dos pais, “por ser o colégio de tia Aída e de sua mãe. E porque em Ponta Grossa tinha o Sant’Ana que era de freiras alemãs e não tinha ginásio; então ginásio era só no Regente Feijó, que era misto, e seu pai achava que meninas deveriam ser educadas em colégio feminino e de preferência de freiras francesas”.⁶²

Uma terceira entrevistada “foi colocada no Colégio Cajuru porque era o melhor colégio católico que tinha na cidade e era considerado o melhor colégio na parte da educação e ensinamentos”.⁶³

Se fosse somente por ser uma escola católica, havia muitas outras. Se fosse pelo fato de ser uma escola francesa, havia o Colégio São José, pois era da mesma ordem. Se fosse pela localização, então, o Cajuru, na época era considerado longe, tanto é assim que muitas das internas moravam em Curitiba, mais um motivo para se escolher o Colégio São José, por exemplo, que ficava numa região bem mais acessível, em frente à Santa Casa de Misericórdia, no centro da cidade. Seja qual fosse o motivo da escolha, o fato de ser um colégio diferenciado diante da sociedade paranaense contava bastante. A tradição familiar; a garantia das “boas companhias” de seus iguais; a educação francesa; a frequência exclusivamente feminina e a garantia de uma

⁶¹ HOBSEBAWN, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988. p. 253.

⁶² Entrevista 2.

⁶³ Entrevista 3.

formação com valores cristãos eram requisitos encontrados no Colégio Cajuru, fornecendo educação diferenciada e diferenciadora.

“O pequenino grupo de internas de 1907, saudoso, achegava-se, como o fariam suas sucessoras, à Meştra Querida, nela confiando, como se fôra a própria Mãe. Por longos meses aqui ficavam e não raras foram as que reviam os Pais sómente nas férias. Era tão difícil chegar até eles... Viajava-se a cavalo ou com vagaroso trem. Basta dizer que até as de Curitiba iam do Cajuru à Estação, de trem. Êste parava na frente do Colégio, permitindo que elas embarcassem e na Estação, aguardavam-nas os Pais. Não havia ônibus, nem bondes e menos ainda, os tão úteis táxis”.⁶⁴

2.2 O LIVRO DAS VIRTUDES CRISTÃS

“A impressão que tive da visita que fiz ao Collegio de Nossa Senhora de Lourdes, no arrabalde do Cajurú, desta cidade, é a melhor possível. Collegio sob a direcção dessas Irmãs benemeritas, dessas Irmãs sabias, não pode jamais deixar de ser o que é, como o tem sido em todos os Estados do Brasil, em todas as partes do mundo: colmeia de ensinamentos uteis, escola de trabalho e de moral, viveiro de almas puras, alfobre de corações virginaes”. (Sem grifo no original)⁶⁵

Por trás de todo o projeto missionário católico, baseado no ultramontanismo, que satisfazia inteiramente os anseios da elite brasileira, e em especial da elite paranaense, havia um projeto maior, preservar a “alma feminina” dos males do mundo. E, através dela, garantir a entrada dos princípios e valores católicos em muitos lares.

A intenção educacional feminina das Irmãs de São José de Chamberry, e os outros da mesma ordem e que seguiam os mesmos ensinamentos em outras regiões do Paraná e do Brasil, era manter as meninas a serem educadas, o maior tempo possível sob seus cuidados, por isso a abertura de internatos. Garantindo com isso um controle mais efetivo sob sua formação. Pela vigilância constante, em todos os seus afazeres diários, as alunas aprenderiam os preceitos católicos e se manteriam puras diante das maldades do mundo que as cercavam.

Dessa forma havia todo um aparato educacional mantido perfeitamente no regime de internato. Aliás, regime único que o Colégio fornecia até a década de 1930,

⁶⁴ O CAJURU, ONTEM, O CAJURU, HOJE. op. cit.

⁶⁵ NUNES, José Sá. Termo de visita ao Collégio de Nossa Senhora de Lourdes. Curitiba, dez. de 1934.

quando passou a oferecer o regime de semi-internato, por motivos diversos, e principalmente talvez pelo próprio crescimento da cidade. Quando da abertura do Colégio em 1907 devido à distância do Colégio e seu difícil acesso, era mais fácil, para os moradores da Capital colocarem suas filhas internas, ainda que morassem na mesma cidade. Já as alunas que vinham de outras cidades não tinham outra alternativa a não ser o internato.

Na década de 1930 Curitiba já havia crescido bastante, com isso o Colégio já tinha mais fácil acesso e transporte. Isso propiciou a abertura do semi-internato. A partir dessa época adquiriu um ônibus, passando a oferecer serviço de transporte para suas alunas, facilitando assim o estudo para aquelas que preferiam o regime de semi-interno.

“Com o correr do tempo eu fui me identificando com o Colégio, com o francês, com o regime e até com ela (Irmã Júlia). Eu era semi-interna, saía de casa às 7 da manhã e chegava às 5:30 da tarde. Praticamente passava mais tempo no Colégio do que em casa, e com isso pude assimilar de maneira mais acentuada toda aquela mentalidade francesa que a personalidade de Mère Julia transmitia ao corpo docente e à alunas”.⁶⁶

Pelo depoimento dessa aluna que foi semi-interna no início dos anos de 1940, percebe-se que, em regime de semi-internato, as jovens ainda acabavam permanecendo no colégio, e com isso convivendo com as irmãs mais tempo do que com sua própria família. Chegavam muito cedo e saíam somente no final da tarde, inclusive faziam suas refeições no colégio (oportunidade para vigilância e controle do comportamento à mesa), depois de terem aprendido mais algumas lições básicas dos trabalhos de agulha. Além disso, havia aula até mesmo aos sábados; dessa forma o convívio efetivo com a família se restringia quase que exclusivamente aos domingos, dia de cumprir obrigações religiosas, e que também pouco tem a ver com o ritmo dos dias da semana.

Um dos instrumentos pedagógicos utilizados pelas irmãs para servir ao propósito da aprendizagem das virtudes cristãs é o *“Livre de Piété de la Jeune Fille”*.

⁶⁶ LAMBACH, Suzy Queiroz. *Homenagem Póstuma*. In: *Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Mère Julia do Cajuru*. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano Ix,n. 69, dez.1982. p. 24.

Au Pensionnat et dans sa famille”⁶⁷. Todo em francês, trazia muito mais que preceitos de bom comportamento, havia ensinamentos formativos do caráter virtuoso para essas meninas, que estariam sendo encaminhadas para atingir a perfeição material e espiritual. Esse livro constituía uma fonte das vivências cristãs a serem edificadas durante os anos no internato.

O *Livre de Piété de la Jeune Fille* era ofertado às alunas do colégio desde as primeiras turmas na década de 1910, e usado por elas, pelo menos, até meados da década de 1920. Nas décadas seguintes, seus preceitos já estavam tão introjetados nos ensinamentos cajuruenses que vão ser apreendidos sob outras formas. Não mais pela constante leitura e consulta ao livro, mas pelo exemplo do funcionamento do colégio: comportamento dos mestres e das irmãs, nas aulas de religião, de polidez e da ordem, principalmente, na vigilância e na cobrança de atitudes e atos, e até mesmo, em alguns casos, através da sua família. A mãe, também educada no mesmo colégio, desde a tenra infância repassava à filha os preceitos que havia aprendido, uma ou duas décadas antes, em seu tempo de aluna; algumas ainda guardavam o livro.

Uma das entrevistadas deixou transparecer justamente isso. Quando se indagou sobre a existência do livro no período que permaneceu no colégio, nos anos 1940-1942, respondeu que não o conhecia e que utilizavam somente um missal⁶⁸. “Na minha época no colégio (1934-1939), nós não usávamos esse livro, nós tínhamos o *Goffiné*, que a gente sempre levava para as orações e para acompanhar a missa diária. Ele continha somente cantos, citações da Bíblia, as festas religiosas.”⁶⁹ Então quando mencionado alguns trechos do *Livre de Piété*, disse que tais ensinamentos eram passados em todas as horas da permanência no colégio. “Eram valores a serem seguidos à risca”, disse ela, apesar de não conhecer a obra.⁷⁰

⁶⁷ FRÈRES. *op. cit.*

⁶⁸ GOFFINÉ. *op. cit.*

⁶⁹ Entrevista 2.

⁷⁰ Entrevista 2.

O *Livre de Piété de la Jeune Fille* é uma “*ouvrage honoré de la bénédiction de Sa Sainteté Pie IX et de Nombreuses Approbation Épiscopales*”.⁷¹ Tem em suas primeiras páginas uma bênção especial do Papa Pio IX e a aprovação de diversas autoridades eclesiásticas francesas. E todos eles aprovam e recomendam a utilização do livro nos colégios. Dentre os termos de aprovação, dois se destacam, o primeiro, do Vigário-Geral de Lion, por transparecer o objetivo formativo principal a que se propõe a obra:

“APPROBATION DE L'ARCHEVÊQUE DE LYON (Lettre à l'auteur).

J'ai parcouru avec un vrai plaisir votre livre intitulé: *Livre de Piété de la Jeune Fille*. Il renferme, avec une doctrine sainte, tout ce qui peut nourrir la véritable dévotion : *Actions ordinaires de la journée. – Exercices spirituels. – Devoirs de religion. – Pratiques de Piété. – Prières liturgiques.* Je serai heureux de le recommander dans l'occasion, à nos nombreux Pensionnats de jeunes filles et en particulier à ceux des *Soeurs de Saint-Charles* que vous en ont donné la première idée.”⁷²

O outro, do Bispo de Hébron, S. G. Mgr. Mermillod, auxiliar de Genebra, pelos elogios que envia ao autor, pois, em suas palavras, o livro “garantiria o desenvolvimento de uma piedade sólida das almas das jovens”.

“APPROBATION DE S. G. Mgr. MERMILLOD, EVÊQUE d'HÉBRON. (Auxiliaire de Genève)

Je vous félicite de la publication du *Livre de Piété de la Jeune Fille* ... j'associe mon approbation à celle de votre vénéré Archevêque, et je suis persuadé que ce volume sera d'un grand secours pour développer une piété solide dans les jeunes âmes...”⁷³

A obra é dedicada à Maria Imaculada Mãe de Deus e *ma mère, hommage de reconnaissance d'amour filial*.⁷⁴ Compreende a seguinte divisão:

⁷¹ “[...] obra honrada pela bênção de Sua Santidade o Pio IX e de Nobres Aprovações Episcopais”.

⁷² “Eu examinei com verdadeiro prazer vosso livro entitulado: *Livre de Piété de la Jeune Fille*. Ele contém, com uma doutrina santa, tudo aquilo que pode nutrir a verdadeira devoção: Acções ordinárias do dia – Exercícios espirituais – Deveres da religião – Práticas de Piedade – Preces litúrgicas. Agradar-me-ia recomendá-lo na oportunidade, a nossos numerosos internatos de meninas e em particular àqueles das Irmãs de São Carlos que vo-lo deram a primeira idéia”. (GOUTHE-SOULARD. *Approbation de l'Archevêque de Lyon*. Lyon, outubro de 1875. In: *Ibid.*).

⁷³ “ Eu vos felicito pela publicação do *Livre de Piété de la Jeune Fille* ... eu associo minha aprovação àquela do vosso venerável Arcebispo, e estou convencido que esse volume será de grande socorro para desenvolver uma piedade sólida nas jovens almas”. (GASPARD. *Evêque d'Hebron*. Genebra, outubro de 1871. In: *Ibid.*).

⁷⁴ “homenagem de reconhecimento do amor filial”. (FRÈRES, *op.cit.*).

Abertura com as *Approbations*. Na seqüência há um calendário de datas do dia-a-dia com os seus respectivos santos e dias santificados. E uma dedicatória às crianças do internato: “Nós não somos obrigados a fazer tudo o que é bom, mas a fazer bem tudo o que fazemos”.

A próxima parte é uma espécie de **preliminar** chamada: “Uma flor a colher a cada manhã – Calendário espiritual da *Jeune Fille*”. “As páginas seguintes reforçam, por todos os dias do ano uma intenção de prece – um bom pensamento – uma ação piedosa”.⁷⁵ Cada mês contém uma mesma ordem de pensamentos dispostos especialmente para as jovens do internato, mas também é destinada àquelas que já saíram do pensionato e já estão com suas famílias.

A obra começa pelo mês de outubro,⁷⁶ mês consagrado aos Santos Anjos Guardiães. Nas linhas a seguir entoa um consolo para as meninas que se separam de seus pais para ir ao internato, garantindo que aí estariam sob a proteção do Anjo da Guarda. Enquanto aí estivesse a jovem educanda deveria aprender alguns dos alicerces da construção do caráter das futuras mulheres que viriam a ser. Tais bases estariam calcadas na aprendizagem de algumas virtudes, essenciais para se alcançar a pureza do coração.

O *Livre de Piété de la Jeune Fille* nessa parte, em primeiro lugar, consagra as regras para um bom convívio no internato, perpassados como valores a serem seguidos. Para tanto prevê, antes de mais nada, quatro grandes fontes de bondade no internato, e a cada fonte se segue uma intenção: 1- a presença de Jesus na Eucaristia, intenção, “eu farei com muito respeito uma visita ao Santo Sacramento”, valorização da religião cristã; 2- o amor à Santa Virgem, intenção, “eu lerei uma ato de consagração à Santa Virgem, e pedirei que ela me ame, como faria minha mãe”, valorização da maternidade ; 3- a obediência, pois uma criança obediente “é sempre feliz, porque ela é sempre amada; e está sempre contente, porque faz sempre a vontade

⁷⁵ *Ibid.* p. 29-30.

⁷⁶ O livro sendo escrito e editado em francês, segue o calendário escolar europeu que começa no mês de outubro.

de Deus”, intenção, “eu serei pontual ao cumprir as tarefas”, importância da obediência feminina ; 4- a amizade, que se forma sob o olhar de Deus, a intenção, “eu pedirei ao bom Deus que me envie um bom amigo, e não esconderei de minhas mestras meu coração”, o valor em encontrar um amigo adequado.⁷⁷



Certidão de 1ª Comunhão de uma aluna – 1915. (Coleção Particular).

Quanto às virtudes a serem “colhidas” no internato, chamam de “frutos”. São eles: 1- a caridade; 2- “joie du coeur”, a alegria do coração; 3- a paz; 4- a paciência, “grande virtude dos Santos”; 5- a complacência; 6- a bondade, “que é a virtude que mais nos aproxima de Deus”; 7- a docilidade; 8- a suavidade, escutar, não elevar a voz nunca, não responder contrariada, não responder bruscamente; 9- a sinceridade, “contar as faltas quando interrogada”; 10- a modéstia, “tudo o que se tem de belo e de bom, vocês têm do bom Deus”; 11- a força de vontade, “abrandar o caráter, e ensinar a domar a imaginação e a repelir a fantasia e se entregar ao dever”; 12- a inocência, “transparece no rosto, a eterna juventude da alma”. Para obter essas virtudes, era

⁷⁷ FRÉRES, *op. cit.*, p. 32-33.

preciso por elas pedir, rezando, no mês de outubro, mês consagrado aos Santos Anjos Guardiões. Assim estariam as alminhas puras dessas juvenzinhas imunes aos vícios.

No mês de novembro, mês consagrado às almas do Purgatório, era preciso orar “por essa pobres almas que sofrem, na intenção de pagar por elas”. Logo em seguida a intenção do mês: “Seja mais silenciosa ao estudar, mais respeitosa na Igreja e mais assídua ao trabalho”.⁷⁸ É bom ressaltar o significado de trabalho que transparece no livro. Este teria duas conotações: a do trabalho diário da alunas e o trabalho das órfãs, aqui comparadas às almas do Purgatório quanto às atividades pesadas que lhes são impostas, mas ao mesmo tempo têm a chance, assim como as almas do Purgatório, de conseguir o “paraíso”. As órfãs tinham obrigações de fazer a limpeza em geral do colégio, dessa forma, segundo Trindade, cumpriam uma função discriminatória, ressaltando as diferenças pelas funções subalternas (geralmente limpeza de todo tipo) que desempenhavam. De um jornal da época, ressalta “As órfãs aprendem não só a ler e escrever e contar, como também a jardinar e vários trabalhos domésticos”.⁷⁹ Aprendiam isso enquanto as alunas estavam nas aulas de polidez e ordem ou tocavam piano, ou bandolim, faziam bordados e flores artificiais vê-se, dessa forma, que o estudo das necessitadas tem o caráter utilitário que o das afortunadas não tem.

Assim sendo, a cada mês um sacrifício era dirigido a uma causa, ao oferecimento uma graça, e recebendo em troca as bênçãos de Deus. Mesmo porque a cada intenção residia, além da aprendizagem e obtenção de uma virtude, a garantia da tranqüilidade no internato.

No mês de dezembro, mês consagrado ao Apostolado da Oração, rezava-se a cada dia para que a reunião das orações em torno do Coração de Jesus garantisse o triunfo da Igreja e a saúde das almas. A intenção principal era rezar para que Deus fosse mais conhecido e mais amado.⁸⁰

⁷⁸ *Ibid.* p. 39-46.

⁷⁹ TRINDADE, *op. cit.*, p. 77-78.

⁸⁰ Aqui é bom ressaltar essas devoções, bem como as devoções à Maria, como proposta do movimento ultramontano, o livro foi escrito no bojo dessa doutrina.

O mês de janeiro era consagrado à Santa Infância de Jesus. Nesse mês seguiam-se os ensinamentos da obediência de Jesus criança. “Como ele era exato, pontual, fiel, laborioso”. A intenção consistia em imitar o exemplo de Jesus.

O mês de fevereiro também era consagrado à Santa Infância de Jesus, com a intenção específica de corrigir os defeitos. Cada dia deste mês era necessário fazer uma oração especial para afastar um vício, era o momento de rezar pelos “mauvais caractères”.⁸¹

Mereceram destaque 17 desses defeitos:

- 1- A futilidade, “o bom Deus não gosta da criança preguiçosa, que, sempre, por tudo se distrai e se agita”. Para combater a futilidade, indicava-se uma oração antes da execução das tarefas diárias. Aí se encontra a ligação do ócio, do nada fazer, à idéia de devaneios, dessa forma as alunas tinham em mente sempre o ditado: “A preguiça é a mãe de todos os vícios. Eu nunca tive preguiça de nada, procurei sempre preencher meus dias com trabalhos de todos as ordens”.⁸²
- 2- O orgulho, “o bom Deus não gosta da criança de caráter orgulhoso, que se acha mais inteligente e mais bonita”. Contra o vício do orgulho, era preciso todos os dias oferecer qualquer das tarefas que não se gosta de fazer por amor próprio.

“Durante as refeições era necessário agradecer a comida, por outro lado, havia a imposição de comer de tudo. Eu detestava espinafre, mas comi aceitando o sacrifício, e hoje como de tudo. Meu marido e eu resolvemos mandar nosso filho para o internato por esse motivo, ele era muito teimoso e desobediente, começando pelas refeições, então meu marido disse: ‘no internato esse menino vai aprender a obedecer e a comer de tudo’”.⁸³

- 3- A hipocrisia, “o bom Deus não gosta da criança de caráter dissimulado”.

A hipocrisia é considerada o mais hediondo dos vícios. Contra a hipocrisia é necessário ter-se sempre um olhar verdadeiro. “Quando se

⁸¹ FRÉRES. *op. cit.*, p. 62-73.

⁸² Entrevista 4.

⁸³ Entrevista 4.

fazia uma traquinagem em sala de aula, todos deveriam assumir a brincadeira, era preciso ter espírito de grupo e enfrentar as conseqüências com sinceridade”.⁸⁴

- 4- A teimosia, “o bom Deus não gosta da criança teimosa que não sabe ceder aos outros”. Para deixar de ser teimoso é preciso se submeter sempre e por tudo às ordens dos outros, sobretudo às palavras dos professores e Irmãs, por mais difícil que seja. “Como era difícil dizer oferecer o chocolate da sobremesa em sacrifício”.⁸⁵
- 5- Aos que gostam das disputas, “o bom Deus não gosta das crianças briguentas, que parecem serem inimigas da tranqüilidade dos outros”. Contra o espírito briguento é preciso impor o silêncio para observação e assim aprender a ser dócil. “[...] a gente aprendia no colégio a conviver, a ter ética, saber respeitar e conviver com as pessoas, inclusive com o marido, com os filhos e com a sogra”.⁸⁶
- 6- A inquietude, “o bom Deus não gosta da criança inquieta, que está sempre infeliz e sempre aborrecida”. Para acabar com inquietude é preciso ter mais confiança nos mestres e mais amor a Deus. Uma saída para tal infortúnio é abrir o coração a eles.
- 7- A indolência, “o bom Deus não gosta da criança de caráter mole e indolente, que parece sempre dormir”. Contra a indolência é preciso obrigar-se, a cada dia, a apresentar aos mestres e ao bom Deus ao menos uma tarefa inteiramente feita.
- 8- A fraqueza, “o bom Deus não gosta da criança que é incapaz de tomar uma resolução, e que acaba se entregando ao mal”. Para combater a

⁸⁴ Entrevista 2.

⁸⁵ Entrevista 4.

⁸⁶ Entrevista 1.

fraqueza deve-se recorrer aos mestres e lhes pedir ajuda, para que eles com seu olhar vigilante, substitua o olhar vigilante do bom Deus.

- 9- A inconstância, “o bom Deus não gosta da criança que a cada momento muda de humor e de opinião”. Para os inconstantes um único remédio, o internato, para que se tome firmemente as regras, punindo-se cada vez que se erra.
- 10- A raiva, “o bom Deus não gosta da criança de caráter colérico, que, a menor reprovação, se irrita e se zanga”. Contra a raiva deve-se aprender a se calar e pedir sempre desculpas, e punir-se depois de cada falta. “Brigas, palavrório eram notas contra polidez. Para as que se excediam ou respondiam os professores, tudo isso era nota contra polidez”.⁸⁷
- 11- A zombaria, “o bom Deus não gosta da criança de caráter zombador, que está sempre procurando travessuras, os erros de linguagem, as faltas dos outros, para os ridicularizar”. Antes de zombar dos outros é preciso que se pense um pouco mais nas falhas pessoais.

“A Maria era muito engraçada, a gente distraía as freiras enquanto ela pregava o véu das irmãs um no outro quando elas estavam andando no corredor, quando elas se separavam era uma gargalhada geral, elas ficavam seu véu e todo mundo corria para ver o cabelo delas, era a maior curiosidade ver se elas eram carecas. Nunca nenhuma irmã conseguiu pegar quem fez. Era muito engraçado”.⁸⁸

- 12- A suscetibilidade, “o bom Deus não gosta da criança de caráter suscetível, que se ofende por nada, que tudo o magoa. Supõe sempre que se fala dela e que se fala mal”. A afeição aos mestres é a única cura para tal mal, mas com a condição de se fazer o propósito de não se irritar. “Sempre tive na Irmã Júlia uma amiga e uma mãe. Ela sempre esteve ao meu lado nas horas mais difíceis da minha vida. Até mesmo depois que eu saí do colégio”.⁸⁹

⁸⁷ Entrevista 2.

⁸⁸ Entrevista 4.

⁸⁹ Entrevista 4.

13- A malícia, “o bom Deus não gosta da criança traquina, que não pode deixar ninguém em paz. Como remédio para corrigir tal vício, é preciso aceitar sem reclamar os castigos impostos e “bem merecidos”.

“Uma vez eu soltei uma piada e todo mundo começou a rir. Era aula com a Irmã Maria Celeste, ninguém gostava dela. Ela me chamou atenção, e eu cheia de raiva respondi e assumi o meu erro. E ela me puniu mais firmemente porque eu descumpri a ordem de não assumir a culpa sozinha, fui mandada para fora da sala e para conversar com a Irmã Júlia”.⁹⁰

14- O mau-humor, “o bom Deus não gosta da criança amuada, emburrada, pois este é o defeito das crianças depravadas, caprichosas, pobres de espírito, enciumadas, defeito este que assombra o caráter”. Este vício se combate com a oração e com a aquisição de qualquer virtude, sobretudo com a humildade. “Aprendia-se as boas maneiras, como uma jovem da sociedade deve agir, desde a postura até a maneira de falar, de responder às pessoas, do trato e do bom trato com os mais humildes”.⁹¹

15- A maldade, “o bom Deus não gosta da criança de caráter duro, frio. Para combater esse *mauvais caractér* é preciso comungar sempre.

16- A desobediência, “o bom Deus não gosta da criança desobediente”. O remédio é a oração, que é “a gota d’água que amolece a rocha”.

17- O ciúme, “o bom Deus não gosta da criança ciumenta, invejosa, que não pode suportar que os outros sejam amados, acariciados, tenham sucesso”.
Contra esse vício também se deve orar.

Com a enumeração dos vícios e seus respectivos remédios, havia sempre um aviso, “o bom Deus não gosta...”, que em forma de ladainha impunha o temor, mais do que do respeito a Deus, para se garantir assim uma vigilância continua sobre os atos das alunas no internato. Para cada vício havia uma virtude que estava ao alcance de qualquer um, e que levaria a “Deus me ama, pois eu busco a perfeição”. E “Deus me vê” estava em todo e qualquer lugar garantindo a introjeção.

⁹⁰ Entrevista 2.

⁹¹ Entrevista 3.

O mês de março era consagrado a São José, e o mês de abril à Paixão de Jesus. O mês de maio era consagrado à Maria, “refúgio aberto, voz que instrui, amparo que dá força, coração que compreende, modelo a seguir”.⁹²

O mês de junho era dedicado ao Coração de Jesus, ocasião em que se ensinava a seguir, antes de tudo, os desejos de Seu coração, que eram: a glória de Seu Pai; a honra à Santa Virgem; a saúde das almas (para isso era preciso assistir à missa todos os dias); a redenção das almas do purgatório e o triunfo da Igreja.⁹³

O mês de julho era consagrado à Igreja e ao precioso sangue de Jesus. O mês de agosto, à Maria, rainha das virgens. Era o momento de rezar novamente por aqueles fracos que se deixavam levar pelos vícios. O mês de setembro era consagrado às crianças e à Santa Família. E novamente vinha o mês de outubro e as orações se repetiam sem cessar.⁹⁴

Dessa forma com a leitura do “*Livre de Pieté de la Jeune Fille. Au Pensionnat e dans sa Famille*”⁹⁵, obrigatório nas cabeceiras das alunas do Cajuru, enquanto internas e depois de terminarem seus estudos e voltarem para suas casas, o projeto religioso da Ordem de Chamberry estaria garantido. Ou seja, ao lerem esta obra, as jovens introjetariam, durante toda a vida, os valores que as formariam.

Todas essas virtudes estavam sempre presentes nos corredores e nas salas de aula do Colégio Cajuru, e eram exigidas, tanto das alunas e os professores quanto das irmãs. Junto às exigências da *politesse* e da ordem, estavam as virtudes cristãs, pois sendo um colégio católico o comportamento social e o comportamento diante da moral cristã não se separam. Nesse sentido o termo de visita ao colégio em 1934, garantia ver no Cajuru uma educação feminina que ligando a “*Sciencia irmanada com a Fé*, a

⁹² FRÈRES. *op. cit.*, p. 74-112.

⁹³ *Ibid.* p. 112-125.

⁹⁴ *Ibid.* p. 126-168.

⁹⁵ FRÈRES, *op. cit.*

edificar o porvir da Patria, refundindo o espirito da infancia e da juventude nos moldes basilares da civilização occidental – que é obra incontestado do Christianismo”.⁹⁶

Tudo isso sempre ligada à valorização extrema da figura da Virgem Maria. Ao buscar a perfeição feminina no exemplo de Maria, como causa exemplar logo depois da figura do Cristo, é preciso buscar, sempre a fé, a virgindade, a humildade, o recolhimento interior, o amor para com Deus e para com o próximo, pois se “Maria é a mais amável e a mais amante das mães, deve ser também a mais amada”.⁹⁷

Finalizado o calendário espiritual, o livro apresenta mais cinco partes. Resumidamente, tem-se:

Primeira Parte – Ações Ordinárias do Dia. Essa primeira parte está dividida em oito capítulos, cada qual orientando sobre as ações ordinárias durante o dia. O primeiro capítulo é o despertar (*réveil*); o segundo, o levantar (*lever*); o terceiro a *toilette*; o quarto, o trabalho manual (*travail manuel*); o quinto, o estudo e o comportamento em classe (*étude – classe*); o sexto, recreações (*récréation*); o sétimo as refeições (*repas*) e o oitavo, o dormir (*coucher*).

Segunda Parte – Exercícios espirituais. Dividida também em oito capítulos, destinados à oração. Primeiro capítulo, oração da manhã; segundo, meditação; terceiro, Santa Missa. Este capítulo enumera os exercícios para a Santa Missa diária a assistir no colégio. Cada dia eram oferecidas orações para um fim em especial. Dessa forma no domingo era o fim do Santo Sacrifício; a segunda-feira era a missa pelos mortos; a terça-feira era a explicação das principais cerimônias e de qualquer uma das palavras da missa; na quarta-feira era dia para confissão; na quinta-feira, meditação afetuosa e prática sobre as amabilidades de Jesus; sexta-feira, estações sobre o calvário durante a Santa Missa ou Santa Missa em União com o Coração de Jesus, e no sábado a Santa Missa era destinada à Santa Virgem.

⁹⁶ FRANCO, Antonio Martin. Termo de visita ao Colégio Cajuru. Curitiba, ago. de 1934.

⁹⁷ TAQUEREY, A.D. *Compêndio de teologia ascética e mística*. Porto : Livraria Apostolado da Imprensa, 1955. p.94-100.

O capítulo quarto trazia orientações sobre as visitas assíduas ao Santo Sacramento; o quinto, idas à Capela, rezar o terço, “a visita piedosa e assídua à Capela faz milagres”; o sexto, leitura espiritual, escolha do bom livro como o melhor amigo, e aconselhava-se um livro de piedade; o sétimo, instruções para exame de consciência (palavras – atos e omissão e ainda por sentimentos diversos), nessa parte o autor enumera virtudes que tornam uma jovem piedosa, e defeitos e levam a uma jovem de caráter mundano; o oitavo e último capítulo dessa parte destina-se às orações do dia, exame de consciência e recomendação à Maria.

Terceira Parte – Deveres da Religião. Essa parte é dividida em quatro capítulos. O primeiro orienta sobre a Confissão; o segundo a Santa Comunhão; o terceiro, a instrução religiosa, estudo do catecismo e atenção aos sermões na missa; o quarto, a Santificação dos Domingos e dos dias Santos. Sobre estes o autor enumera como dias Santos: Natal; 1º dia do ano; Epifania; Purificação de Maria; Quaresma; Semana Santa; Páscoa; Ascensão; Pentecostes; Santíssima Trindade; 3 Sacramentos e do Sagrado Coração; Dia de Todos os Santos; Finados; Imaculada Conceição; Aniversário de Maria; Santo Nome de Maria; Festa da Apresentação da Santa Virgem; Anunciação; Visitação; Compaixão da Santa Virgem; Morte e Assunção da Santa Virgem.

Quarta Parte – Práticas de Piedade. Essa parte é dividida em catorze capítulos e um capítulo preliminar que trata das indulgências, tais como a jaculatória: “Jesus, Maria, José”, bastante praticada pelas alunas por toda vida. “Na hora dos trabalhos, nos recreios, nos intervalos, eu aprendi a rezar ‘*Jesus, Marie, Joseph. Je vous donne mon coeur, mon esprit et ma vie. Jesus, Marie, Joseph*’, e mesmo depois que eu saí do colégio, eu sempre recorro à Sagrada Família”⁹⁸. Os capítulos enumeram uma série de práticas que ajuda “deixar a terra e se elevar ao céu”. As práticas piedosas não são virtudes, mas conduzem às virtudes.⁹⁹ Cada capítulo contém uma devoção em especial. O primeiro à Divina Providência; o segundo a Nosso Senhor Jesus Cristo; o

⁹⁸ Entrevista 4.

⁹⁹ FRÉRES, op. cit., p. 499.

terceiro à Santa Virgem; o quarto a São José; o quinto aos Santos Anjos da Guarda; o sexto, aos Santos protetores da infância. O sétimo indica pequenas práticas de piedade, tais como o sinal da cruz, as jaculatórias, as gravuras santas no quarto. O oitavo capítulo prevê as orações às Almas do Purgatório; o nono à Devoção ao Papa; o décimo, a lembrança dos aniversários, de batismo, de nascimento, da primeira comunhão, da crisma, e outros; o décimo primeiro é dedicado ao recolhimento e reflexões; o décimo segundo, às vocações; o décimo-terceiro às orações diversas, à mães, conversão dos pecadores, aos doentes, órfãs, e aos aflitos. E o último contém conselhos práticos de São Felipe Néri às crianças do internato; dez desses conselhos enfatizam o perigo das tentações a que todos estão sujeitos no internato:

- 1- Não adie para mais tarde para fazer o bem, porque a morte não tardará a vir.
- 2- Moderem suas alegrias: o excesso de distração destrói o pouco de bem que possam ter adquirido.
- 3- Não negligencie seus exercícios de piedade: se quiserem se divertir, comecem por executar o que a piedade exige de vocês; divirtam-se depois, numa boa hora;
- 4- Tenham uma grande devoção à Santa Virgem, ela é a melhor maneira para obter as graças do Senhor.
- 5- Se vocês querem perseverar no bem, fujam das más companhias; cuide de seus olhos para que não se fixem em nenhum objeto perigoso; abstenham-se de ter ou de se divertir com as conversas muito livres; convivam com os sacramentos, sobretudo aqueles de penitência; evitem com grande atenção a ociosidade a toda hora, mas sobretudo após as refeições, porque é nesta hora que o demônio tenta com mais força.
- 6- Desconfiem de vocês mesmos qualquer que seja suas virtudes; creiam sempre capazes de sucumbir à tentação e fujam de toda ocasião de pecar.
- 7- Para saber escolher é preciso três coisas: tempo, prudência e conselho.

- 8- Sejam obedientes e submissos aos seus superiores: a obediência é o mais curto caminho de chegada à perfeição.
- 9- Não mintam nunca.
- 10- Leiam somente a vida dos Santos; escutem a palavra de Deus, e sigam com assiduidade os exercícios de sua paróquia.¹⁰⁰

A Encíclica *Pascendi Regis*, de Pio X (1907), tem um conjunto de preceitos bem semelhantes ao *Livre de Piété*, principalmente quando se refere e incentiva a leitura de livros de piedade, quando compara a imagem do “bom livro” com a do melhor amigo, ou quando indica restrições ao teatro e ao cinema: “cuidem de seus olhos...”; bem como quando condena bailes, “fujam das festas profanas”, que são “focos da lascívia e apelo sexual”. Também condena as revistas de moda, grande porta para o incentivo do mal da futilidade e da frivolidade feminina.¹⁰¹

Esses conselhos somam o bom comportamento desejado para o convívio no internato às advertências dos momentos de evitar os pecados que assombram os seres humanos durante toda a vida. O livro passa a tratar então das atitudes de prudência com a aproximação das férias; durante as férias e com a família, e quando da entrada no mundo.

Quinta Parte – Preces Litúrgicas. Como última parte, contém vários cantos e orações para as diferentes ocasiões da vida, além de cantos e hinos para as festas santas.

Para que todas as virtudes cristãs não passassem de letras mortas a preencher o livro da jovem piedosa, era preciso um personagem que, com firmeza absoluta e convicta de sua missão, fosse capaz de perpassar em cada gesto, em cada atitude, o conjunto dessas virtudes. Deveria ainda demonstrar todo o empenho na tarefa de arrebanhar almas femininas dispostas a alcançar a perfeição, dessa forma cumprindo o propósito de também ser a difusora de seus ensinamentos, além de ser capaz de no internato encarnar a representação da mãe e a própria mãe espiritual a Virgem Maria guia e inspiradora.. Essa pessoa foi a Irmã Julia Jarre.

¹⁰⁰ FRÉRES. *op. cit.*, p. 724-728.

¹⁰¹ TRINDADE. *op. cit.*, p.158.

2.2.1 Construindo um Símbolo

“ Impregnada do verdadeiro espírito da Congregação de São José, Irmã Julia teve sua vida pautada no lema *Petit Dessein* – Pequeno Projeto, isto é, **Humildade e Modéstia** -, nada ser aos olhos do mundo, para somente ser aos olhos de Deus o que lhe aprouver, na Misericórdia Divina, como desejou e idealizou o fundador da Congregação, padre Medaille. E foi dentro destes moldes de humildade e modéstia que sempre encontramos a nossa querida Irmã Julia, trabalhando, batalhando para construir esta obra majestosa que é o Colégio Cajuru, **cuja principal finalidade é educar e aprimorar a mocidade feminina da nossa terra**, e nunca permitindo que fossem divulgadas as suas atividades, o seu dinamismo e, muitas vezes, o seu estóico heroísmo ante situações difíceis que foram galhardamente vencidas, graças à sua fé e ao fogo ardente do amor de Deus, seu Pai Celeste, a quem consagrou a vida”.¹⁰² (Sem grifo no original).

Desde o início de suas atividades, o Colégio Cajuru contou com a Diretora Irmã Júlia Jarre, que permaneceu na direção do colégio até a década de 1960. Foram 52 anos de plena dedicação ao colégio que viu fundar. *Eugénie Jarre*, de nascimento, nasceu em *Les Chapelles*, na Savóia, França, em dezembro de 1882. Em 1900, assumiu o nome religioso de *Mère Julia*, como viria a ser chamada por todos. Pertencendo a uma família de classe média alta, estudou nos melhores colégios de Chamberry na França.

Tendo como sua aliada a frase onipresente: “Deus me vê”, garantia a introjeção da vigilância individual nas alunas. Com olhar “(...) penetrante, perspicaz, comanda (...)”, as internas, tendo sempre as palavras: “ *Mes enfants, la politesse est la règle de bien vivre et bien faire toute les choses* ”.¹⁰³

Os ideais cristãos estavam sempre presentes nos ensinamentos dessa religiosa, que tão carinhosamente enviava cartinhas às suas ex-alunas. Numa delas, perpassa as bases do alcance das virtudes da mulher ideal.

“A Irmã Julia era formidável. Depois que eu saí do colégio, porque não agüentei de saudades de casa, sempre que podia ela se correspondia comigo”¹⁰⁴. Essa

¹⁰² Entrevista 6.

¹⁰³ SUPPLICY, Maria de Lourde Lacerda. O dia a dia do Cajuru. In: *Mère Julia do Cajuru. Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n. 69, dez. 1982, p.14. “Minhas crianças, a polidez é a regra de viver e fazer bem todas as coisas”.

¹⁰⁴ Entrevista 9.

aluna esteve no colégio no ano de 1920, e mais tarde no início da década de 1940, sua filha também foi interna do colégio. Numa carta guardada com carinho, amarelada pelo tempo, transparece a intenção da religiosa em ser sempre uma guia espiritual:

“ [...] Sinto imenso que V. Não continue seus estudos; teria aproveitado tanto, estando aqui pelo menos mais um anno. Ja que sua boa Mãe precisa da filhinha em casa, procure ajudar lhe muito em tudo que puder, e tenha sempre um comportamento exemplar; assim será estimada de todos e abençoada por Deus que a fará feliz”.¹⁰⁵ (Sem grifo no original).

Junto à cartinha enviou algumas mensagens retiradas de um dos livros de piedade utilizados pelas irmãs, *Palhetas de Ouro*, obra escrita pelo mesmo autor que o *Livre de Piété de la Jeune Fille*. Numa das passagens em forma de parábola, mais uma vez transparece a idéia de ganhar o céu através das pequenas obras.

“REAL POR REAL

O commerciante deseja principalmente as encommendas importantes; mas elle não despreza os pequenos lucros. Muitas fortunas se teem feito real por real, isto é por pequenas quantias.

Com relação ao céo, nós sômos commerciantes; nós fazemos o commercio. Não deixemos pois passar nenhuma occasião de augmentar nosso thesouro.

E um serviço a prestar ao proximo; um pouco de paciência a mostrar, n’um encontro desagradavel; um pouco de coragem em presença d’um dever difficil a cumprir.

É uma humilhação a supportar christãmente; uma injustiça a esquecer; uma perda a soffrer sem murmuração, uma dôr de cabeça a soffrer, sem se queixar, etc.

Tantos reaes para o céo. Feliz aquelle que não despreza os pequenos lucros”!¹⁰⁶

De fato, nem mesmo ela, a Irmã Julia deixava passar as pequenas oportunidades em “aumentar seu tesouro”, e difundir sua missão entre suas alunas. Numa entrevista uma aluna deixa transparecer o quanto era importante fazer parte do “rebanho”:

“Eu tinha três colegas que eram órfãs de mãe, por isso o pai as colocou no internato. Um dia nós soubemos que também o pai delas tinha morrido de acidente de automóvel na estrada da Graciosa. Depois disso é que a gente soube que elas não eram batizadas, achamos aquilo horrível. É que o pai delas era ateu e não tinha deixado elas serem batizadas. Então, depois que o pai morreu, elas pediram para a Irmã Julia para serem batizadas. Comentou-se isso no colégio, e a gente rezou muito por elas. Essa história se tornou tabu, ninguém mais comentou”.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Ibid.

¹⁰⁶ FRÉRES, Aubanel. *Palhetas de ouro*. Avignon : Aubanel e Irmãos, 1921.

¹⁰⁷ Entrevista 4.

Segundo o professor de Física e Química do Colégio, na década de 1930, Sr. Ildefonso Clemente Puppi, Mère Julia, “Transparecia a sua formação moral esmerada, a firmeza de caráter e a fé inabalável nos sãos e aprofundados princípios cristãos, que sabia defender com ardor e convicção”.¹⁰⁸ Princípios esses que exigia com firmeza de suas educandas.

“Quando a gente exagerava nas brincadeiras a maior punição era ir para a sala da Irmã Julia. Não eu não tinha medo dela, era uma coisa muito maior era respeito: Não que ela fosse grosseira ou que impusesse castigos pesados, mas ela era muito firme no sermão que passava e a gente saía convencida de que os nossos erros eram realmente muito graves. Nesses sermões ela repassava as lições de comportamento ideal que a gente já estava cansada de saber. Que não se deve responder os mais velhos, a professora, deve se comportar nas aulas, conseguir segurar o riso, evitar zombarias, e outras regras de convívio”.¹⁰⁹

Enérgica, vigiava o comportamento de suas pupilas todo o tempo. “Uma vez, ao entrar no refeitório, eu comia uma maçã às dentadas. Ela me perguntou, em alta voz, se eu estava num piquenique. E aprendi a comer maçã com garfo e faca”.¹¹⁰

Ainda segundo o Professor Puppi, a Irmã Julia:

“(…) como conselheira esclarecida e prudente, ‘dedicava-se’ às suas inúmeras **discípulas oriundas de classes de maior conceito e influência social, política e econômica**, preparou-as todas para missões e cargos da maior relevância e responsabilidade, no lar, como futuras esposas e mães, no exercício do magistério, ou em outra importante atribuição da alçada feminina”. (Sem grifo no original).

Mas, ao mesmo tempo que se impunha a todos com energia, era muito dócil com aquelas que para ela recorriam. Segundo um aluna que freqüentou o colégio nos anos de 1913-1916:

“Eu me sentia muito bem tratada pela Irmã Julia, principalmente porque eu era bisneta de um francês. Eu adorava o colégio. Enquanto estive lá fiquei muito doente, tive tifo. Quase morri, mas a Irmã Julia foi incansável, ficou ao meu lado todo o tempo. Uma noite ela precisou me deixar e pediu para que uma outra irmã me fizesse companhia, eu piorei muito, minha febre subiu demais. Chamaram-na às pressas, fui levada para tomar banho frio. Nessa ocasião ela fez uma promessa para eu me salvar, prometeu mandar uma plaquinha de agradecimento para Lourdes, e como eu me salvei ela pagou do próprio bolso e mandou, deve estar lá na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes na França. Ela sempre me dizia que eu me salvei por causa da promessa que ela havia feito, e eu acredito que foi mesmo.”¹¹¹

¹⁰⁸ PUPPI. *op. cit.*, p. 9.

¹⁰⁹ Entrevista 5.

¹¹⁰ OLIVEIRA, Leonor Demeterco Corrêa de. Irmã Julia. In: Mère Julia do Cajuru. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, dez.1982, p. 11.

¹¹¹ Entrevista 4.

Àquelas que provocou antipatia, há o exemplo do depoimento de uma aluna no qual deixa transparecer a pouca estima pela mestra: “Não canto o Cajuru de *Mère Julia*, dura e fria, olhar perdido lá longe parecendo não escutar o tímido pedido (um bilhetinho da Mamãe, preciso sair mais cedo para ir ao dentista)”. Por outro lado, reconhece a caridade da mesma Irmã, quando diz “Canto o Cajurú do ‘*sucré d’orge*’, o da Irmã Julia levando pacientemente pela mão, anos a fio, a menina excepcional, detendo-se para colher uma flor ou mostrar o vôo dos pássaros e das borboletas”.¹¹²

Nesse sentido, quando indagada se a Irmã Julia cometia diferenças em tratamento entre as alunas do colégio, uma entrevistada deixou transparecer:

“Eu a via fazer distinção em cobrar demais de sua sobrinha que também era freira, ela era francesa, muito miudinha, mas muito inteligente. Acho que ela fazia isso ou porque tinha a intenção dela ser sua sucessora na direção do colégio, ou porque ela exigia porque acreditava que sendo sua sobrinha tinha que mostrar que era competente. Também percebi que ela tinha especial implicância com uma menina ligada a uma família de ervateiros, não me lembro o nome dela, ela era das turmas das mais novas que eu, mas também era interna. Mas nesse caso a menina era realmente muito levada, endiabrada mesmo. Aí ela tinha razão. Mas se ela era elitista, acho que não. Apesar de tratar melhor as que a gente sabia que eram mais ricas, mas nada de exagero. Ouvi dizer que ela era uma condessa, era ela que dava as regras de polidez para todos, inclusive para as irmãs.”¹¹³

Em torno de sua figura controvertida, amada por muitos, tolerada por outros e respeitada por todos, vai se construir um símbolo dos ideais femininos cristãos que marcará sua época no Colégio Cajuru e em toda sociedade paranaense. A base de seus ensinamentos serão virtudes cristãs.¹¹⁴ Como educadora terá a missão de edificar os corações de suas pupilas na difícil tarefa de tornarem-se mulheres. Por meio de suas atitudes, lançará os exemplos dos ideais da ordem em Curitiba. Tarefa difícil, mas que, com abnegação e rigor, iria cumprir aplicando o projeto formador das Irmãs de São José de Chamberry.

¹¹² LACERDA, Maria Thereza Brito de. Derrubando mitos. Em busca do colégio Cajurú perdido, à maneira de Dalton Trevisan. In: *Mère Julia do Cajuru. Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, dez. 1982, p. 19.

¹¹³ Entrevista 6.

¹¹⁴ GONÇALVES, Raquel Mäder. Homenagem à Irmã Julia. In: *Mère Julia do Cajuru. Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, n. 69, ano IX, dez. 1982, p.22.



Irmã Júlia. Retrato da década de 1940. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n.69, dez. 1982.



Ícone enviado por Irmã Júlia para a filha de uma aluna, quando de sua 1ª Comunhão. 1939. (Coleção Particular).



Ícone enviado a todas as alunas por ocasião da comemoração dos 60 anos de Profissão. (Coleção Particular).



Ícone enviado a uma aluna "[...] com os melhores votos de felicidade envia com muito afeto a sempre querida e lembrada Aída." 1920. (Coleção Particular).

CAPÍTULO 3

POR DETRÁS DOS MUROS

“Com a água límpida que cobre o leito de um rio, como os raios dourados que descambam do alto sobre a terra, as bênçãos do Senhor pairam sôbre o ginásio de Nossa Senhora de Lourdes. Aqui Deus se manifesta em tôda parte; um Deus que esteve com êle presente desde o primeiro tijolo lançado na aridez dos terrenos desertos dêste bairro, desde a primeira parede aqui erguída, e que depois, pouco a pouco, cresceu de tal maneira, a ponto de substituir a antiga casinha de outróra, pelo edifício belo e grandioso que temos hoje [...]”¹

3.1 AS IRMÃS ACOLHEM TODAS COM CARINHO

Aquele pavilhão construído com o intuito de abrir um internato, que passou a funcionar em 1907, foi sendo aumentado à medida que mais alunas acorriam ao colégio. Em 1915 foi necessária a construção de mais um prédio, para mais salas de aulas e dormitórios, e assim, em 1918, edificou-se mais um pavilhão, e, em 1930, este pavilhão foi mais uma vez aumentado.

Em 1933, “O Edifício ocupado actualmente pelo Collegio, que pleiteia a sua equiparação permanente ao Collegio D. Pedro II, do Rio”², tal colégio era uma instituição modelo no Brasil, portanto equiparar-se a ele transparecia a vontade de ser o melhor. Nessa época o edifício neogótico passou a contar com dois vastos pavilhões, “construídos segundo as exigências da moderna architettura, do ensino e da hygiene”³.

¹ CALMON, Regina. *Meu querido Ginásio de Nossa Senhora de Lourdes*. O Cajuru. Órgão do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes. Curitiba, 15 de nov. de 1941, no II, p. 6.

² HISTORICO DO ESTABELECIMENTO. Pasta com documentos avulsos. Curitiba, Biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

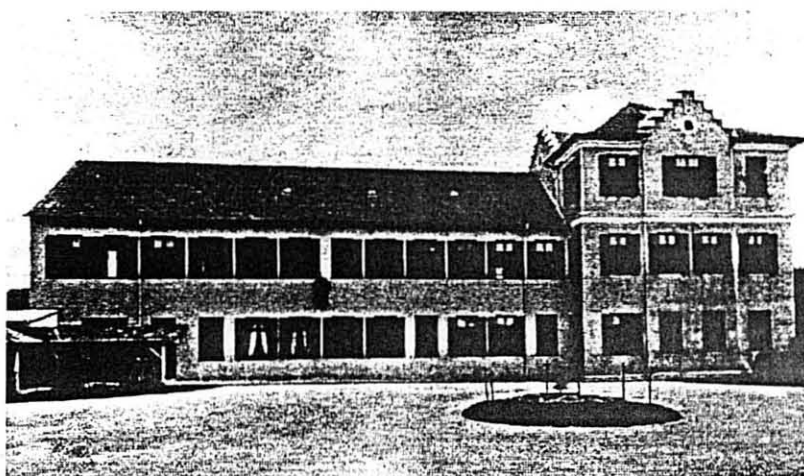
³ *Ibid.*



Vista parcial do convento de Nossa Senhora de Lourdes. 1915. (Coleção particular).



Pátio interno do Colégio por volta de 1918. Vê-se aí o pé recém-plantado da magnólia que se tornaria frondosa na década de 1940. (Coleção particular).



Vista parcial do Colégio Cajuru. 1920. (Coleção particular).

3.1.1 A Entrada no Colégio

Alguns pré-requisitos eram exigidos para a admissão das alunas no colégio. Tanto para o internato como para o semi-internato, não se recebiam meninas expulsas de outros colégios e as que sofriam de doenças contagiosas. Exceto esses dois impedimentos, não havia requisitos expressos. A candidata à vaga para internato deveria apresentar a certidão de nascimento para comprovar a idade, o atestado de vacinação recente e a caderneta de saúde.⁴ O que pode demonstrar o quanto, ainda na década de 1930, era preocupante as doenças contagiosas em locais de ensino.

GINÁSIO N. S. DE LOURDES

Senhorita *16ª Helena Coimbra*

Trimestre correspondente aos meses de: *julho, agosto, setembro*
1942

Jóia de entrada.....

Pensão..... *390\$000*

Lavagem da roupa..... *30\$000*

Piano, Violino, Bandolim, Pintura..... *90\$000*

Flôres, Bordado a máquina, Datilografia.....

Despesas classicas.....

..... *quotas de inspeção*..... *40\$000*

Curso primario.....

Curso ginásial..... *105\$000*

Despesas de trabalho manual e flôres.....

..... *leite*..... *30\$000*

Despesas de pintura e música.....

..... *radiografia*..... *50\$000*

..... *transferencia (abril)*..... *40\$000*

16-8-1942..... *775\$000*

..... *16ª Helena Coimbra - abril, maio, junho*..... *600\$000*

..... *Deve*..... *775\$000*

Recibo do ano de 1942. Por não ser recibo de entrada não consta o depósito da jóia.
(Coleção Particular).

⁴ INFORMATIVO DO GYMNASIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES. Curitiba, abr. de 1936.

As taxas mensais para o internato eram consideradas altas, e, além dessas mensalidades, eram depositadas uma jóia⁵ e uma taxa de matrícula. Os pagamentos eram adiantados e, segundo o contrato, as taxas e mensalidades por motivos de ausência não seriam devolvidas, nem sofreriam descontos. Além disso, o colégio forneceria, com uma taxa a mais, os materiais necessários para comprar livros, e todo o material para o ensino de música, desenho, pintura e trabalhos de agulha. E o colégio se encarregava, caso fosse necessário, e se os pais desejassem, de despesas extraordinárias, tais como compra de remédios, fortificantes, sapatos, viagens, desde que depositada uma quantia para estes fins. Também o uniforme, obrigatório, poderia ser fornecido pela escola, desde que autorizado e houvesse o devido depósito. O uniforme constava de : 1 vestido de sarja de lã azul marinho; 1 vestido de brim azul marinho, 1 blusa branca; 2 aventais pretos de mangas compridas; 2 cabeções e 1 chapéu e um casaco azul marinho.⁶

“Na minha época (1913-1918), o uniforme vinha da França pronto. Tinha uniforme de gala que era de seda e era à moda francesa. As irmãs tiravam as nossas medidas e mandavam fazer na França. No dia-a-dia o uniforme era de algodão, tinha um avental xadrez, uma espécie de guardapó, por cima, e o laço do cabelo era do mesmo xadrez que o avental”.⁷

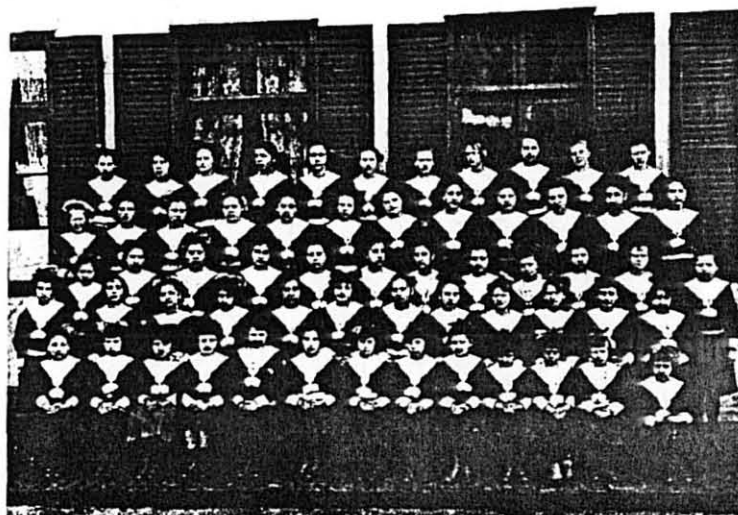


Foto das alunas de 1915. (Coleção particular).

⁵ Jóia aí com o significado de “propina ou dinheiro que se paga ao ser admitido numa associação ou grêmio”. (CALDAS AULETE, 1986, p. 1099)

⁶ INFORMATIVO DO GYMNASIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES. op. cit..

⁷ Entrevista 4.

Somado às peças do uniforme, o enxoval das alunas internas era composto de: 8 camisas; 4 camisas de dormir (mangas compridas); 2 camisas de banho (chita); 8 calças; 6 saias brancas; 4 toalhas de rosto; 2 toalhas para banho; 6 guardanapos (60 cmx60cm); 12 lenços; 12 pares de meias pretas; 2 camisas de meia; 4 lençóis (2m25cmx1m80cm); 4 fronhas; 1 travesseiro; cortinado de filó, sem armação (3mx4m); 1 colcha branca; 1 ou 2 cobertores de lã; 1 acolchoado; 2 pares de calçados pretos; 2 pentes (fino e de alisar) e escovas para limpá-los; 1 par de luvas brancas; 1 calção para ginástica; 1 par de sapatos para tennis; 2 camisetas; escovas; sabonetes; tesourinha; talher de prata ou de cristofle, copo e argola para guardanapo. Uma aluna entrevistada contou que seu pai quando veio fazer sua matrícula, comprou alguns artigos de seu enxoval para o colégio: “Papai comprou a louça e o paliteiro de prata na Casa Kopp na Rua XV aqui em Curitiba, o paliteiro eu tenho até hoje”.⁸

Enumerados todos os materiais básicos para a permanência das alunas no colégio, vê-se que, além dos impedimentos citados, e expressos no contrato da escola, havia um outro requisito implícito: poder arcar com as despesas, que não eram nem poucas nem de pequena monta.

Os serviços médico-odontológicos eram prestados nas dependências do Colégio em gabinetes especiais. Em tal serviço, na década de 1930, havia um médico, Dr. João Cândido Ferreira (professor Catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Paraná), portanto não era simplesmente fornecer um serviço médico, mas um serviço de um dos melhores médicos. Um professor catedrático renomado, um

estudo amplas e com todo aparelhamento e requisitos pedagogicos modernos; ordem e a moralidade observadas no estabelecimento, tudo isso nos leva a considerar essa casa de educação como verdadeiro modelo do genero".⁹

Havia também, nessa mesma época no setor de saúde, um dentista, Dr. Raul Brandt, uma farmacêutica e enfermeira, a Irmã Sophia. O serviço dentário era oferecido às alunas do internato, se fosse necessário o dentista faria "o respectivo orçamento que será enviado aos Snrs. Pais e só começará o trabalho depois que vierem a devida autorização e o pagamento adiantado".¹⁰

Na década de 1930, segundo o termo de visita do Dr. Algacyr Munhoz Mäder, correspondente do Ministério da Educação e Saúde Pública,¹¹ o Colégio possuía farmácia, gabinete médico e dentário, enfermaria instalada dentro do próprio colégio e uma biblioteca. Disponha de laboratórios para as aulas práticas de química e um grande pátio para os exercícios físicos.

Segundo a descrição de uma aluna do colégio da década de 1930¹², a entrada aos visitantes era feita pelo edifício central, pela portaria, onde havia um parlatório, local em que as irmãs recebiam as alunas recém-chegadas, suas famílias ou outras visitas. Nesse mesmo local, as alunas internas também recebiam suas visitas nos dias e horários definidos. Saindo dessa sala havia um enorme pátio com duas grandes árvores. Na parte térrea, à esquerda, antes de sair pela escada e encontrar com o pátio, havia um corredor, onde tinha um banheiro, logo a cozinha e no fundo o refeitório. No parlatório, ainda havia comunicação com a secretaria e a capela das freiras e noviças.

O subsolo era destinado ao orfanato. Atrás da Capela, atravessando o pátio, ficava a casa do Padre, capelão do Colégio, de 1922 a 1963, Maurício Dunand, o "Mon Père". Saindo pelo pátio, havia uma alameda de cedros que levava à gruta de Nossa Senhora de Lourdes, e também no caminho se encontrava a capela onde eram realizadas as missas diárias para as alunas. Na década de 1930 essa capela foi

⁹ FERREIRA, João Cândido. *Termo de visita ao Colégio Cajuru*. Curitiba, dez. de 1934.

¹⁰ INFORMATIVO DO GINÁSIO NOSSA SENHORA DE LOURDES. Curitiba, abr. de 1936.

¹¹ MÄDER, Algacyr Munhoz. *Termo de visita ao Colégio Cajuru*. Curitiba, dez. 1934.

¹² SUPLICY, Maria de Lourdes Lacerda. O dia a dia do Cajuru. In: *Mère Julia do Cajuru*. Curitiba : *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n. 69, dez. 1982. p.15-16.

reformada e ganhou um aspecto mais luxuoso, acompanhando o estilo neogótico do prédio. Havia nessa época três dormitórios, agrupados por idade, o das pequenas, das médias e das grandes. Com 80 camas, separadas por mesas de cabeceira. Junto ao dormitório também tinham pias para lavar as mãos e escovar os dentes. Ao fundo, a cama da irmã encarregada de vigiar o dormitório. O Colégio também possuía um salão nobre, para apresentações e 4 saletas de piano.¹³

Todos os anos iniciava-se o ano letivo com uma aula inaugural no salão de honra. Estavam presentes nessa cerimônia de abertura o Capelão do colégio, o Inspetor Federal, e todo o corpo docente. Abria-se a sessão com o Hino Nacional. Uma aluna do último ano do ginásio lia o nome das alunas e saudava as autoridades presentes. Após isso cantavam o hino do colégio:

“Salve, salve, amado Cajuru
Templo de estudo e caridade
braseiro intenso de instrução
Por seres a luz da mocidade
Juramos-te dedicação”.¹⁴

Nesse instante, as alunas novatas passavam a fazer parte da comunidade. E mesmo que estivesse com os “[...] olhos marejados de lágrimas, por terem deixado os pais, [...] só fazia isso porque não conhecia ainda quão doce e agradável é a nossa vida nesta linda gaiola. Quando desfrutar os tesouros que ela encerra, dará graças a Deus o ter inspirado aos Pais trazê-la neste Paraíso terrestre que é o Cajurú”.¹⁵

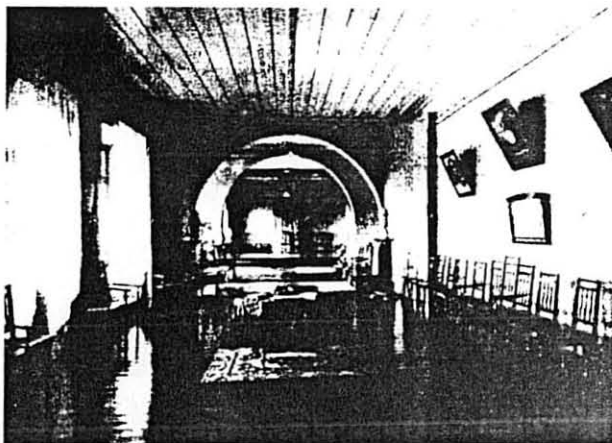
Esse depoimento denota o carinho de algumas alunas pelo colégio, e o quanto estavam acostumadas naquele ambiente, apesar da reclusão e da saudade dos pais. Uma entrevistada, inclusive aluna da mesma época da cronista aqui citada, mostrou sentimento semelhante ao colégio: “Eu gostava muito do colégio, me acostumei no internato em pouco tempo”.¹⁶

¹³ *Ibid.* p. 16.

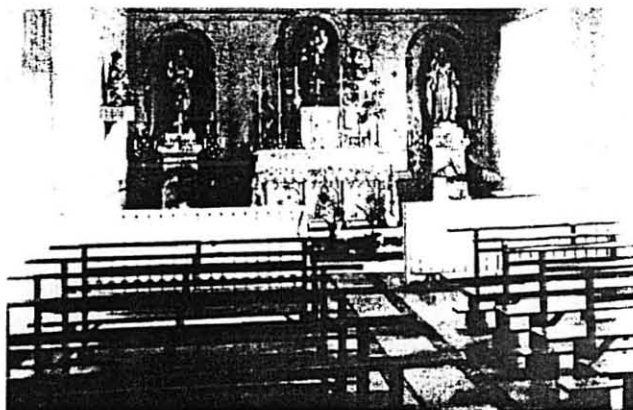
¹⁴ NOSSA HISTÓRIA. *op. cit.*.

¹⁵ CAMPOS, Amélia. *Cronica*, 17 de Março. O Cajuru. Órgão do Ginásio de Nossa Senhora de Lourdes, Curitiba, 21 de ab. de 1941, ano II, n.4.

¹⁶ Entrevista 5.



Parlatório do Colégio. Foto dos anos 40. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n.69, dez. 1982.



Altar da antiga capela do Colégio Cajuru. Foto da década de 1910. (Coleção Particular).



Capela do Colégio Cajuru. Foto dos anos 50. Boletim Informativo Da Casa Romário Martins. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n.69, dez. 1982

3.2 O COTIDIANO DO INTERNATO

"Ações ordinárias do dia

- *Mon Père*. disse uma jovem ao confidente das alegrias e dos sofrimentos de sua alma. *mon Père*. eu tenho medo de não ir para o Céu.

- E por quê, minha criança?

- Eu não faço nada, nada pelo bom Deus. Eu gostaria de me confessar e peço auxílio: eu vejo minha vida seguir inútil, e eu fico triste pensando que se eu morresse de repente, eu não teria nada a mostrar a Deus mais do que coisas sem valor.

- Pobre pequena, respondeu o padre sorrindo, suas horas de cada dia, e seus minutos de cada hora, completamente cheias por pequenas ações que compõe sua vida, você não conta para nada?

- Esse minutos! Essas horas! Elas voam cheias sem dúvida pelos deveres de todos os dias, mas levam com elas os desejos que não posso jamais executar.

- Bem! Minha criança, elimine estes desejos, santifique docemente, pela obediência e pela boa intenção, as pequenas ações que preenchem, como disse, todas as suas horas, e essas horas dirigidas a Deus serão trocadas por méritos.

Não é a grossura do feixe que enriquece a casa do pai de família, mas a nobreza dos grãos de cada ramo; não é a quantidade do trabalho, mas o valor do trabalho que merece uma recompensa.

[...] Uma vida regular, calma, submissa, uma palavra doce, de consolação, uma pequena condescendência, um instante de paciência, uma contrariedade alegremente aceita, um apoio, uma privação pouco importante, o menor pequeno sacrifício, o menor sofrimento, o menor ato de caridade ou de obediência, a ação mais comum e mais trivial; veja bem, estes são pequenos nada se não são feitos com boas intenções; mas sob o olhar de Deus, com o pensamento de lhe agradar, estes pequenos nada se transformam em preciosidades!

[...] – Calcule por semana, por mês, por ano, e diga, minha criança, diga agora que você não tem nada a mostrar ao bom Deus.

- Obrigada, obrigada, *mon Père* eu vou preencher meus dias de tesouros preciosos... Caras pequenos atos de minha vida no internato ou na família, que eu os ame!

- Aprese-se minha criança, apresse-se de se enriquecer, mas não se esqueça que a faculdade de trocar em alegrias para o Céu as ações mais corriqueiras não é concedida senão aos corações inocentes".¹⁷ (Sem grifo no original).

O *Livre de Piété de la Jeune Fille*, quando vai orientar suas discípulas nos afazeres diários, utiliza essa pequena historinha para que melhor consiga mostrar que é nos pequenos afazeres do dia que se busca a perfeição. Não é somente nas grandes obras, mas na prática diária dos trabalhos do dia feitos com amor e sempre lembrando de Deus que se consegue o Céu. "As virtudes eram repassadas todo tempo, assim como a polidez, éramos corrigidas todo tempo".¹⁸

Dessa forma, e tendo sempre esses conselhos em mente o dia-dia do colégio era composto por períodos bem definidos, e cada período tinha suas regras e horários a serem seguidos com rigor. "Nós fazíamos orações antes e depois das refeições. Depois

¹⁷ FRÉRES. *op. cit.*, p. 179-180.

¹⁸ Entrevista 5.

do almoço íamos à gruta para rezar , antes de dormir e de novo ao acordar. E para nós as internas, tinha missa todo dia”.¹⁹ Para as internas, o dia começava com o despertar, que acontecia bem cedo, o sino repicava às 6 horas. Nessa hora era preciso, antes de tudo, deixar o abominável vício da preguiça de lado. Diz o *Livre de Piété de la Jeune Fille*:

Disse Mgr. Landriot, que nesse momento nós estamos diante do mais terrível de nossos inimigos, e este inimigo é o travesseiro; quando nós queremos o deixar pela manhã, ele toma a linguagem sedutora das Sereias: ele nos afaga com uma ternura precavida; ele nos parece dizer: ‘Por que me deixar ? Você não está bem aqui?... Você não se sente cansado ?... Sinta sua cabeça e poderá ver que uma dor de cabeça poderá começar... Depois sentirá o frio fora de sua cama...’ Mova-se, troque o inimigo por uma vigorosa saída e a vitória é sua.²⁰

Ao se levantar, uma oração rápida, e já era a hora de se arrumar. O banho não era diário; apenas duas vezes por semana, e vestidas com a camisola. Algumas alunas driblavam essa exigência, e escondidas, retiravam a camisola durante o banho. “Eu entrava no banho de camisola para enganar a irmã vigilante, mas atrás da cortina tirava a camisola, e tinha o cuidado de mergulhá-la na banheira, para depois vesti-la molhada para parecer que eu tinha tomado banho com ela”.²¹

O momento da *toilette* também deveria ser acompanhado da mortificação, fé e sem ser vagarosa. Também não se devia esquecer da higiene, em relação ao próprio corpo e com as roupas: “lavar as mãos ños dias de inverno, se pentear cuidadosamente todas as manhãs, tirar com suavidade as nódoas das roupas, é penoso, é fatigante!... Faça tudo com espírito de obediência, com pensamento de prazer, e merecerão o Céu”. Era preciso começar o dia com atos de virtude: Obediência, Renúncia, Piedade, Modéstia, Complacência e Caridade. ²² *O Livre de Piété de la Jeune Fille* fala na ordem ao deixar o quarto, depois de se arrumar para se iniciar bem o dia:

¹⁹ Ibid.

²⁰ FRÉRES. *op. cit.*, p. 184.

²¹ Entrevista 4.

²² FRÉRES. *op. cit.*, p. 187-190.

“Faça também reinar a ordem e a propriedade em volta de vós. Hábito feliz daqueles que vos obrigam a não deixar o dormitório antes que vossa cama não esteja feita, antes que tudo esteja arrumado, de maneira que os olhos mais severos não encontrem nada a reclamar. Não deixe nunca nada em desordem, quando deixar o quarto, é preciso que ele passe uma impressão bem favorável sobre vós”.²³

Depois disso, às 7h30m, as internas encaminhavam-se para assistir à Santa Missa. Nos primeiros anos do colégio, antes da construção do segundo pavilhão, o edifício que abrigava os quartos, salas de aula, e demais dependências, não tinha ligação com a capela, e por isso: “Para ir à missa, a gente atravessava o pátio no inverno num frio danado, cheio de geada”.²⁴ Nos anos de 1930 este problema já tinha sido resolvido, as meninas em dias de chuva e muito frio podiam ir para a capela por um corredor interno. Às 8 horas, depois de um rápido café da manhã, começavam as aulas.

Antes das refeições, fazia-se uma oração de agradecimento, e até os anos de 1920, uma entrevistada disse que as meninas agradeciam o alimento cantando:

Refrão 2 vezes:

“Avant de se mettre à table

A-tu-dit ton bénédicité

As-tu-dit ton bé-bé-bé

As-tu-dit ton né-né-né

As-tu-dit ton di-di-di

As-tu-dit ton ci-ci-ci

As-tu-dit ton té-té-té

As-tu-dit ton bé, ton né, ton di, ton ci, ton bénédicité”.²⁵

Na hora das refeições, o almoço, lanche e jantar (este somente para as alunas dos anos de 1930) fazia-se apenas uma oração contida no missal *Goffiné*. Esse momento envolvia todo um aparato de organização por parte das irmãs, além de ser a hora da alimentação, era também, e acima de tudo, um horário destinado à vigilância da conduta e do bom comportamento à mesa. “Lembremos do ‘azáfama’ na hora das refeições”, dizia um das irmãs, que depois de terem ficado toda a manhã em sala de

²³ Ibid. p. 182.

²⁴ Entrevista 5.

²⁵ Entrevista 4.

aula, enquanto professoras, acompanhavam as alunas ao refeitório e serviam-lhes de vigia. Só depois iam almoçar, rapidamente, pois logo tinham que assumir novamente a vigilância dos recreios.²⁶

“Às 13 horas reiniciavam-se as aulas até às 14h30min., hora do lanche. Recomeçavam as filas aula-refeitório. Enquanto sob a vigilância de uma Irmã, em cada refeitório, alunas serviam o chá ou o café, as Irmãs professoras aproveitavam do curto espaço de tempo de meia hora para, por sua vez, tomarem um rápido lanche e depois, fazerem a leitura espiritual em comum, por 20 minutos, conforme exigências das ‘Regras’ da Congregação.

Às 15 horas voltava-se, outra vez às aulas, até às 16 horas, Neste horário as semi-internas se retiravam, enquanto que as internas permaneciam nas salas de aulas, com as suas Regentes, para as aulas de Bordado até às 17 horas, hora do jantar.

As Irmãs professoras, uma vez mais, serviam no refeitório para jantarem em seguida. Algumas eram escaladas para a vigilância do recreio e outras para o estudo, a partir das 18 horas. Às 20 horas, as internas iam dormir”.²⁷

A vigilância dos refeitórios era considerada uma tarefa cansativa principalmente a de ser escalada para vigiar o refeitório das internas. Eram cinco vezes ao dia onde se deveria:

“[...] ensinar as boas maneiras; educar para que aceitassem qualquer cardápio; exigir posição correta na mesa; vigiar a ordem, a limpeza, a higiene; atender às saúdes; manter o silêncio durante toda a refeição, salvo dias especiais. Deus, somente Deus, saberá avaliar o quanto todas elas (as irmãs vigilantes) deram de si num serviço gratuito em prol da educação”.²⁸ (Sem grifo no original)

A hora das refeições eram verdadeiras aulas práticas de *politesse française*. Duas entrevistas, a primeira de uma aluna do início dos anos de 1940 e a segunda de uma aluna dos anos 1913-1918, sobre as refeições, deixam bem claro o quanto as irmãs levavam a sério ensinar suas discípulas a aceitarem qualquer cardápio:

“A alimentação era razoável. Por outro lado, nos dias festivos melhorava. Todos os dias tinha sobremesa, era uma fruta ou, aos domingos que também tinha um cardápio mais gostoso, a sobremesa era mais gostosa, queijo com goiabada. Logo que a gente voltava das férias era bom, todo dia tinha um docinho que a gente tinha trazido de casa para a sobremesa.”²⁹

“Eu aprendi a comer de tudo no colégio. Papai trazia nas visitas mensais um monte de coisa gostosa para mim. Mamãe fazia geléias, goiabada, marmelada, doce de laranja, queijos, e eu comia ou no café-da-manhã, ou no almoço ou no lanche. Nunca podia comer fora de hora. Era sacrificado”.³⁰

²⁶ NOSSA HISTÓRIA. *op. cit.*

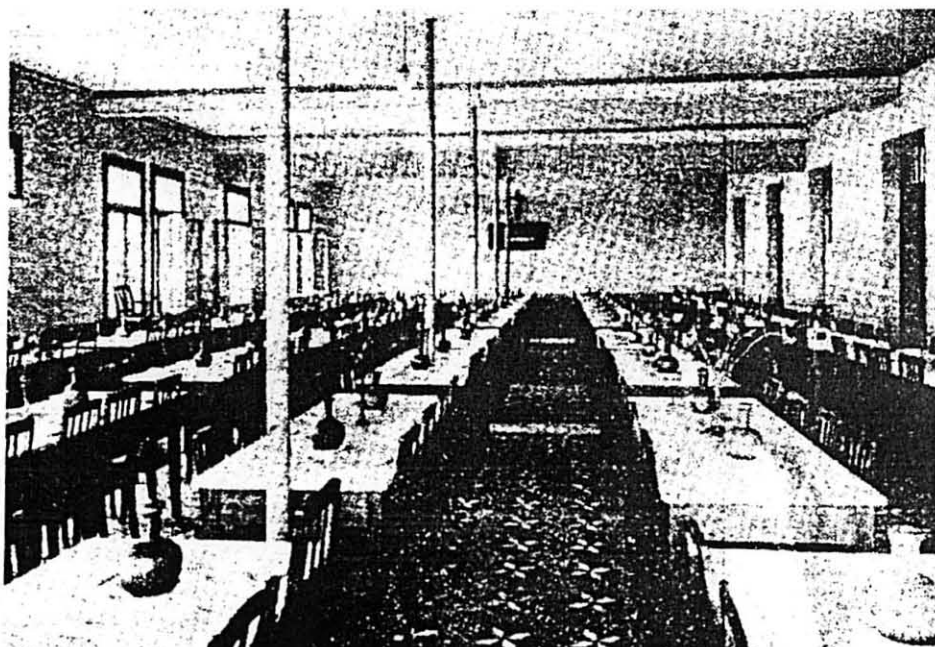
²⁷ *Ibid.*

²⁸ *Ibid.*

²⁹ Entrevista 5.

³⁰ Entrevista 4.

O momento das refeições também era, vez por outra, um momento apropriado para se fazer sacrifício. Diz o *Livre de Piété de la Jeune Fille* que há duas virtudes a se praticar durante as refeições: a benevolência, momento em que se pode ser afável com os colegas, servir as colegas menores e cuidar para que todos ao seu redor não passem por privações pelo receio de pedir qualquer coisa. “Observem escrupulosamente as regras de asseio, de polidez e de decência, que sempre vossas mestras vos dão pessoalmente, afim de não desgostar ninguém e mesmo com a intenção de dar o bom exemplo a todos”.³¹



Refeitório do Colégio Cajuru. Foto dos anos 30. Boletim Informativo do Colégio Cajuru.

Outra virtude a ser aplicada durante o *repas* é a mortificação, se o alimento é do agrado, não esquecer de agradecer, mas “se não são tão bons, comam um pouco. É exigir muito?”. Outro detalhe, aceitar o pedaço que é oferecido, mesmo que não pareça tão “suculento”, “pegue simplesmente aquele que a Providência deixou para vós”.³² Nesse sentido, uma aluna conta: “Uma vez por semana, um chocolate pequeno, puro, no formato de um meio cilindro, nos era ofertado. Durante o mês de maio, Mês de

³¹ FRÉRES. *op. cit.*, p. 202.

³² *Ibid.* p. 203.

Maria, as freiras nos sugeriam fazermos sacrificio e depositarmos esse chocolate no altar de Nossa Senhora. ‘Ela comia’... pois desaparecia”.³³

Durante os recreios, no meio da manhã, e no meio da tarde, também era necessário ter sempre em mente os limites, mesmo porque havia sempre uma irmã a vigiar as brincadeiras. Nessas horas não era permitido que duas amigas ficassem juntas e sós, era preciso que ficassem em pequenos grupos. Segundo uma aluna, no recreio ficavam num pequeno grupo de quatro amigas, “durante o recreio eu gostava de contar histórias, e minhas colegas pareciam gostar pois iam chegando para ouvir o que eu contava”.³⁴

Todos os dias no final da tarde, às 16 horas, havia as aulas de trabalhos manuais, em que se aprendiam principalmente os trabalhos de agulha, bordado e a “arte do cerzimento”. Como nessas “aulas” era permitido conversar, desde que se falasse em francês, as alunas semi-internas eram separadas para essas atividades das alunas internas. A palavra-chave dessas atividades eram o capricho e a paciência, sucesso garantido para a execução desses trabalhos. Diz uma aluna ao aprender a cerzir: “Diziam as irmãs, -Remenda o pano que te dura mais um ano. Remenda outra vez que te dura mais um mês”.³⁵

O aprendizado dessas funções estava muito ligado à preparação das meninas como futuras donas-de-casa. O *Livre de Piété de la Jeune Fille* prevê:

“Por mais minuciosa que ela seja, por mais inútil que vos pareça, deve-se exercer sempre a costura; o trabalho de rouparia perfeitamente executado faz, o remendo meticoloso, unido à prática da limpeza, vos coloca diante das funções de dona de casa a que vocês são destinadas”. A Escritura Santa não louva a mulher que lê muito, ou aquela que escreve com elegância, mas aquela que sua mão remenda as calças e confeccionam às roupas de sua família. Se puder optar entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, nós vos dizemos, meninas, qualquer que seja sua fortuna, escutem: ‘Vós sabeis ler, vós sabeis escrever satisfatoriamente, sabeis as regras para as pequenas contas; rápido, deixem todo o resto e peguem as vossa agulhas’.³⁶

³³ SUPLICY. op. cit., p. 16.

³⁴ Entrevista 7.

³⁵ Entrevista 8.

³⁶ FRÉRES. op. cit., p. 191.



Grupo de alunas do início da década de 1940. (Coleção particular).



Grupo de alunas nos bosques do Colégio Cajuru, no início da década de 1940. (Coleção particular).

Se tais preceitos ainda eram seguidos à risca na década de 1930 não se pode afirmar, mas não há como refutar um indício, as meninas educadas no Cajuru, em sua maioria, ao saírem do colégio no máximo se dedicariam ao magistério. Era raro a moça que saindo do colégio cursava um curso universitário. Nesse sentido uma aluna (1936-1940), mais tarde formada em medicina, diz que de sua turma só ela e mais outra colega fizeram faculdade.³⁷

Às 17 horas, as alunas semi-internas tomavam um lanche rápido e iam embora, e no colégio ficavam somente as internas, que nesse momento iam jantar. A partir das 18 horas estudavam, faziam suas tarefas. E às 20 horas iam se deitar; antes disso tomavam um chá com bolachas. Segundo uma aluna interna no início dos anos de 1940, na sua época o chá com bolachas antes de dormir já havia sido abolido. “Eu tomava um copo de leite porque meu pai achava que eu estava muito fraquinha. Então ele pagava uma taxa extra para as irmãs. A noite antes de irmos dormir, havia uma bandeja com mais alguns copos de leite morno, que outras colegas minhas também tomavam”.³⁸

Ao chegar no dormitório, apagava-se a luz, a fim de que, no escuro, trocassem o uniforme pela camisola branca de algodão. Então rezavam mais uma oração em agradecimento ao dia que passou e pediam bênçãos para o novo que viria.

Diz o *Livre de Piété de la Jeune Fille* sobre a hora de dormir: “A noite veio... se o dia foi bem proveitoso, como será bom o vosso sono! Quando não se tem a consciência tranqüila, oh! Como se tem medo”. E indica para que nesse momento se tenha: Silêncio, Recolhimento, Modéstia, Oração.³⁹

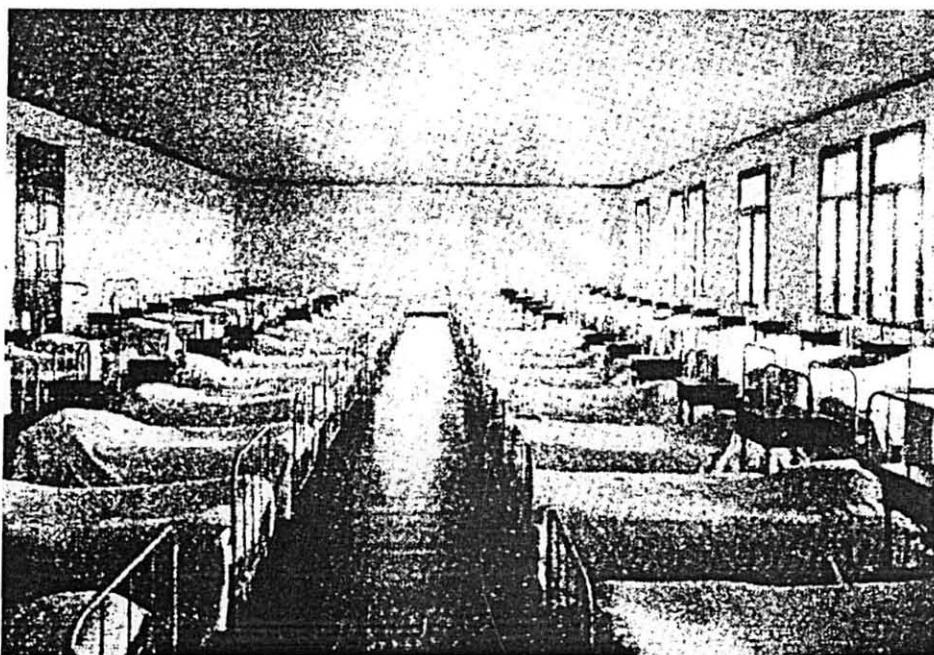
De acordo com o depoimento de uma aluna, que foi interna em meados da década de 1930, percebe-se o quanto as irmãs vigilantes estavam atentas para qualquer atitude que considerassem de conduta “duvidosa”. Dormir de bruço pode oportunizar

³⁷ Entrevista 1.

³⁸ Entrevista 2.

³⁹ FRÉRES. *op. cit.*, p. 204-206.

“atentados” a moral permitida pelas virtudes cristãs, bem como ficar desleixada na cama, até mesmo para dormir. Havia regras de boas maneiras e controle das pulsões. “Havia uma juvenista que dormia com a gente para nos vigiar. Certa vez levei uma bronca por estar despojada na cama. ‘Deite direito, isso não é maneira de deitar!’. As mãos deveriam ficar em cima da coberta, e a gente tinha que dormir ou de costas ou de lado, nunca de bruços”.⁴⁰



Dormitório do Colégio Cajuru. Foto dos anos 30. Boletim Informativo do Colégio Cajuru.

Além dessa labuta diária, toda primeira sexta-feira do mês iam cedo para a capela, depois assistiam às aulas de catecismo. Uma vez por ano havia os retiros, que aconteciam durante três dias seguidos. As alunas de outras religiões eram dispensadas, podiam ficar em casa nesses dias. Já as que eram católicas seguiam os dias de mortificação absoluta, deveriam ficar sem falar, meditando. “O retiro não era obrigatório, mas para dizer a verdade... eu nunca vi ninguém se negar de fazê-lo”.⁴¹ Certamente as alunas acreditavam ser pecado negar oferecer sacrifícios e oração a Deus nesses dias de retiro, onde oportunizava-se fazer um exame de consciência, e

⁴⁰ Entrevista 3

⁴¹ Entrevista 5.

analisar os atos de virtude que havia se proposto a adquirir e lembrar algumas vitórias sobre o vício ou defeito que se pretende corrigir, isto é o que o *Livre de Piété de la Jeune Fille* indicava para fazer um bom exame particular de consciência. E certamente pedir e obter o perdão de suas falhas. Por isso mesmo, uma aluna relembra com mágoa os dias do retiro e de outros momentos da prática diária dos sacrifícios:

“Não canto o Cajurú do retiro espiritual, a fúria dos quatro Cavaleiros do Apocalipse e mais todos os raios, maldições e o fogo do inferno caindo sobre as cabeças pecadoras contra todos os dez mandamentos e de todos os pecados venial, mortal, capital (a preguiça de pular da cama, o orgulho da nota dez, a inveja de quem estava saindo, a avareza de esconder o pedaço de chocolate que sobrou, a gula de comer sozinha toda a lata de marmelada branca, a raiva do castigo injusto, a luxúria de não lavar a mão que o namorado tocou), minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa. Não Canto o Cajurú da missa, da confissão, comunhão, terço, novena, via-sacra, jaculatórias, ladainha, as indulgências plenárias, capitalizando para garantir a eternidade feliz. Não canto o Cajurú do sacrifício pelas almas do purgatório e a remissão dos pecados (não chupar balas, não conversar na fila, rezar de braços abertos ajoelhada no milho)”.⁴²

A partir de 1933, começaram a ser aceitas alunas em regime de semi-internato. Mas havia total separação de todas as atividades das alunas semi-internas e internas. As alunas semi-internas só eram misturadas às internas durante as aulas, ou seja, estudavam na mesma sala. Mas o recreio era em local separado, assim como as refeições. Ou seja, só havia convívio entre elas quando era vedada a comunicação. Isso tudo para que se mantivesse o caráter recluso e afastado do internato, mecanismo utilizado para que as internas não tivessem contato com as notícias do mundo lá fora, evitando as saudades. Por isso mesmo o pior dos castigos era a “privação da saída mensal”, único momento no mês que se obtinha comunicação além dos muros do colégio.

3.3 O ENSINO

Desde a sua abertura, em 1907 o Cajuru oferecia somente educação sob o regime de internato. Às suas alunas oferecia uma instrução feminina de acordo com um *curriculum* baseado num programa mínimo estabelecido pelo Estado, com um cunho mais humanista e seguia os moldes franceses. “A bagagem científica levada pelas

⁴² LACERDA. op. cit., p. 20-21.

jovens, ao deixarem o internato, colocava-as ao lado das pessoas cultas. Sua cultura era sólida e profunda. Dava-lhes uma educação integral a fim de que pudessem enfrentar a sociedade atual com todas as suas exigências. Educadas, cultas e cristãs podiam constituir famílias exemplares”.⁴³

Na década de 1930⁴⁴ o Cajuru já tinha sido reconhecido oficialmente como Ginásio e oferecia os seguintes cursos: primário que preparava as alunas para o exame de admissão ao curso ginásial; secundário ou ginásial em que se adotavam os programas oficiais organizados pelo Departamento Nacional de Ensino. Como complementação, o currículo apresentava aulas de piano, violino, pintura, flores, bordados à máquina, escrituração mercantil, datilografia, ‘stenografia’. Para todas estas atividades eram cobradas uma taxa especial das alunas.

“Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, eram ministrados em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviços, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas”.⁴⁵

Havia aulas todos os dias úteis (segunda a sábado), das 8 às 11 horas, e das 13 às 17 horas. O período letivo transcorria do começo de fevereiro até meados de dezembro, para o curso primário; e para o curso ginásial, as aulas começavam no começo de março e iam também até meados de dezembro. Na década de 1930, foram instituídas as férias de julho.

⁴³ NOSSA HISTÓRIA. *op. cit.*.

⁴⁴ Em 1933 foi reconhecido oficialmente como ginásio. Até essa data suas alunas prestavam exames de admissão no ginásio do Estado.

⁴⁵ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres em sala de aula. In: **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo : Contexto, 1997. p. 446.

As alunas recebiam dois boletins, um com as notas das disciplinas legais,⁴⁶ outro com as disciplinas “qualitativas”, contendo notas para ordem, comportamento e polidez.

ANO LETIVO DE 194.

Disciplinas	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Provas parciais		Média condic.	Média final
									1.	2.		
Português	7	4	9	7	7	8	8		5	6,5		6
Latim	6	7	8	11	9	10	10		11	8,5		
Francês	9	10	10	10	10	10	10		10	10		10
Inglês	6	8	8	7	10	10	10		9	8		9,5
Matemática	10	10	10	10	10	10	10		10	10		9,7
Ciências	7	7	10	10	9	9	10		8,5	9		9,5
Hist. Geral												9,1
Hist. do Brasil	10	10	10	10	10	10	10		10	9		9,6
Geog. Geral												
Geog. do Brasil	10	10	10	10	9	10	9		9	9		10
Desenho	8	8	8	8	10	9	9					
Canto Orfeônico	7	8	8	8	8	7	8					
Educação Física					9	9	9					
Religião	10	10	10	10	10	10	10		10			
Comportamento	9	9	9	9	9	9	9		9			
Polidez	10	9	10	10	8	9	8		9			
Ordem	9	10	10	10	10	10	10		10			
Aplicação	10	10	10	10	10	10	10		10			
Assiduidade												

Assinatura dos pais ou responsáveis

Abril: *[Assinatura]*
 Maio: *[Assinatura]*
 Junho: *[Assinatura]*
 Julho: *[Assinatura]*
 Agosto: *[Assinatura]*
 Setembro: *[Assinatura]*
 Outubro: *[Assinatura]*
 Novembro: *[Assinatura]*

Boletim do ano de 1940. No detalhe abaixo, as notas qualitativas de comportamento, polidez, ordem e aplicação. (Coleção particular).

⁴⁶ Para o ano de letivo 1937 para a primeira série ginásial eram oferecidas as disciplinas de Educação Física (6 aulas por semana), Português (4 aulas), Ciências Naturais (2 aulas), Matemática (4 aulas), Francês (4 aulas), Educação Moral (6 aulas) onde era repassados, dentre outros, valores cristãos, disciplina, e polidez para todos os anos, Geografia (2 aulas), História da Civilização (2 aulas), Desenho (2 aulas), Canto e Solfejo (2 aulas), Exercício de Caligrafia (1 aula). É interessante que as aulas de Educação Física aconteciam para esta série, todos os dias, de segunda a sábado, e sempre na primeira aula, às 8 horas da manhã. O mesmo acontecia com as aulas de Educação Moral que também aconteciam todos os dias, só que neste caso, somente para esta série, sempre no último horário. Talvez porque muitas das alunas entravam no colégio nesta série e era preciso aprender as virtudes mais enfaticamente, ou mesmo porque, menores que as demais precisavam de mais aulas de bom comportamento moral.

Para a segunda série ginásial eram oferecidas as disciplinas por semana de: Educação Física (6 vezes por semana, sempre no primeiro horário), Inglês (2 aulas), Francês (3 aulas), Português (4 aulas), Desenho (3 aulas), Matemática (4 aulas), Educação Moral (4 aulas), História da Civilização (2 aulas), Canto e Solfejo (1 aula), Ciências Naturais (2 aulas), Canto Orfeônico (1 aula), Geografia (2 aulas).

Para a terceira série ginásial eram oferecidas as seguintes disciplinas por semana: Francês (3 aulas), Português (3 aulas), Química (2 aulas), Inglês (3 aulas), Desenho (1 aula), História da Civilização (2 aulas), História Natural (2 aulas), Física (1 aula), Canto e Solfejo (2 aulas), Matemática (3 aulas), Geografia (2 aulas), Educação Moral (2 aulas). E as 6 aulas de Educação Física.

Para a quarta série: 6 aulas de Educação Física, Geografia (2 aulas), Química (2 aulas), Física (2 aulas), História da Civilização (2 aulas), Latim (3 aulas), Desenho (1 aula), Inglês (2 aulas), Francês (2 aulas), Português (3 aulas), História Natural (2 aulas), Canto e solfejo (2 aulas), Educação Moral (2 aulas).

Para a quinta e última série do ginásio eram oferecidas por semana: Educação Física (3 aulas), Química (2 aulas), Latim (2 aulas), Desenho (2 aulas), História da Civilização (2 aulas), Física (2 aulas), Química (2 aulas), Português (3 aulas), Higiene (1 aula), Matemática (3 aulas), Geografia (2 aulas), Economia Doméstica (2 aulas), Educação Moral (1 aula), História Natural (2 aulas).

O que tornava o ensino do Colégio Cajuru original, e para muitos o motivo de escolha para suas filhas, eram suas aulas de polidez que aconteciam todos os dias, conforme a série, ou aos sábados pela manhã. Era nessa disciplina que não se podia, definitivamente, sair-se mal. Segundo uma das alunas entrevistadas,

As aulas de polidez eram dadas pela mestra da classe, cada classe tinha uma mestra que era a encarregada da classe. As aulas de polidez eram dadas no mesmo horário das aulas normais. Nessas aulas as meninas eram preparadas para enfrentar a sociedade, para serem donas de casa e mães de família, pois era muito difícil uma mulher fazer curso universitário. Nas aulas de polidez, aos sábados, elas ensinavam a postura, o comportamento diante todas as situações, diante de senhoras, de homens, de pessoas de mais idade. A postura à mesa, a maneira de você conduzir, a maneira de você se comportar diante de suas convidadas em festas e reuniões feitas em sua casa, a maneira digna de vestir-se, de forma a nunca ofuscar qualquer de uma de suas convidadas. Enfim, o comportamento em público, nas condições sempre de dar o lugar para as pessoas mais idosas, nunca estar sentada quando uma pessoa mais velha está de pé. Também a delicadeza no vocabulário, na maneira de se dirigir às pessoas.⁴⁷

Sendo uma disciplina, a polidez também tinha notas, e essas notas:

[...] eram tiradas da maneira de se comportar diante das freiras, dos professores e das suas colegas. Brigas, palavrório eram notas negativas em polidez. Para as que excediam ou respondiam os professores, tudo isso era nota contra a polidez. Má nota em polidez era uma nota pesada no fim da semana, que poderia lhe tirar a Cruz de Honra. Essa cruz era entregue todos os sábados e quem a recebesse permaneceria com ela toda a semana, a menos que por uma falta de polidez ou qualquer outra coisa viesse a perdê-la.⁴⁸

A maioria das alunas lembra com carinho das aulas de boas maneiras:

Íamos meio arrastadas para as aulas de polidez, naquele tempo não imaginávamos o quanto nos serviriam mais tarde tais aprendizados. Era a *Mére* Imelda, a vice-provincial que nos dava essas aulas. Ela era engraçada, sempre com a mãozinha e a cabecinha do lado, e nós todas íamos para a aula imitando. As aulas eram todos os dias depois do almoço, dava um sono, mas era bom, a gente gostava. Ela dava todas as instruções, como sentar-se à mesa, como pegar nos talheres, como abrir guardanapos, quando a pessoa comia tinha que limpar a boca antes de tomar água ou vinho, por o guardanapo no colo, o vinho próprio. Hoje em dia ninguém liga para o isso, dizem até que pode misturar com tudo. E também a gente aprendia como se comportar em sociedade, a maneira de chegar num lugar, a quem se cumprimenta antes, quem estende a mão primeiro. Quando era uma pessoa mais velha, era ela que estendia a mão primeiro. Na rua, as pessoas mais velhas ficam para o lado de dentro da calçada. Todos os detalhes mínimos do dia-dia. A gente não tinha um livro, era uma disciplina prática. A postura de uma moça por exemplo, o modo de sentar. As moças de hoje em dia se atiram no sofá. Como se vestir, o casaco apropriado à roupa, à ocasião.⁴⁹

⁴⁷ Entrevista 2.

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ Entrevista 7.

Outras davam tanto valor a esses aprendizados, que até mesmo chegam a dizer que eles influíram beneficemente em suas vidas. Como é o caso de uma aluna que diz que as aulas de polidez ajudaram em seus relacionamentos com a família e perante a sociedade. E completa: “Deveria ainda ter nos colégios uma disciplina assim como essa”.⁵⁰

Outra disciplina considerada pelas irmãs muito importante e ligada à polidez, era a ordem, uma categoria que privilegiava o capricho e a organização. Uma das entrevistadas disse que apresentar cadernos com “orelha de abano” era uma exemplo de falta de ordem.⁵¹ Outra aluna apresentou como ordem algo também ligado à limpeza, ao asseio, tais como unhas e ouvidos limpos, sapatos bem engraxados, uniforme bem engomado, “tudo contava nota para a ordem”. Uma aluna contou uma história sobre o quão a ordem era importante e, verdadeiramente decisiva, para a vida de uma moça “bem posta”:

As irmãs contavam que a ordem e o capricho eram cruciais para uma moça. Nas aulas de polidez a Mére Leonie contou que: ‘certa vez uma moça foi conhecer sua futura sogra. Quando a moça deixou sua bolsa para conhecer o jardim da casa, a sogra logo aproveitou para ver o que a “pretensa” futura nora tinha em seus pertences. Depois que a visita foi embora, a mãe desesperada suplicou ao filho que não se casasse com a moça, pois ela tinha uma bolsa descuidada, fora de ordem e sem nenhum lenço para qualquer emergência’. Imagine acabar com um namoro por causa da falta de um lenço e da desordem da bolsa ! Pois é, mas sabe que eu não consigo sair sem um lencinho, e tenho vergonha de ver o interior de minha bolsa em desordem?⁵²

Nos anos de 1930, o corpo administrativo do Colégio era assim composto: a secretaria estava nas mãos da Irmã Anna-Francisca, diplomada pela Academia de Annecy, na França. A datilografia ficava por conta da Irmã Maria Emmanuel, diplomada pela Escola Commercial Feminina do Rio de Janeiro. Como guarda-livros estava a Irmã Francisca. Na chefia da disciplina encontrava-se a Irmã Gabriella, diplomada pela academia de Paris. Também havia as inspetoras vigilantes das alunas, eram as Irmãs Mathilde, Irmã Maria Gonzaga, Irmã Amélia, Irmã Angélica, Irmã Maria José e Irmã Lúcia. Na portaria, a Irmã Joanna.

⁵⁰ Entrevista 1.

⁵¹ Entrevista 2.

⁵² Entrevista 3.

O corpo docente durante os primeiros anos do colégio era exclusivamente composto pelas próprias irmãs da Congregação. Depois ao longo dos anos, pouco a pouco, foram aceitando professoras e professores leigos para algumas disciplinas. Na década de 1930, pleiteando a direção do colégio uma autorização para ministrar ensino secundário oficial, teve de aumentar seu corpo docente limitado e constituído, exclusivamente pelas religiosas da Congregação, principalmente pela necessidade da admissão de professores leigos para principalmente ministrar as disciplinas científicas.⁵³ Mesmo assim, durante a década de 1930, segundo o inspetor do ensino secundário do Paraná, a maioria do corpo docente do colégio ainda era composta pelas irmãs.

O primeiro professor homem leigo do colégio (isso porque o Padre Maurício Dunand, o capelão da escola, ministrava aulas de latim desde os primeiros de abertura da mesma), foi o Dr. Ildefonso Clemente Puppi, o Dr. Puppi, como era chamado. Ele foi contratado pela instituição em 1933 para as aulas de Física e Química no Curso Ginásial. “Jovem, inteligente e culto, o Dr. Puppi (engenheiro) soube fazer das Irmãs e das alunas, outras tantas amigas”.⁵⁴



"Mon Père" Padre Maurício Dunand, Capelão do Colégio Cajuru. Foto dos anos 30. (Coleção particular).

⁵³ PUPPI. *op. cit.*, p. 8.

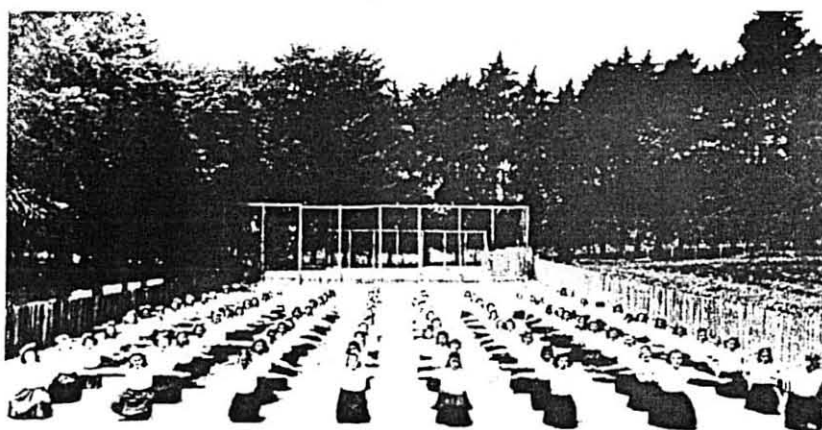
⁵⁴ NOSSA HISTÓRIA. *op. cit.*

No ano seguinte, foi contratado um professor homem para ministrar as aulas de Educação Física, o Professor Thadeu Morozovicz, que tinha duas auxiliares mulheres.

Ainda sobre o corpo docente do colégio nos anos de 1930, segundo a inspeção estadual de 1934, todos os professores estavam registrados na Diretoria Geral da Educação. E, segundo o mesmo inspetor:

“Ao corpo docente, todo elle composto por professores dispendo de longa esperiencia – corpo docente cuidadosamente escolhido -, é dispensada especial atenção. As condições de moralidade satisfazem cabalmente, e, neste particular, é rigorosissima a vigilancia por parte da Directoria. O ensino, ministrado com competencia e dedicação, é bastante efficiente; isso vem sendo comprovado pelos resultados dos exames processados sob rigorosa vigilancia desta inspectoría [...]”.⁵⁵

Pela determinação legal não há previsão da Educação Física como disciplina obrigatória, porém, no Colégio Cajuru, essa matéria era uma obrigação diária que acontecia logo após a primeira de todas as outras obrigações o “sacrifício da missa”. Isso mostra que a preocupação dos médicos higienistas da época quanto aos exercícios físicos diários era acatada pelas freiras. Em notícia do Diário da Tarde, a autora trata da ginástica e dos benefícios que ela traz ao corpo e ao espírito de quem a pratica: “Preparar o sexo feminino para o dignificante encargo da **maternidade** e mais tarde para guia dos filhos, frutos de uma **raça revigorada e saudável**. No indivíduo bem formado reside **valor e a energia de um povo**”.⁵⁶ (Sem grifo no original).



Aula de Educação Física. Anos 30. (Coleção particular).

⁵⁵ RELATÓRIO do Sr. Inspector do ensino secundario junto ao colegio de Nossa Senhora de Lourdes ao Sr. Dr. Inspector Geral do Ensino Secundario. Curitiba, 1934.

⁵⁶ LUCENA, Lisete Villar. Nas Escolas. In: *Diário da Tarde*. Curitiba, 11 de set. de 1922.

Segundo Rodrigues, na década de 1930, para os médicos curitibanos “os valores morais bem enraizados eram quase uma consequência da manutenção do corpo sadio. [...] Eram conhecidos os males que poderiam provocar à mente um corpo ocioso. Assim, algumas das recomendações médicas mais imperiosas à infância seriam o hábito à disciplina e a prática de esportes”.⁵⁷ Nesse sentido, era preciso uma educação que fosse além da simples preocupação com a preparação cultural, mas um ensino que também obedecesse a boas posturas em sala de aula, para que não ocorressem problemas físicos. O projeto da construção da Nação estaria também ligada à manutenção de corpos ativos e saudáveis, demonstrados, principalmente, nos momentos dos grandes desfiles cívicos.

Além disso, a preguiça, segundo os princípios cristãos, era um mal a combater, considerada um vício, para ela deveria utilizar um remédio, que seria agilizar o corpo com os exercícios físicos matinais. Só assim se manteria um corpo saudável e disciplinado.

Às 8 horas começavam as atividades escolares com os exercícios físicos; na década de 1930 já eram as aulas de Educação Física. Na classe, era preciso prestar atenção e estudar. “Estude, para não deixar sem aproveitar os talentos que Deus vos deu e que um dia pedirá que lhe conte”.⁵⁸ A disciplina deveria ser cumprida em sala: “seja silencioso e não atrapalhe seus companheiros; atento, escute, e olhos fixos em sua mestre ou em seu livro; simples, para responder para interrogar, para ler em voz alta o que lhe é pedido; humilde, para aceitar correção, uma chamada de atenção que não crê merecida; caridoso, para evitar uma zombaria aprenda a reprimir o sorriso”.⁵⁹ Uma aluna sentia muita dificuldade em ficar quieta durante as aulas: “Eu adorava conversar nas aulas, eu era muito levada, por isso quantas vezes fui parar na sala da irmã Julia para ouvir que eu devia me comportar melhor”.⁶⁰

⁵⁷ RODRIGUES. *op. cit.*, p. 23-27.

⁵⁸ *Ibid.* p. 194.

⁵⁹ *Ibid.* p. 195.

⁶⁰ Entrevista 6.

3.4 HONRARIAS E CASTIGOS: FESTAS E ILUSTRES VISITANTES

Às exigências de ordem econômica para se estudar no Cajuru eram somados alguns requisitos mais ligados à moral: a disciplina do colégio, que parece assumir a própria filosofia da Congregação. Eram regras que as alunas deveriam seguir à risca, sob pena de tornarem-se indesejáveis ao convívio escolar. A disciplina, tal como é colocada no informativo destinado aos pais, parece até mesmo se confundir com os próprios valores a serem repassados pela escola. Diz o informativo:

“O sistema educativo, usado pelas Irmãs de São José, baseia-se todo, nos princípios da Fé Católica, na razão e no amor. Salvaguardando embora o princípio da autoridade e disciplina indispensável para a ordem do Colégio e o progresso das alunas. Procura-se tornar a vida do Internato a mais suave possível, fazendo dela como um prolongamento da vida e da família. O fim visado pelas Professoras não é castigar e reprimir, mas sim, estimular e melhorar a educanda pela persuasão, e o apelo aos bons sentimentos e à própria dignidade”.⁶¹ (Sem grifo no original).

As visitas e as saídas das alunas internas eram bem controladas. Só eram permitidas visitas previamente autorizadas pelos pais. E deveriam seguir dia e horário predeterminados: domingo das 9 horas às 10 horas, e das 13 horas às 15 horas; e às quintas-feiras das 13 horas às 15 horas. Se tivessem licença dos pais, as internas poderiam sair no primeiro domingo de cada mês, às 15 horas. Nesse caso, seriam acompanhadas pelas Irmãs, até a estação, onde as respectivas famílias deveriam estar esperando. E deveriam regressar ao Colégio na segunda-feira, às 9 horas. E ainda era feito um pedido aos pais sobre saídas, “Roga-se aos Snrs. Pais, o favor de não solicitarem a saída de suas filhas, em dias de aula como também de as mandarem para o Colegio com maxima regularidade. Saídas extraordinarias só se concedem nos dias natalicios dos Snrs. Pais e das proprias alunas. É permitido ás alunas, todos os domingos, escrever á familia”.⁶²

Havia também os passeios semanais que as alunas internas faziam. “Na minha época (1913-1918) a gente ia fazer piquenique no hospício (hoje Nossa Senhora

⁶¹ BOLETIM INFORMATIVO DO COLÉGIO CAJURU. *op. cit.*.

⁶² *Ibid.*

da Luz), tinha um jardim bonito, e pelas janelas a gente via algumas loucas descabeladas olhando para a gente. Nós pegávamos o trem para ir lá, e adorávamos ficar olhando as loucas”.⁶³ Uma outra aluna de períodos mais recentes conta que não faziam mais piqueniques, “às quintas-feiras nós passeávamos pelos arredores da cidade de ônibus do colégio”.⁶⁴

Os castigos admitidos em caso de infração ao regulamento interno da casa são: “repreensão particular ou pública; lição a estudar ou copiar; perda dos pontos que dão direito à inscrição do nome no quadro de honra; perda do distintivo de bom comportamento; privação da saída mensal, eliminação do estabelecimento, caso de insubordinação”.⁶⁵

Por outro lado, as alunas que fossem fiéis aos princípios exemplares de conduta eram premiadas em cerimônias que envolviam ou toda a turma da qual fazia parte, ou até todo o colégio por ocasião de festejos maiores. Os chamados meios de emulação eram: proclamação das notas semanais de aplicação e procedimento; concursos mensais e classificação por matéria com entrega de medalha de honra; entrega de pontos com direito a recompensa; boletim bimestral enviado aos pais e os prêmios especiais de fim de ano.

Todos os sábados era oferecida a honraria, que a aluna premiada levaria no peito com satisfação. No final da semana, se não cometesse nenhuma peripécia, era-lhe concedida a honraria, podendo ser novamente contemplada para ostentar o prêmio na semana seguinte.

“Aos sábados à tarde, ela (Irmã Julia) vinha nos entregar a famosa Cruz de Honra. Era uma cerimônia realizada em sala de aula. Ela chamava uma por uma das meninas e, conforme seu comportamento durante a semana, entregava ou não a Cruz. **Eram um suplício, pois o menor deslize em relação ao estudo, ou mesmo à disciplina, era o suficiente para que não se fizesse jus a ela**”.⁶⁶ (Sem grifo no original).

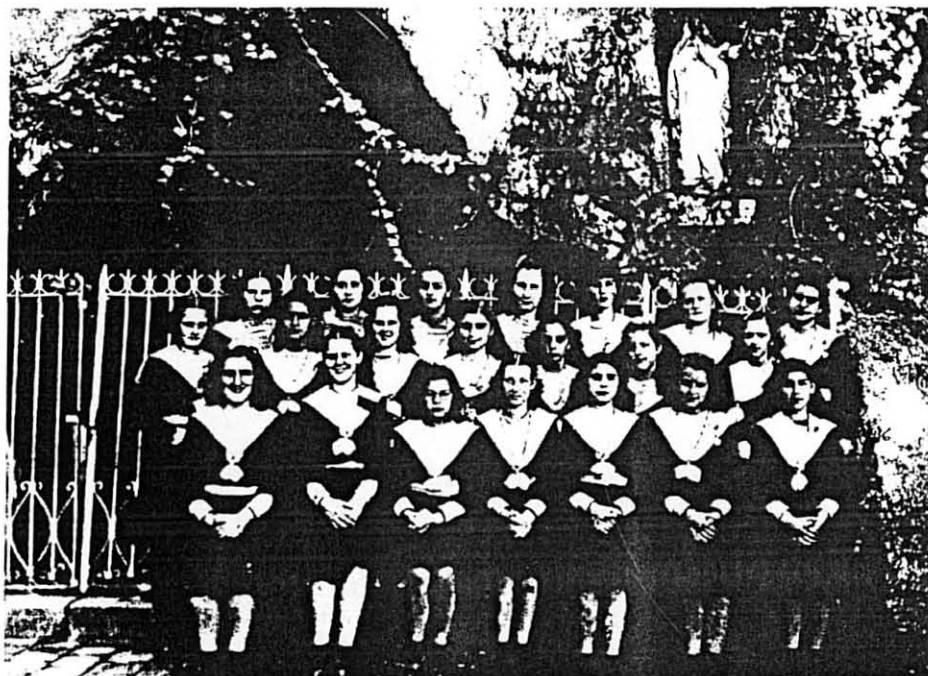
⁶³ Entrevista 4.

⁶⁴ Entrevista 5.

⁶⁵ BOLETIM INFORMATIVO DO COLÉGIO CAJURU. *op. cit.*

⁶⁶ LAMBACH. *op. cit.*, p.24.

A cruz era pendurada por uma fita cuja cor correspondia à série cursada. Quando alguém recebia a Cruz de Honra por quatro semanas seguidas, adquiria o direito ao quadro de honra. Nesse caso, ganhava uma roseta com uma fita amarela e branca para ostentar no peito; algumas meninas chamavam essa honraria carinhosamente de “ovo frito”. Segundo uma das alunas entrevistadas, era muito difícil ter o nome estampado no quadro de honra, e assim levar a tal roseta no peito. As alunas ansiavam pelas premiações e as valorizavam muito, era realmente motivo de júbilo carregar a Cruz de Honra no peito, e quem sabe conseguir o direito à roseta.



Grupo de alunas posam para a foto em frente à Gruta de Lourdes por ocasião de suas premiações mensais. No detalhe algumas têm no ombro esquerdo a Cruz de Honra. 1940. (Coleção particular).

Além disso, as alunas mais “aplicadas” eram premiadas aparecendo nas cerimônias por mais de uma vez para a apresentar seus dotes artísticos. Havia pois também nota para aplicação, esta disciplina estava mais ligada ao desempenho nos estudos. Portanto, para merecer a Cruz de Honra era necessário sair-se bem em polidez, ordem e aplicação. Não se podia ter mais que um ponto negativo nas disciplinas de ordem e na de polidez; já nas outras disciplinas, reunidas numa nota de aplicação, não se poderia ter mais que duas notas negativas. Segundo uma aluna: “Eu

nunca consegui a Cruz de Honra, sempre acabava cometendo algum abuso de conversa, respondia a Irmã Maria Celeste e pronto ... Pontos a menos em polidez, e lá se ía mais uma chance de ganhar o tão almejado prêmio”.⁶⁷

Outra forma de premiação, conta uma aluna, era o reconhecimento do seu capricho pessoal, o seu asseio, tais como unhas e ouvidos limpos, sapatos bem engraxados, uniforme bem engomado, “tudo contava nota para a ordem”. E isso seria recompensado, pois se alguma visita importante aparecesse no colégio, as meninas que sempre se apresentaram impecáveis, seriam as escolhidas para acolherem o visitante.⁶⁸

As alunas que se saíam bem nas disciplinas e tinham o comportamento adequado ao colégio, também eram premiadas aparecendo várias vezes nas festas que aconteciam ao longo do ano. Uma das entrevistadas, considerada aplicada pelas irmãs e colegas, mostrou a poesia que a Irmã Julia preparou para que ela recitasse no encerramento do ano de 1942.

“Adeus escola

Dezembro chegou com repiques de sinos;
Com Jesus que naseceu num presépio, em Belém !
E as férias que sonhamos, as férias desejadas
Chegaram afinal, com Dezembro também.

Dezembro do Natal, mas lares abastados ...
Dezembro do Natal, nos lares pobrezinhos.
Pinheiros enfeitados luzes, bolas, velas.
Papai Noel que vem encher os sapatinhos.

Com Dezembro, chegou o fim do nosso curso.
Nossa escola aqui fica, atrás na nossa vida ...
A sala das lições, o dormitório, a mestra,
O sorriso feliz da colega querida !

Dezembro que nos trouxe um saudade infinda,
Saudade que conforto e embala o coração,
da Capela enfeitada, onde Jesus ensina
Evangelhos divinos na voz do Capelão !

Saudade que nos fica do patio do recreio,
do vozerio alegre, das trefegas cantigas ...
de um pássaro que canta ali no arvoredo,
de uma abelha que suga o mel das margaridas !

⁶⁷ Entrevista 2.

⁶⁸ Entrevista 7.

Saudade das Mestras, carinhosas e amigas,
Que renegam o mundo, esposas de Jesus !
Que falam com doçura, ensinam com carinho
Que resumem a vida num rosário e uma cruz !

Saudade da cordial e sã camaradagem
das colegas que são irmãzinhas queridas.
Saudade dos azues castelos que sonhávamos
das preces que fizemos, na capela reunidas.

Dezembro, para nós, trouxe saudade ardente,
Saudade que amargura e fere o coração
Dezembro para nós, trouxe alegria imensa,
Trouxe luz, harmonia, trouxe a coroação

E quando recebermos sobre as nossas cabeças
A bênção que dos pais ecôa como um hino,
Derrama sobre nós, *Dezembro excelso e lindo*
A bênção Celestial de nosso Deus Menino”.⁶⁹

Quando da visita do Inspetor do Ensino Secundário do Estado do Paraná, em 1934, o mesmo observou e elogiou o ambiente do Colégio, sendo este “moralizado e cumpridor rigoroso do dever, reina sempre absoluta ordem, mesmo nas horas de recreio, sendo, por isso mesmo, bem raras as aplicações de penalidades”. E acrescenta que esse comportamento exemplar de todo o corpo discente do colégio em muito estava relacionado ao valor que as alunas davam às premiações semanais e mensais. “Por meio de pontos e collocação mensal no quadro de honra existente na sala de recepções, a Directoria do Gymnasio consegue estimular as alumnas não só para que primem pelo exemplar comportamento, como, também, tomem interesse e sejam applicadas aos estudos”.⁷⁰

A manutenção dessa aura de refinamento e honrarias pode ser comprovada pela deferência de visitas ilustres ao colégio. O que significa uma troca de reconhecimentos de importância. Não são simples visitas, elas devem ser registradas em livro específico para demarcar a importância do colégio preparando as diletas filhas da sociedade curitibana.

⁶⁹ Entrevista 2.

⁷⁰ Inspetor do Ensino Secundario junto ao Gymnasio de Nossa Senhora de Lourdes, 1934.



Alunas formandas ao terminarem o 8º ano de estudos no Colégio Cajuru. 1932. (Coleção particular).



Foto de uma formanda do ano de 1939. No detalhe a dedicatória da foto enviada aos tios. (Coleção particular).

Desde sempre o colégio foi visitado por pessoas importantes, mas a partir da década de 1920 suas visitas passaram a ser registradas num livro no qual deixavam suas mais diversas impressões do estabelecimento de ensino e, conseqüentemente, algumas palavras sobre o seus professores. Tais são as opiniões do Desembargador Corregional e Professor Catedrático de Direito Penal na Faculdade de Direito, Dr. Clotário Portugal, que era considerado por muitos a “glória da magistratura paranaense”; do Dr. Antonio Martins Franco, Procurador Geral da Justiça do Paraná e Dr. Pedro Lagos Marques, Secretário da Corregedoria, ao fazerem uma visita ao Cajuru em 1926: “nossa impressão é de que o estabelecimento é modelar, sendo merecedores de francos elogios a Irmã Superiora e suas dignas auxiliares”⁷¹. Em Irmã Superiora, leia-se Irmã Julia, e suas auxiliares eram as irmãs, que na época eram as professoras do colégio.

Também o eminente Dr. José Farani Mansur Guérios, na época, 3º Promotor Público e Curador Geral da Capital, Secretário Geral do Círculo de Estudos Bandeirantes da Ordem dos Advogados do Brasil, deixou sua opinião sobre o corpo docente da instituição, numa visita em 1934 ao colégio dizendo que os professores estavam preparados para fornecer um ensino baseado na moderna pedagogia, da verdadeira escola nova.⁷² Outro ilustre visitante, o Dr. José Maria Pinheiro Lima, D.D. Catedrático da Faculdade de Direito do Paraná e Procurador do Tribunal Eleitoral, também elogiou o ensino do colégio, deixando no seu termo de visita os seguintes dizeres: “Neste estabelecimento modernamente aparelhado, o ensino é ministrado por professores competentes, facto este attestado pelo brilhantíssimo com que se tem conduzido alumnas que foram completar os seus estudos em cursos superiores”.⁷³

A partir de 1940, começou a circular o “jornalzinho” “O Cajuru”. Era um número por trimestre. Nesse “informativo”, saíam artigos das próprias alunas, além de

⁷¹ MARQUES, Pedro Lagos. *Termo de visita ao Colégio Cajuru*. Curitiba, out. de 1926.

⁷² GUERIOS, José Farani Mansur. *Termo de visita ao Colégio Cajuru*. Curitiba, jun. de 1934.

⁷³ LIMA, José Maria Pinheiro. *Termo de visita ao Colégio Cajuru*. Curitiba, nov. de 1934.

crônicas, homenagens, historietas, quadro das alunas que se distinguiram naquele semestre, ou no ano, poesias, programa das festividades do semestre, piadinhas e outros. Aí também veiculavam artigos de homenagem à Pátria – estava-se em pleno Estado Novo – e também exaltações ao Colégio. “ (...) Salve Cajuru! Os desejos dos que te conhecem é que sempre e sempre progridas, digno e incorrupto, no meio deste mundo de misérias. Avante! Na tarefa sublime de preparar os alicerces da família paranaense.”⁷⁴

Durante esse período, os desfiles cívicos eram bastante valorizados pela sociedade em geral, e também eram aproveitados esses momentos para o colégio demonstrar o preparo de ordem e bom comportamento de suas alunas diante das autoridades e da sociedade curitibana. Mesmo nas cerimônias realizadas no colégio, o reconhecimento da importância do Cajuru para a formação das jovens da sociedade curitibana era tamanho, que sempre uma autoridade política ou religiosa, ou mesmo militar, ou uma figura ilustre comparecia para prestigiar o evento. O Inspetor Federal esteve presente em algumas comemorações, como a festa da Páscoa em abril de 1940, também esteve nas comemorações da volta às aulas em março de 1941. O Arcebispo Metropolitano também prestigiava as festas religiosas do Cajuru, principalmente a festa maior da Instituição, as comemorações anuais do dia de São José, em 19 de março. As festas cívicas contavam com a presença de militares de alta patente, tais como em novembro de 1941; o jornalzinho do colégio circulava com um dos destaques para algumas datas cívicas comemorativas.

“ Neste segundo período do ano escolar, tivemos vários dias festivos.

O primeiro foi dia 27 de Agosto, dia do Duque de Caxias o grande soldado brasileiro. O colégio desfilou, em frente as autoridades militares, e as alunas portaram-se, como sempre, com garbo e dignidade.

4 de Setembro – Sessão cívica, no salão nobre do colégio. **Compareceram vários oficiais do exército. O capitão Rudge discursou brilhantemente, fazendo um resumo da História do Brasil.** Si alguém dos ouvintes ignorasse os fatos belíssimos da nossa História – o que é duvidoso – aprendeu naquele dia.

Para 5 de Setembro, foi anunciada uma parada esportiva á qual devíamos comparecer.

A tarde de 4 de Setembro foi belíssimo e até ... quente – Ficou resolvido que iríamos em traje esportivo. Pela primeira vez, o colégio formaria com este uniforme.

Dia 5 chegou e... com ele nova geada, mais forte, mais prejudicial a lavoura. Ficamos penalizadas

⁷⁴ MARAVALHAS, Clarice. Cajuru. **O Cajuru**. Órgão do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes. Curitiba, ano II, n. 6, nov. 1941, p. 2.

pela sorte dos agricultores, sim; mas sentimos, por nós também. Formamos com o uniforme de gala. Era interessante ver-se o desapontamento de umas 40 alunas, que se apresentaram como estivéssemos em pleno verão, apesar da *branquinha*.

Na manhã do dia 7 de setembro, acompanhamos a padroeira do Brasil, da Catedral à praça Santos Andrade, onde se erguia o altar da Pátria.

Emocionantes foram as cerimônias, lá realizadas, e comoventes as palavras do Padre Antônio de Moraes, que acompanhou o Santo Sacrifício da missa.”⁷⁵(Sem grifo no original).

Nota-se pela citação os valores que sustentavam o Colégio Cajuru: **Deus**, pois sempre em todas as comemorações estava sempre incluída uma missa de Ação de Graças, e não poderia ser de outro modo, visto que era uma colégio católico; a **Nação**, na época todas as comemorações cívicas tinham uma preparação especial, que eram esperadas ansiosamente pelas alunas. E a própria apresentação do físico bem preparado, um corpo sadio bem disciplinado, mostrados à cidade por ocasião dos desfiles. Em tudo isso havia um objetivo maior que, segundo Rodrigues, seria o da “construção e o progresso da nação”,⁷⁶ que no colégio Cajuru se faria principalmente em seguir os princípios cristãos no cumprimento dos papéis femininos.

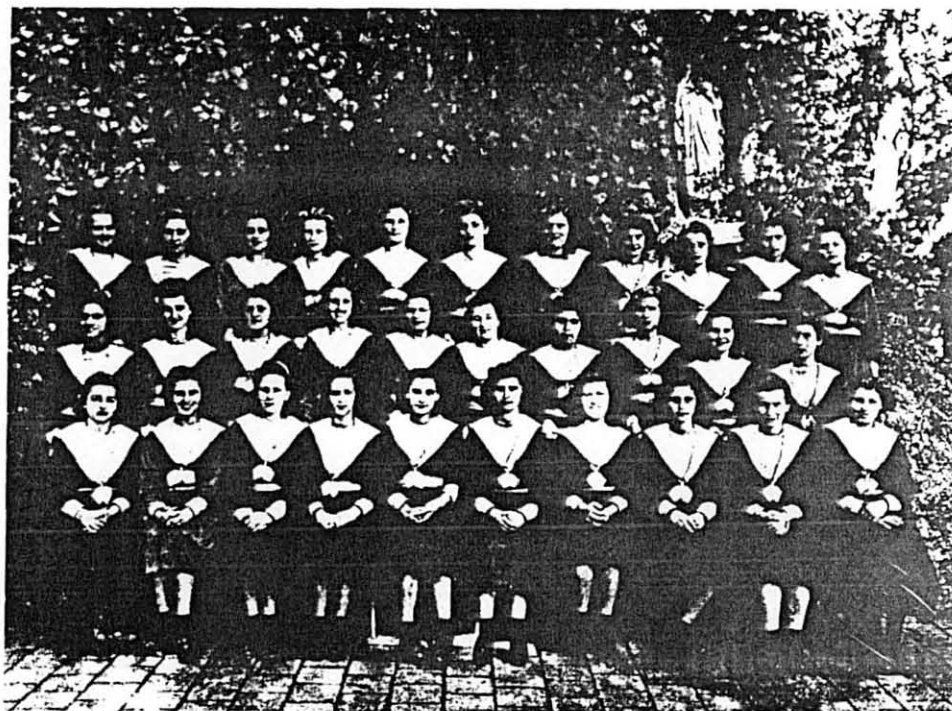
3.5 PROTEGENDO-SE DOS MALES DO MUNDO

Era preciso aprender a viver nos limites do caráter cristão, quando o dia de deixar o colégio chegasse. Diante dos males do mundo, aquele que ficava além dos muros, era necessário estar bem munida de virtudes capazes de derrotar qualquer vício.

Nesse sentido, tanto para as semi-internas como para as internas eram repassados ensinamentos das boas maneiras e das boas virtudes para que, em suas casas e em sociedade, soubessem se comportar, soubessem se mostrar modelos da pureza virginal, seguindo o paradigma de Maria. E já mães de família deveriam continuar a missão iniciada quando de sua chegada no colégio; como mães e esposas, seriam “professoras”, repassando os ensinamentos aprendidos com as zelosas irmãs de São José.

⁷⁵ F. M. da Luz. Noticiário. In: *O Cajurú*. Órgão do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes. Curitiba, ano II n.6, nov.1941.

⁷⁶ RODRIGUES, op. cit.p.31.



Grupo de alunas posa para foto em frente a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes. 1941. (Coleção particular).

Para aquelas que partiam somente para as férias, antes de mais nada era preciso saber não se desligar do colégio, fonte do caminho virtuoso nesse curto período do distanciamento da vigilância acurada das irmãs. Para que não se distanciasse do bom Deus e de seus ensinamentos, um bom conselho era recorrer aos livros de oração. Às alunas das décadas de 1910 e 1920, era indicado *o Livre de Piété de la Jeune Fille*; às alunas das décadas posteriores, o missal, o *Goffiné*.

Seria bom estar sempre atenta às alegrias excessivas e às distrações extraordinárias que se apoderavam de algumas alunas na aproximação das férias.

“Pobres alunas aturdidas, que parecem dizer a todos que o Internato lhes pesa, que a piedade lhes fadiga e que a suprema felicidade não está com elas, que está longe desses muros, onde todavia Deus lhes fez tanta graça e onde as mestras devotadas são tão pródigas em atenções. Nada mais contrário à simples obrigações do reconhecimento, da amizade e da polidez”.⁷⁷

Antes de sair para as férias, era preciso fazer um exame de consciência e para colocá-la em ordem era indicado fazer uma boa confissão e uma boa comunhão. Assim os corações estariam fortificados contra os perigos que são reais no mundo lá fora.

⁷⁷ FRÉRES, *op. cit.*, p.727.

“Oh! O que será das crianças piedosas e puras do Internato, que voltam, depois das férias, com uma alma que entristece o bom Deus”.⁷⁸

Também era indicado deixar todas as obrigações do colégio em ordem, fazer uma limpeza, e separar com cuidado o que não se queria mais para enviar ao próximo mais necessitado. E, por último, antes de partir visitar o Santo Sacramento e a Santa Virgem, e “não esqueçam, não mais que a simples polidez, mas sobretudo o reconhecimento imposto em relação às suas mestras”.⁷⁹

Para o relacionamento em casa, nos relacionamentos com seus pais, irmãos e empregados, havia muitos conselhos para que não se perdessem os preceitos aprendidos no internato. Mesmo porque era bom que os pais percebessem o quanto o colégio estava cumprindo bem seu objetivo, educar com esmero suas meninas. No convívio diário, o *Livre de Piété de la Jeune Fille* indica, o que se deve ser, o que se deve temer e do que se deve fugir:

“1- Vocês devem ser:

Para seus pais:

Um anjo que adoça seus sofrimentos.

Um anjo que lhe prende ao lar.

Um anjo que lhe reconduz a Deus.

Para suas mães:

Um anjo que vem e ajuda.

Um anjo que lhe faz companhia.

Um anjo que a consola.

Para seus irmãos e irmãs:

Um anjo que lhes agrada e os ama.

Para seus empregados domésticos:

Um anjo que os edifica.

2- Vocês devem temer:

O excesso de bem-estar, que estimula a preguiça.

A ociosidade, que dá acesso aos maus pensamentos.

As leituras fúteis, que roubam do espírito seu vigor.

As amizades fortuitas, que abrem o coração a todas as impressões.

O orgulho, que avilta o caráter.

3- Vocês devem fugir:

Dos maus livros.

Das más companhias.

Das festas profanas”.⁸⁰

⁷⁸ FRÉRES, *op. cit.*, p. 727.

⁷⁹ *Ibid.* p. 728.

⁸⁰ FRÉRES. *op. cit.*, p. 729-730.

Em resumo, mesmo durante as férias era preciso não esquecer dos deveres. Para com Deus: fidelidade às suas orações, ir à missa aos domingos, não esquecer da confissão freqüente, da abstinência dos dias prescritos. Para com os pais, é preciso sempre ter para com eles: docilidade, respeito e amabilidade. Procurar não ser exigentes e orgulhosos, e não ser arrogante com os irmãos, com os amigos e os empregados. E não esquecer do respeito, regularidade, prudência, para consigo mesmo. E para com a mãe é sempre preciso conviver com ela o maior tempo possível das férias.⁸¹

Mas e quando for necessário dizer adeus ao internato, no caso das internas, ou no caso das semi-internas, dizer adeus aos tempos de colégio? De acordo com o *Livre de Piété de la Jeune Fille*:⁸² deve-se a todo momento se colocar em prática o que se aprendeu nos anos de escola. Procurar sempre ter um bom caráter, uma nobre e elegante simplicidade, uma modéstia amável. Levar a vida da melhor forma sempre ocupada, e fazer cada coisa a seu tempo, com ordem e método. E ter em mente sempre alguns conselhos:

Quanto à conduta: igualdade de disposição, bom-senso, modéstia, prudência, doçura e firmeza.

Quanto às conversações: graça sem esbanjamento, cuidado com as palavras, omissão de si própria, consideração para com os outros.

Perante os defeitos: humildade e sincera confissão, dor profunda sem abatimento, recorrer a Deus, entregar-se a Sua misericórdia.

Perante os Sacramentos: pureza de coração, pureza de intenção, desprendimento dos gostos sensíveis, fé viva, prática fervorosa.

Para com Deus: confiança filial, estudo amoroso de Suas vontades, atenção pacífica de Seus momentos, obediência pronta e sem reservas a Suas inspirações.

⁸¹ *Ibid.* p. 730.

⁸² *Ibid.* p.730-737.

Para com o próximo: cordialidade, atenção, apoio, complacência sem exagero, deferência sem lisonja.

Para consigo mesmo: modéstia severa, humildade sincera, mortificação conservada, paciência a todas as provações.

Para com seu espírito: sábia desconfiança de suas idéias, ignorância feliz de seus méritos, santo uso de seus talentos.

Para com seu coração: fidelidade para banir toda a espécie de dúvida, vigilância sobre todos seus atos, sacrifício de seus pecados, vitória sobre suas aversões.

Para com sua imaginação: tranqüilidade inalterável de seus desvios, desprezo de seus fantasmas.

Para com seu corpo: cuidadosa moderação, rigor discreto, sobriedade em tudo.

Nessa perspectiva, afirma Trindade a respeito do papel da Igreja Católica na construção da personalidade conservadora feminina: “Pregando a modéstia do vestuário o catolicismo tenta domar, pela base, os impulsos da sexualidade feminina, embora procure também amainá-la pelo recato da conduta e pelo amor à castidade”.⁸³

Ter sempre em mente os ensinamentos de Jesus Cristo, em seus pensamentos, em seus sentimentos, em sua linguagem, em suas obras. De maneira a garantir que todas as alunas consigam como a aluna Regina, aluna do último ano do colégio, que ao se despedir pretendia “seguir no caminho novo que se abriu diante de nós, acompanha-nos os votos, as preces, os sábios conselhos das Mestras queridas, cuja lembrança permanecerá eternamente em nossos corações”.⁸⁴ Dessa forma, ficam garantidos os elogios do ilustre poeta Pedro Calmon ao auferir as seguintes palavras quando de sua visita ao Colégio Cajuru:

“Das janellas deste Collegio o Brasil que eu vi tem as proporções de um sonho. Se é possível unir de tal sorte o ambiente à noção humana que nelle se desenvolve, a esta explicando por influencia e determinação do meio – a paisagem esses admiráveis carvalhos esguios como as columnas de uma cathedral, essa luxuosa decoração natural dos edificios religiosos que as santas Irmãs de São José do

⁸³ TRINDADE. *op. cit.*, p. 161.

⁸⁴ CALMON, Regina. Meu querido Ginásio de Nossa Senhora de Lourdes. In: *O Cajuru*. Órgão do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes. Curitiba, nov. 1941, ano II, n. 6.

Collegio de Nossa Senhora de Lourdes aqui levantaram com a ajuda e inspiração de Deus – resumem, formam o quadro espiritual da educação que neste calmo lugar se ministra á infancia, das idéas e exemplos que neste tranquillo recanto as dedicadas mestras transmittem ao seu bando de discipulas. A aliança que aqui percebi, da **Patria, de Deus, da ordem, da intelligencia, do bom gosto, da humildade, do carinho, da sciencia, da caridade, da oração, do pensamento, da alegria, da virtude, do socego, da disciplina, da oração, do recolhimento, da esperança, do amor ao proximo, da assistencia aos pequeninos, do talento dissimulado em piedade**, do merecimento amortalhado em habitos negros, da esthetica espalhada e distribuida por todas as causas na elaboração cristã da belleza d'almas puras, de espíritos perfeitos – aos meus olhos commovidos transforma o Collegio do Cajurú, debruçado, com o seu perfil gothico, sobre os verdes campos do Paraná, numa casa – **MÃE DO FUTURO**.

Que prospere infindamente – são os votos de
Pedro Calmon.⁸⁵ (sem grifo no original)

⁸⁵ CALMON, Pedro. **Termo de visita**. A opinião d'um grande escriptor brasileiro: Dr. Pedro Calmon. Curitiba, fev. 1934.

CONCLUSÃO

A elite paranaense ao longo do século XIX foi sendo conformada sob a influência, num primeiro momento, de dois grupos dominantes, os ervateiros e os criadores de gado das fazendas dos Campos Gerais. Com a gradual diferenciação das atividades econômicas da então Província, grupos ligados às atividades comerciais vão passar a ter importância nessa sociedade que se diversifica. Dessa forma, vai surgir uma nova elite composta pelos antigos dirigentes, ervateiros e fazendeiros campeiros, somados àqueles (locais e imigrantes) que desempenham atividades urbanas, tais como os comerciantes e os profissionais liberais.

A cidade torna-se complexa, pois constantemente aumentava o número de habitantes que formavam esse intrincado tecido social em que mais pessoas almejavam a diferenciação pela adoção de novos códigos ideais de comportamento aos moldes franceses.

Curitiba estava tomada por idéias e práticas progressistas. A cidade encontrava-se no centro das preocupações da administração do Estado. Muitas reformas aconteciam, ruas eram pavimentadas, edifícios levantados, ampliados ou reformados. O comércio intensificava-se, bem como as manifestações culturais. Nos jornais travavam-se calorosas discussões entre conservadores católicos e anticlericais, liberais, positivistas, maçons e defensores de outras filosofias.

Daí a necessidade da aprendizagem das regras adequadas de comportamento, pois, por meio delas, essa nova elite construiria um código próprio de sociabilidade capaz de distingui-la como tal. O refinamento dos gestos, das maneiras, do gosto pela arte, da busca do luxo, da valorização do belo, faria distinção aos que habilidosamente soubessem se portar “bem” em qualquer situação.

E é nesse contexto que, em 1907, as irmãs de São José de Chamberry chegaram à capital do Paraná para fundar o Colégio Cajuru. A educação diferenciada, fundamentada no adestramento moral e social, estava de acordo e sintonizado com os anseios da classe dominante; a elite paranaense. Diante de um quadro moderno, ameaçador, era preciso garantir a perpetuação da Ordem de Chamberry, bem como resguardar a alma feminina pela difusão de uma educação que soubesse traduzir os anseios da elite local. Então, instalar uma escola católica nesse momento numa cidade em franca transformação significou para a Congregação antes de tudo a oportunidade de participar de um movimento ultramontano, que procurava reverter um quadro de rejeição das concepções católicas conservadoras. Em Curitiba não era hábito seguir as práticas religiosas, a começar pela frequência à Igreja.¹

A escolha do colégio estaria então ligada, num primeiro momento, à idéia do aprendizado das regras de politesse para a construção de uma identidade entre os membros da elite. Nesse sentido, a educação feminina é priorizada porque como futura mãe, será agente da sociabilidade refinada nos espaços privados, no relacionamento com o marido, educação acurada dos filhos e trato com os empregados. Nos espaços públicos, instruída adequadamente com uma educação baseada em princípios religiosos, exerceria a caridade, a filantropia, ou sabendo comportar-se com recato, modéstia, e sobretudo com polida desenvoltura nos salões, saberia engrandecer a figura de seus pais e posteriormente de seu marido.

Dessa análise nasce o sentido da escolha dos imigrantes “enriquecidos” em abandonar as escolas de suas etnias de origem e colocar suas filhas no Cajuru. Reforçando essa visão, uma entrevistada lembrou: “Na época da Primeira Guerra Mundial eu estava no colégio. Todos os dias íamos à capela de tardezinha para rezar

¹ Segundo Trindade, ao longo da década de 1920 a sociedade curitibana vai pendendo para a ala conservadora, até que na década de 1930 acontece o triunfo da ala antiliberal. O autoritário governo getulista reflete-se na sociedade e na moral em geral. (TRINDADE, 1996, p 106-113) Ilustram bem essa premissa as normas severas a que foi submetido o Clube Curitibano nessa época, onde aconteceram brigas, punições de sócios, ameaças de expulsão, suspeitas de irregularidades sobre atos de diretorias, todas medidas extremamente reacionárias, bem diferente dos agitados anos da virada do século na cidade. (ANDREAZZA: LEANDRO, 1995, p. 19).

pela vitória da França. Até mesmo as alemãs rezavam fervorosamente para isso ...!”² Bem como outros pais que, ainda que fossem anticlericais, poderiam optar em colocar suas filhas no Cajuru pela garantia do ambiente adequado a sua condição social de destaque, ou à condição que pretendia destacar.

Hobsbawm vê na educação masculina formal de fins do século XIX e início do XX, na Inglaterra, a busca das “classes médias” de uma diferenciação social por meio de critérios identificáveis de respeito e de privilégios, justamente por uma educação formal que repudiasse a função utilitária. Uma classe ascendente buscava, assim, mediante a escola que escolhiam uma maneira de fazer com que seus filhos galgassem degraus sociais. Acreditava que tornando-os polidos encontrariam meios para o engajamento na sociedade, pois, na escola, além de adquirirem cultura, conviveriam com pessoas de *status* social elevado. Esses ‘respeitos’ e ‘privilégios’ eram perseguidos também pela classe ascendente curitibana. Para Hobsbawm, a velha aristocracia usava a escola apenas como meio de manutenção de sua condição.³ E isto é verificado igualmente em Curitiba, onde a elite a um só tempo apoiou a instalação do colégio e louvou os procedimentos ali adotados, que não ofereciam nenhum perigo de rompimento com os padrões comportamentais da época.

Também para Bourdieu a família tem “uma tendência a perpetuar seu ser social, com todos seus poderes e privilégios, que é a base das estratégias de reprodução, estratégias de fecundidade, estratégias matrimoniais, estratégias de herança, estratégias econômicas e, por fim, estratégias educativas”.⁴ Segundo ele, a escola serve como instrumento para manter a ordem e as diferenças preexistentes. Marca seus alunos para toda a vida. Marca no sentido de distinguir os alunos na sociedade, mediante mecanismos de identificação. Da mesma forma, as famílias marcam suas escolas escolhendo-as como agente mantenedor das diferenças sociais.

² Entrevista 4.

³ HOBBSAWM, *op. cit.* p.253.

⁴ BOURDIEU, Pierre. O novo capital. In: **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas : Papirus, 1997. p.36.

Num segundo momento, a escolha do colégio também estaria ligada à escolha pelo seu caráter religioso. Nessa perspectiva, Daumard ao analisar uma das intenções de escolha de colégios católicos femininos pela burguesia francesa de meados da década de 1870, na França, afirma que: “A influência feminina contribuiu seguramente para preservar a fé católica. [...] A família era antes de tudo um conservatório das tradições. [...] Ora a escolha dos pais era uma questão de convicção, ora atendia a considerações financeiras, sociais ou intelectuais”. Com efeito, a autora reproduz as palavras de um avô estremado:” [...] Pais cristãos e verdadeiramente católicos não podem ... colocar seus filhos nos estabelecimentos de um Estado ateu, quando podem agir de outra maneira [...]”.⁵ Certamente na Curitiba de então, “agir de outra maneira” correspondia a entregar a educação das moças da elite aos cuidados das religiosas do Colégio Cajuru, para nelas serem reproduzidos os ditames cristãos da preservação da figura feminina. De acordo com Michela Giorgio, “Mesmo para as aristocratas e burguesas a virtude feminina é sobretudo 'de posição'⁶: como estar na rua, no teatro, no baile, nas barracas das quermesses, nos lugares progressivamente mais promíscuos da sociabilidade juvenil”.

Em Curitiba, no período analisado, igualmente a escola foi mais um veículo de ascensão ou de manutenção da categoria social, ao lado da escolha do lugar onde morar, dos lugares onde exercer seus lazeres, do trajar etc. E o Colégio Cajuru constituiu o espaço onde se guardavam os valores distintivos de classe.

As moças, permanecendo no colégio, como interna ou semi-interna, durante um certo período de sua formação intelectual e moral, passaram por uma série de ritos de iniciação, preparando-se para “[...] Cultas, capazes de domínio sobre si mesmas, domínio adquirido na escola da virtude cristã [...]”⁷ honrarem os compromissos de

⁵ DAUMARD, Adeline. *Os burgueses e a burguesia na França*. São Paulo : Martins Fontes, 1992. p.236-238.

⁶ GIORGIO, Michela. O modelo católico. In: *História das mulheres no Ocidente*. São Paulo : Ebradil, 1986. v. 4, p. 224.

⁷ O CAJURU ONTEM, O CAJURU HOJE. *op. cit.*.

filha, mulher, esposa e mãe. Ao se despedirem do colégio, estariam prontas para enfrentar os males do mundo e exercer seus papéis de acordo com o que a sociedade delas esperava.

E a sociedade não as pretendia profissionais, líderes na comunidade ou manifestando-se com expressão própria. Algumas conseguiram, até por forças das circunstâncias, romper com os padrões que lhes tinham sido repassados. Outras, quem sabe, coexistiram com o *Anjo da Casa*, esse anjo

"[...] Vocês, que vêm de uma geração mais jovem e mais feliz não devem ter ouvido falar dela vocês não devem saber o que eu quero dizer com o Anjo da Casa. Eu vou descrevê-la da forma mais sucinta possível. Ela era intensamente compassiva. Era imensamente encantadora. Era profundamente abnegada. Ela dominava todas as difíceis artes da vida familiar. Se havia galinha, ela ficava com o pé; se havia uma corrente de ar, tomava seu lugar nela; resumindo, ela era tão condescendente que nunca tinha uma idéia ou desejo próprio em vez disso preferia concordar sempre com as idéias e desejos dos outros. Acima de tudo nem preciso dizer era pura. A pureza era considerada sua maior beleza o rubor de suas faces, sua graça maior".⁸

⁸ WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997. p. 43-44. Esta citação faz parte de um discurso lido por Virgínia Woolf para a *National Society for Women's Service* em 21 de janeiro de 1931.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 FONTES:

1.1 FONTES IMPRESSAS

CALMON, Regina. **Meu querido Ginásio de Nossa Senhora de Lourdes**. Curitiba : O Cajuru. Órgão do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, ano II, nov. 1941.

CAMPOS, Amelia. **Cronica 17 de Março**. Curitiba : O Cajuru. Órgão do Ginásio Nossa de Lourdes, ano II, abr. 1941.

F. M. Da Luz. Noticiário. **Curitiba** : O Cajuru. Órgão do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, ano II, n. 6, 1941.

FRÉRES, Aubanel. **Pallhetas de Ouro**. Avignon : Aubanel e Irmãos, 1921.

FRÉRES, Aubanel. **Le Livre de Piété de la Jeune Fille au Pensionnat et dans sa Famille**. Avignon : s.d.

GOFFINÉ, Leonardo. O manual do cristão. 10^aed. em português, 1922.

INFORMATIVO DO GYMNASIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES. Curitiba, abr. 1936.

MARAVALHAS, Clarice. **Cajurú**. Curitiba : O Cajuru. Órgão do Ginásio de Nossa Senhora de Lourdes, ano II, n. 6, 1941.

1.2 FONTES MANUSCRITAS

BOLETINS – 1938/1942.

LISTAS DE ALUNAS do Colégio Cajuru, Curitiba, 1911/1942.

ACERVO PESSOAL DE ALUNAS : cartas e poesias.

CALMON, Pedro. A opinião d'um grande escriptor brasileiro Dr. Pedro Calmon. **Termo de visita ao Colégio Cajuru**. Curitiba, dez. 1934.

FERREIRA, João Cândido. **Termo de visita ao Colégio Cajuru**. Curitiba, dez. 1934.

FRANCO, Antonio Martin. **Termo de visita ao Colégio Cajuru**. Curitiba, ago. 1934.

GUÉRIOS, José Farani Mansur. **Termo de visita ao Colégio Cajuru**. Curitiba, jun. 1934.

HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO. Curitiba : Biblioteca do Colégio Cajuru, pasta com documentos avulsos.

LIMA, José Maria Pinheiro. **Termo de Visita ao Colégio Cajuru**. Curitiba, nov. 1994.

MÄDER, Algacyr Munhoz. **Termo de visita ao Colégio Cajuru**. Curitiba, dez. 1934.

MARQUES, Pedro Lagos. **Termo de visita ao Colégio Cajuru**. Curitiba, out. 1926.

NOSSA HISTÓRIA. Pasta com documentos avulsos. Biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Curitiba.

NUNES, José Sá. **Termo de visita ao Colégio Cajuru**. Curitiba, dez. 1934. Pasta com documentos avulsos. Biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

O CAJURU ONTEM, O CAJURU HOJE. Pasta com documentos avulsos. Biblioteca do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Curitiba.

RELATÓRIO de inspeção do ensino secundário do Estado do Paraná. Curitiba, 1934. Pasta com documentos avulsos, Biblioteca do Colégio Cajuru.

1.3 FONTES ORAIS

Aida Villela Bittencourt Barreto. 1997. Aluna interna.

Célia Paciornik Galbinski. 1998. Aluna semi-interna.

Maria Helena Ribas Coimbra. 1997/1998/1999. Aluna interna.

Maria Mäder Gonçalves. 1997. Aluna semi-interna – curso especial complementar.

Maria Virmond Lima Bittencourt. 1998. Aluna interna 1932, Depois semi-interna.

Nadyr Ribas Coimbra. 1997/1998/1999. Aluna interna.

Rachel Mäder Gonçalves. 1997. Aluna semi-interna.

Ruth Bittencourt Maia. 1997/1998/1999. Aluna interna.

Yeda Ribas. 1999. Aluna interna.

1.4 FONTES DE IMPRENSA

Jornal A REPÚBLICA. 1905-1909.

Jornal DIÁRIO DA TARDE. 1905-1922.

Jornal O DEZENOVE DE DEZEMBRO. 1886-1927.

Jornal GAZETA DO POVO. 1919.

Revista GRAN-FINA. 1940.

Revista ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE. 1930.

Revista O OLHO DA RUA. 1907-1909.

Revista NOSSA TERRA. 10/1920

1.5 PUBLICAÇÕES DO PERÍODO

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. São Paulo : Edusp, 1980.

D'ASSUMPCÃO, Pamphilio. **Os pinheirinhos**. Curitiba : Ilustração Paranaense, 1930.

FRANÇA, Cícero. **Jesuitismo**. Curitiba : Diário da Tarde, ago. 1908.

GENÉSIO. **Aos sabbados**. Curitiba : Diário da Tarde, 10 de jun. 1905.

LEÃO, Ermelino. Curitiba. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v.XLVIII, p. 27, 1993.

LUCENA, Lisete Villar. **Nas escolas**. Curitiba : Diário da Tarde, set. 1922.

POMBO, José F. Rocha. **O Paraná no Centenário : 1500-1900**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1980. 2 ed.

RELATÓRIO apresentado ao senhor Francisco Xavier da Silva. Governador do Estado do Paraná, por Caetano Alberto Munhoz, do Secretário de Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública. 1894. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

VASCONCELOS, Zacarias de Góes e. Relatório do ano de 1854. In: **Boletim do Arquivo do Público do Paraná**. Curitiba, ano 6, n. 8, 1981.

VÍCTOR, Nestor. **A terra do futuro** : impressões do Paraná. Curitiba : Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2.1 LIVROS E TESES

ARCHANJO, Léa R.. **Gênero e educação** : relações de gênero no Colégio Estadual do Paraná. (1950-1960). Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.

BAHLS, Maria Aparecida Vaz da Silva. **O verde na metrópole** : a evolução das praças e jardins em Curitiba. (1885-1916). Curitiba : Dissertação de Mestrado, UFPR, 1998.

DAUMARD, Adeline. **Os burgueses e a burguesia na França**. São Paulo : Martins Fontes, 1992. p. 236-238.

DE BONNI, Maria Inês Mancini. **O espetáculo visto do alto** : vigilância e punição em Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** : uma história dos costumes. Rio de Janeiro : Zahar, 1990. v.1.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** : formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993. v.2.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud** : a educação dos sentidos. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

KUBO, Elvira M. **A legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª Comarca do Paraná**. Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986.

LEANDRO, José Augusto. **Palco e tela na modernização de Castro**. Dissertação de Mestrado. Curitiba : UFPR, 1995.

- MACHADO, Cacilda da Silva. **De uma família imigrante** : sociabilidades e laços de parentesco. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.
- MANOEL, Ivan A.. **Igreja e educação feminina** : uma face do conservadorismo (1859-1919). São Paulo : Unesp, 1996.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na História** : suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo : Martins Fontes, 1998.
- NADALIN, Sérgio Odilon. **Processo de Modernização do Brasil**. Curitiba : UFPR, 1972. (Mimeo).
- NISBET, Robert. **História da idéia de progresso**. Brasília : UNB, 1985.
- ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- RIBEIRO, Luís Carlos Ribeiro. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba** (1890-1920). Dissertação de mestrado. São Paulo : USP, 1985.
- RODRIGUES, Marília Mezzomo. **A prevenção da decadência** : discurso médico e medicalização da sociedade. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil** (1930-1973). Petrópolis : Vozes, 1997. 19 ed.
- RONCAGLIO, Cynthia. **Pedidos e recusas** : mulheres, espaço público e cidadania. Curitiba (1890-1934). Dissertação de mestrado. Curitiba : UFPR, 1994.
- SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes** : mito e realidade. Petrópolis : Vozes, 1976.
- SCHIWINDEN, Antônia. **Palácio Avenida**. Curitiba : Casa de Idéias Editora de Vídeos, 1991.
- TAQUEREY, A. D.. **Compêndio de teologia ascética e mística**. Porto : Livraria Apostolado da Imprensa, 1955.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado** : história oral. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias** : mulheres de Curitiba na Primeira República. Tese de Doutorado : USP, 1992.

TRINDADE, Etelvina M. de C.. **Clotildes ou Marias** : mulheres de Curitiba na Primeira República : Farol do Saber, 1996.

TRINDADE, Etelvina M. de C.. **Cidade, homem, natureza** uma história das políticas ambientais de Curitiba. Curitiba : Unilivre, 1997.

UFPR. **Rumos da pesquisa** : uma história da pesquisa e pós-graduação na UFPR. Curitiba : Pró-Reitoria e Pós-Graduação, 1998.

WOOLF, Virgínia. **Profissões para mulheres**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.

2.2 ARTIGOS E OUTRAS PUBLICAÇÕES

ANDREAZZA, Maria Luiza; LEANDRO, José Augusto. **Clube Curitibano** : 114 anos de história. Curitiba : Revista do Clube Curitibano, Edição Especial, 1995.

BENKERDORF, Carlos Augusto. Embriaguez, desordem e controle social em Curitiba (1909-1912). In: **Boletim do DEHIS**. Série monografias. Projeto: Viver em uma sociedade urbana – Curitiba (1890-1920) : UFPR, n.1, 1989.

BERBERI, Elizabeth; SUTIL, Marcelo Saldanha. Tiradentes : a praça verde da igreja. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, v. 24, n. 120, jul. 1997.

BOSCHILIA, Roseli. Cores da cidade : Riachuelo e Generoso Marques. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n. 110, mar. 1996.

BOSCHILIA, Roseli. Rua XV e o comércio no início do século. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n. 113, nov. 1996.

BOURDIEU, Pierre. O novo capital. In: **Razões práticas** : sobre a teoria da ação. Campinas : Papirus, 1997.

CALDAS AULETE. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro : Delta, 1986. v. III, 5ª ed.

CARON, Jean-Claude. Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do século XVIII-fim do século XIX). In: **História dos Jovens**. São Paulo : Companhia das Letras, 1998. v.2.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba : Chain-Banco do Estado do Paraná, 1991.

FREUD, Sigmund. O mal-estar da civilização. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro : Imago, 1969.

FURTADO, Cláudia; NADAF, Mário Antônio M.; SANTA CRUZ, Teddy Ariel M. Da razão burguesa às pretensões totalizantes da vontade de verdade: o discurso governamental da segurança pública (1901-1903). In: **Boletim do DEHIS**. Curitiba, 1989, n.1, 1989. Série monografias. Projeto: "Viver em uma sociedade urbana – Curitiba 1890-1920".

GIORGIO, Michela. O modelo católico. In: **História das mulheres no Ocidente**. São Paulo : Ebradil, 1986. v.4.

GONÇALVES, Rachel Mäder. Homenagem à Irmã Julia. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n. 69, 1982.

HISTÓRIA DA FERROVIA. Exposição na Estação Ferroviária de Curitiba no saguão do Museu Ferroviário. Curitiba, 1999.

LACERDA, Maria Thereza Brito de. Derrubando mitos ; em busca do Colégio Cajuru perdido, à maneira de Dalton Trevisan. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n. 69, 1982.

LAMBACH, Suzy Queiroz. Homenagem Póstuma. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n.69, dez. 1982.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres em sala de aula. In: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo : Contexto, 1997.

MARTINS, Patrícia Carla de Melo. Colégio Nossa Senhora de Lourdes de Franca e o ultramontanismo. In: **Estudos de História**. Franca : Unesp, v. 4, 1997.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In : **História das mulheres no Brasil**. São Paulo : Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Leonor Demeterco Corrêa de . Irmã Julia. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n. 69, dez. 1982.

- PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo : Contexto, 1997.
- PERROT, Michelle. A família triunfante. In: **História da Vida Privada**. São Paulo : Companhia das Letras, 1991. v.4.
- PUPPI, Ildelfonso Clemente. Uma grata reminiscência. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n. 69, dez. 1982.
- RATACHESKI, Alir. Cem anos de ensino no Estado do Paraná. In: **1º Centenário da emancipação política do Paraná (1853-1953)**. Porto Alegre : Livraria Globo S/A, 1953.
- SUPLICY, Maria de Lourdes Lacerda. O dia a dia do Cajuru. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n.69, dez.1982.
- WESTPHALEN, Cecília; BALHANA, Altiva P.; MACHADO; Brasil P.. In: **História do Paraná**. Curitiba : Grafipar, v. 1, 1969.